FENIX

Oliveira Pereira

FENIX

Trata-se de uma história fictícia numa realidade possível. Nenhuma pessoa, viva ou real, nela figura. As personagens como os seus nomes são todos fruto do imaginário. Qualquer relação com pessoas vivas ou com nomes idênticos aos mencionados é mero acaso e pura coincidência.

Capítulo I

Numa noite em que a finíssima adaga da Lua, no escuro firmamento se desenhava brilhante e se pressentia mágica, Jesus talvez por se sentir muito cansado, ou talvez porque em pensamento ainda estava a congeminar números malabaristas e mentirosos, que de forma criativa pudessem construir os resultados patrimoniais dum envelhecido grupo empresarial, ainda muito respeitado, pachorrentamente e pouco prudente, como um sonâmbulo, atravessou o jardim fronteiro ao seu escritório e cárcere das suas vontades, onde àquela hora geralmente habitavam as sombras das feiticeiras de cabelos desgrenhados e prateados, as quais ardilosamente se misturavam e se confundiam com os velhos e disformes choupos. Ao som vibrante e muito chorado das suas invisíveis harpas, Jesus por fim despertou da sua letargia quase crónica, e pouco à vontade, reparou como ostensivamente aquelas feiticeiras exibiam o musgo que orlava a sua escura púbis, como também reparou que aquelas desavergonhadas exibiam os seus redondos e fartos seios e de bocarras escancaradas pareciam estar a profetizar malefícios. À medida que Jesus caminhava por entre aquele paradeiro de sombras misteriosas e encantadas, para encurtar a distância que o separava da estação do "metro" de S. Sebastião, que se situava no outro lado do jardim, aquelas feiticeiras descaradas, em telepatia, assediavam-no a entrar em veredas ainda mais escuras e misteriosas, com a justificação de que aqueles caminhos encurtariam em muito a distância que o separava da referida estação de "metro".

Quando Jesus saiu daquele jardim encantado e entrou na estação do "metro" de S. Sebastião, apesar de se sentir exausto e quase sem fôlego, pois fugira desalmadamente daquelas órbitas bem abertas que o perseguiam com encantos e com feitiços malvados, ainda podia sentir um suor frio a percorrer-lhe todo o seu corpo. Devido ao adiantado da hora, e como já vinha sendo um hábito de há muito, aquela estação de "metro" encontrava-se silenciosa e vazia de passageiros. Apenas um mendigo com o aspecto de ser indigente já há muito tempo estava sentado num dos bancos, de cabeça baixa, e de olhar

perdido numa beata meio apagada que conspurcava a gare. Ritmicamente balançava as pernas no vazio. Pelo que só ele enchia com um eco seco e compassado a grande abóbada daquela estação de “metro”. Jesus continuava exausto e com a sua mente ainda enfeitiçada pelos sortilégios dos mágicos choupos, pelo que não lhe atribuiu uma importância de maior. E tanto mais, que se sentia divorciado dos valores de solidariedade para com o próximo. Para ele, já há muito tempo que aqueles valores tinham sido substituídos pelo oportunismo, vulgarmente conhecido como “lei do mercado”. Na verdade, para Jesus, a máxima de que: “quem muito tem, muito vale”, ajustava-se perfeitamente aos princípios que defendia. Logo, não havia uma razão que justificasse uma atenção especial àquele mendigo incomodativo.

Jesus vivia no seio duma sociedade cosmopolita, muito estranha por sinal, uma vez que para aquela sociedade o consumo máximo era o seu único credo e, o dinheiro era o seu único Deus. Aliás aquela sociedade até depositava muita Fé em irradiar para todo o Mundo os valores que tanto prezava. Pois, estava convicta que aqueles valores fariam com que milhares de unidades fabris, alimentadas por assalariados sem vontade própria, produzissem cada vez mais bens de consumo. O que no seu ponto de vista significava o bem-estar e qualidade de vida para todos os “cidadãos de bem”. Razão porque os membros desta sociedade se habituaram desde tenra idade a tratar os bens, as ideias, e as próprias pessoas, como coisas descartáveis e facilmente substituíveis. Ora vejamos: as pessoas do mundo de Jesus deitavam fora os fatos e demais vestuário somente porque aqueles tinham passado de moda, ou porque já não combinavam bem com a nova vaga de acessórios de marca e com assinatura conhecida; trocavam de carro, somente porque havia outros de modelo mais recente e com um desenho mais inovador e, por isso mais condizente com a aparência da sua nova personalidade; mudavam de casa, a fim de obterem um “status” mais condizente com o seu desejo de ostentação e de grandeza. Por sua vez, em relação às pessoas, o processo era em tudo muito semelhante, pois: trocavam de amigos, apenas porque os antigos deixaram de ser politicamente correctos, ou convenientes às aparências pretendidas; trocavam até de companheiras, ou de companheiros, somente porque aqueles deixaram de ser excitantes e, adequados, ou porque

simplesmente as relações e os afectos carnais se tinham esgotado. Em suma, para as pessoas que viviam no mundo de Jesus havia sempre um desejável novo bem, ou uma atrativa nova amizade, que lhes consumia as energias e as suas poupanças. Porque iria então a mente enfeitiçada do Jesus dar atenção a um indigente que ocupava o último lugar do seu mundo? Depois dos cães vagabundos e dos gados vadios, porque ficava bem àquela sociedade preocupar-se com os animais e era “chique” defender os direitos destes.

A Lisboa dos vagabundos e da marginalidade estava repleta daquelas figuras sujas e vadias, que viviam clandestinamente no meio das suas ruas, ao frio, ao vento e à chuva. Aquela Lisboa marginal e mal cheirosa, contrastava com a Lisboa organizada e perfumada pelas aparências e vaidades, onde Jesus se movimentava muito à vontade. Pelo que tudo fazia para ignorar a parte da sua cidade que a sua mente rejeitava. Como Jesus odiava aquela cidade marginal, onde vegetavam aqueles parasitas sujos e infectos. Para ele, cada mendigo tinha uma longa história sem princípio mas com um fim muito previsível, uma vez que a maré que os trazia à cidade das aparências e das vaidades, também os levava para a sua derradeira viagem, dado que a miséria e a pobreza aliadas à agressividade climatérica, às patologias graves que muitos deles arrastavam há muito consigo, tanto no foro psiquiátrico, como no foro infecto-contagioso, os varria das ruas da cidade, como o vento varre as folhas coloridas com a cor macilenta da morte. Estes excrementos da cidade, eram uma realidade bem conhecida de Jesus, uma vez que quando caminhava pelas largas avenidas da cidade das luzes e da ostentação, encontrava em cada esquina vultos embrulhados em jornais, e os mais afortunados em cartões canelados, que à distância eram assinalados somente pelo seu nauseabundo cheiro. Porém, quando por distração, ou mero acidente, junto deles se aproximava, a sua cor macilenta anunciava-lhe que aqueles vultos estavam prestes a serem varridos pelo esquecimento. Assim, pelo facto de em cada esquina da cidade tropeçar com aqueles infelizes, Jesus constatou que claramente existiam duas formas de morrer: a significante e a insignificante. E, para aqueles indigentes que se embrulhavam nos jornais e no cartão canelado, só poderia estar para eles reservada a morte insignificante. Porque é do mais insignificante que se trata morrer doente, de fome, ou de subnutrição. Aliás,

Jesus acreditava que tendo aqueles vultos vivido vidas insignificantes e miseráveis, seriam para a sua cidade das luzes meros acidentes desta, pois, o seu mundo não guardaria deles qualquer memória.

Pois bem, aquele mendigo era somente mais um vagabundo com o aspecto igual a tantos outros mendigos, que proliferavam e vagabundeavam pela sua bonita e elegante cidade de Lisboa. Logo, não existia uma razão aparente e lógica para que Jesus lhe prestasse uma atenção especial. De súbito, por toda a estação ecoou um seco e forte estalido. O mendigo despertara da sua apatia, com brusquidão levantara-se do banco. Aparentemente parecia que tinha tomado uma decisão e pelo eco dos seus passos, a decisão era caminhar na direção de Jesus. Desconfiado e muito pouco seguro, Jesus armou-se com uma carranca de olhar frio e de rosto mau, ao mesmo tempo que desferia o gesto de quem enxuta um triste podengo das ruas. Mas, o mendigo habituado que parecia estar àqueles gestos de desprezo, ignorou-o por completo. Uma pequena mão encardida, em forma de concha, apareceu à frente dos seus olhos. Jesus não fez nenhum esboço para procurar nos seus bolsos algumas moedas perdidas. Pois, tal gesto iria obrigá-lo a despender movimentos desnecessários. Por isso, voltou a enxotar o impertinente mendigo, desta vez, com a mecânica frase de «Não pode ser!». Porém, à cautela de inconvenientes aproximações, duas vezes repetiu: «Afaste-se para lá! Afaste-se para lá!».

O mendigo, dando sinais que já estava há muito habituado a ser por todos escorraçado, sem pronunciar qualquer som audível, virou as costas a Jesus, e de passo arrastado afastou-se dele para bem longe, como se quisesse marcar a diferença dos seus mundos. Precisamente para o extremo da gare, junto à grande bocarra escura do túnel. Ali colocou uma pose de quem espera um transporte que o levaria a casa. Na verdade, aquele mendigo queria dar a entender a Jesus que também ele esperava pelo metropolitano que já tardava. Que também ele tinha um destino e alguém que o aguardava, e acima de tudo queria dizer a Jesus que tinha também uma casa para pernoitar.

Apesar do frio morder fundo nas desabrigadas carnes do mendigo, parecia que este não era para si o problema maior. Os seus andrajos resumiam-se apenas

a umas largas calças de indefinida cor escura; a um grande casaco que cobria por completo uma camisola também ela de cor escura; uns encardidos e puídos ténis nos pés e, para completar a sua indumentária, um escuro gorro, que cobria uma boa parte das selvagens e sujas madeixas de um comprido e farto cabelo azeviche.

Jesus tinha na sua extensa lista de nomes para o envio de mensagens a desejar "Boas Festas", nomes muito conhecidos na cidade hipócrita, como também na sua lista constavam apelidos ilustres e de grande deferência para os seus importantes cidadãos, que geralmente no cimo da sua sobranceria olhavam para aqueles descartáveis da cidade das luzes, como se tratassem de parasitas sociais. Geralmente, aqueles proeminentes nomes de semblante quase sempre grave e austero, somente porque lhes conferia uma imagem importante e respeitável, no aconchego da sua abastança e dos seus muitos cargos oficiais, muitas das vezes de favor e principescamente remunerados, no mais secreto do seu ser, congeminavam pensamentos de que os pobres deveriam ser eliminados da sociedade, como são os cães e os gatos abandonados. Liquidados de modo humanitário, pelo crime hediondo de serem anti-sociais. Na verdade, aquelas figuras da mais alta deferência e bajulação de Jesus, no silêncio das suas convicções, nutriam até a ideia de que os pobres estavam fadados a continuar na miséria, porque eram intelectualmente menos dotados e menos astutos do que eles e, por isso proclamavam do palanque as suas convicções sociais, embora disfarçadas de liberais e até mesmo de sociais-democratas, que se deveria dar uns pequenos subsídios àqueles desgraçados. Contudo, as suas ideias eram tão abrasivas para os rejeitados da cidade, que ignoravam em pleno o aviso que o poeta António Aleixo fizera, quando escreveu a quadra:

Vós que lá do vosso império
prometeis um mundo novo
calai-vos que pode o povo
querer um mundo novo a sério

A coberto por aquela enorme abóbada ornamentada ao centro com duas fieiras de lâmpadas florescentes, que rasgavam em definitivo a escuridão, estavam naquele lugar, de pé e junto à faixa amarela, a aguardar o “metro” que já demorava, apenas Jesus e o mendigo. Num paradoxo, por detrás deles, nos “out doors” que forravam quase por completo as paredes ladrilhadas daquela estação, um palmo acima da linha dos bancos que estavam encostados à parede, uma repetida e estilizada árvore de Natal, que emanava uma mensagem melíflua, enternecida e cheia de significado. Na verdade era um evidente sinal de que muito em breve, a cidade das luzes voltaria a cobrir-se de luminosos e alegóricos desenhos de muitas formas e cores, e que os seus habitantes, num permanente atropelo e numa febre desenfreada de comprar e de vender, iriam mais uma vez adulterar todo o verdadeiro espírito do Natal, para exaltarem a nova divindade, “o consumo”.

Para inquietação e muito desconforto de Jesus, o tempo àquela hora da noite parecia escoar sem pressa, e ainda por cima, para agravar mais aquela sua sensação de incómodo e de mal-estar, aquele indesejável não sabia estar um minuto quieto. Sempre a andar de um lado para o outro. De súbito, o mendigo sentou-se na gare, com as pernas viradas para o lado dos polidos e faiscantes carris. Com aquela evidente insensatez, Jesus ficou de sobrolho arqueado e a conjecturar sinistras premeditações. À medida que o tempo pachorrentamente se ia escoando na ampulheta, Jesus ia acumulando tensões nervosas que o deixavam inquieto e muito pouco seguro. Por isso, a dado momento recuou alguns passos, e com o ar de quem não quer saber do que se passa perto de si, começou a olhar em detalhe os “out doors” alusivos ao Natal. Engano seu, uma vez que a sua mente passou a ordenar-lhe que de soslaio continuasse a controlar os movimentos daquele mendigo insano, que sentado na gare, com as mãos apoiadas nos seus bordos, ora, ritmicamente balançava os pés no vazio, ora ficava com o olhar preso nos brilhantes carris, como quem neles colocava a realização de um grande projeto.

Jesus sentia-se impotente para enfrentar aquela situação desconfortante, pelo que à medida que o tempo lentamente se ia evaporando, ele fazia preces a forças divinas, para que outros passageiros entrassem naquela estação de “metro” vazia, e retirassem da gare aquele indesejável. Por fim pensou: «mas

onde pára a polícia! Quando precisamos dela nunca aparece…». Vencido pelos nervos, numa voz que procurava ser firme e segura, exigiu ao mendigo que imediatamente saísse daquele lugar. Mas, o mendigo não lhe prestou qualquer atenção nem deu crédito ao seu pedido. Continuou com o mesmo olhar apático, para um ponto de luz que bailava nos carris luzidios. Pela imobilidade do mendigo, maus pressentimentos começaram a invadir os pensamentos de Jesus. E foi por esse motivo, e não outro, que os seus olhos já não se desprenderam daquela escura figura.

Por vezes, assaltavam-no pensamentos vagabundos que lhe ditavam, que aqueles portadores da "marca da canga", não tinham a agudeza nem a destreza mental dos seus modelos de virtudes, uma vez que deixaram que os seus amigos lhes confiscassem os seus bens para o seu luxuoso usufruto, e penhorassem o seu futuro para o seu próprio bem-estar. Na verdade, aquelas astutas personagens, no silêncio e ao estilo da toupeira, tinham sabido escavar no submundo da malevolência e do maquiavelismo, e desse modo subterrâneo de viver, tinham conseguido encontrar o caminho mais fácil para a obtenção de honrarias, privilégios e riquezas que se multiplicavam a todo o momento, dando certeza à máxima de que "dinheiro puxa dinheiro". Assim, aqueles seus modelos de muita abastança, mas com rendimentos declarados que os colocava na insolvência e na isenção de impostos, sem qualquer sombra de remorsos ou mesmo de qualquer visível pudor, lentamente empurravam aqueles abandonados pela luz, para uma insignificante morte, porque o desemprego, os ordenados que mais parecem esmolas, e por vezes tardiamente pagos, ou não pagos, a frustração, e a incerteza da vida, são a gadanha do apocalipse que os dilacera e que lentamente os executa.

Apesar dos insistentes apelos de Jesus, para que o mendigo se levantasse e saísse daquele perigoso lugar, não tinham naquele vulto escuro qualquer efeito, uma vez que aquele aparentemente continuava apático e ausente. Os nervos de Jesus começavam a dar sinais evidentes que dominavam por completo as suas palavras e os seus gestos, pelo que descalçou as luvas de pelica, e de dentro do bolso do casaco retirou a sua gorda carteira, e de dentro desta, tirou uma nota de cor vermelha. Com aquele isco na mão direita, acenou na direcção do mendigo. Mas, para sua grande surpresa e estupefacção,

aquele desviou por momentos o olhar dos faiscantes carris, mirou a nota que à distância lhe acenavam, ignorou-a, e sem se mexer voltou à contemplação dos carris.

Jesus ficou agastado pelo desinteresse que o mendigo demonstrou à sua boa acção do dia, pelo que uma vaga de interrogações varreu a mente de Jesus: porque estava ele a preocupar-se tanto com aquele mendigo? Se as pessoas com quem se identificava, estavam até convictas que aquela praga que cobria a bela e atraente cidade de Lisboa, eram em tudo idênticas às bolas da cor do chumbo que cobrem o pelo do podengo vadio. E tal como aquelas bolas cinzentas, deveriam ser também exterminados. Aliás, diversas vezes chegara mesmo a ouvir da boca daqueles seus ilustres, que ao invés de lhes serem dados subsídios e demais apoios sociais, deveriam antes dar-lhes aquela benfazeja solução, dado que o apoio social, só iria gerar a possibilidade daqueles infelizes se reproduzirem em maior número, e dessa forma contribuírem para que no mundo houvesse mais seres inferiores. Eram uma praga que iria contribuir para que se baixasse a média do Q.I. da humanidade, e quiçá, o seu grande número até poderia estar também a contribuir para a falta de segurança, para o bem-estar e até para uma ameaça real à ordem pública.

Jesus voltou a mirar de soslaio o mendigo, que continuava apático e muito meditativo a olhar para os carris luminosos, e a sua mente povoou-se de horrores, pelo que ficou aterrorizado somente pela possibilidade dos anti-sociais se multiplicarem. E, tanto mais que os seus amigos, nas alturas de imaginários palanques, tantas vezes lhe haviam preferido que aqueles infelizes deveriam ser abandonados à sua sorte, uma vez que Deus já tinha para eles traçado o caminho da felicidade, a qual lhes estava somente destinada no reino dos céus. Porém, na Terra, aqueles marginais, vagabundos e anti-sociais, deveriam ser exterminados a bem da ordem pública e da estabilidade social.

De súbito, um ruído metálico começou a crescer naquela bocarra escura. Para poucos segundos depois, dar lugar a um distinto som de rodado sobre carris, que se aproximava a alta velocidade daquela estação. Por breves momentos, pareceu a Jesus que aquele tão ansiado som metálico lhe paralisara todas as

ideias e lhe suspendera a respiração. A visão dum corpo a ser trucidado era algo que o deixava aterrorizado. Desesperado com o previsível cenário, Jesus passou repetidamente a olhar, ora para aquela maltrapilha figura que impavidamente continuava sentada no bordo da plataforma, ora para a grande bocarra negra que iria vomitar um comboio a grande velocidade. Momentos depois, daquela escuridão nascia um pequeno sol que faiscava e crescia. Ainda estava distante, quando aquele sol começou a apitar de forma desesperada. Quando o comboio já estava perto da grande boca, um chiar metálico e agonizante saiu dos seus rodados, ao mesmo tempo que se soltavam dos seus rodados pequenos cometas de fogo que lambiam as paredes do túnel, e faziam reflectir naqueles carris luzes vermelhas e douradas.

O impacto com aquele vulto escuro parecia já ser quase inevitável. Num último relance que Jesus dirigiu ao mendigo, apercebeu-se que aquele se preparava para saltar para as luzes dos carris que o atraíam como a um insecto. Foi já no vazio que Jesus conseguiu agarrar a gola do seu casaco puído. Com uma força que supunha não possuir, arrastou o mendigo para a segurança da linha dos bancos. Porém, com aquele seu gesto, Jesus ficou momentaneamente incrédulo, uma vez que em muitas conversas com amigos, sempre lhes havia dito que não existiam heróis, só existiam meras coincidências. Aliás, àqueles foliões amantes da cavaqueira e da boa cerveja, por piada, certa vez até lhes contara como chalaça, que em tempos conhecera um indivíduo, que no Terreiro do Paço, não hesitara em saltar para as águas poluídas do Tejo, a fim de salvar uma criança que caíra acidentalmente naquele paraíso das gaivotas, e perante o olhar surpreendido e atónito dos seus ouvintes. Acrescentava logo de seguida com uma grande hilaridade: «mas, quando lhe dei as felicitações por tão heróica acção, ele só me repetia: quem foi o “gajo” que me empurrou! Quem foi o “gajo” que me empurrou!». E, todos riam a bom rir. Por outro lado Jesus não sabia exactamente o que transformava os indivíduos em lendas, como também não sabia justificar o que o tinha levado em direcção ao perigo, enquanto outros homens certamente teriam ficado siderados e paralisados pelo horror. Quem dos seus conhecidos poderia profetizar que naquela noite, Jesus

salvaria um mendigo duma morte mais do que certa? Nenhum deles teria esse dom.

Estendido no chão, com pasmos epilépticos e uma força descomunal para se libertar das garras que o prendiam ao pavimento da estação, este mostrava que ainda não tinha compreendido a bondade manifestada por Jesus, e tanto mais que depois de goradas que foram as suas tentativas mais impetuosas para se libertar das mãos de Jesus, o mendigo começou a esbravejar palavrões emporcalhados, a praguejar-lhe frases satânicas e a profetizar o inferno como o seu destino final. Os seus gritos blasfemos e dilacerantes claramente exprimiam quanto era o seu desespero por ter sido salvo, e quanto era a sua frustração por ter fracassado em pôr termo à sua miserável existência.

Aquele cavernoso linguarejar em nada influenciou a determinação de Jesus. Apenas o seu timbre de voz o deixou perplexo, uma vez que o denunciou como sendo uma mulher, que obtivera o doutoramento em infâmia e em vocabulário obsceno.

O "metro" abruptamente estacou. Abriu as portas, e Jesus de soslaio pôde ver, que apesar de alguns passageiros praguejarem ainda pelo facto de terem sido vítimas de algum desequilíbrio, ou de alguma inadvertida pisadela, ou até mesmo de algum encontrão um pouco mais brusco, também aqueles passageiros se juntaram aos demais, para através das janelas e das portas do "metro" ansiosamente perscrutarem em todas as direções, a fim de descortinarem o que justificava tão violenta travagem. De súbito, todos aqueles olhares inquisidores confluíram para a mesma direção, depressa tinham deduzido o que ali tinha acontecido, razão porque de imediato desenharam no seu semblante a desilusão e o descontentamento. Na verdade, aqueles passageiros de ar curioso e muito aborrecido esperavam poder assistir ao drama da morte, ou no mínimo, esperavam assistir ao espectáculo do sofrimento, e como isso não tinha acontecido, o seu desencanto visivelmente foi enorme. O Homem sempre concedeu muita importância à morte. Mas, a morte não é uma festa! Não pode ser uma festa numa mente santa. Por isso, na sua consciência aquela nunca poderá ser para ele um espectáculo. No

entanto, reminiscências da sua animalidade primitiva fazem com que fique fascinado e enlouquecido por esta. Por isso, o Homem é sem qualquer dúvida o animal mais agressivo e o mais feroz deste Mundo, uma vez que por princípio sente prazer em admirar o sofrimento, em torturar e até mesmo em matar todos os outros animais, inclusive o seu próprio semelhante. Contudo, a força da razão e a saudade que têm de Deus e do melhor de si próprio, levam-no a reprimir estes seus primitivos impulsos.

A adrenalina que embriagava o corpo de Jesus, fez com que ele visse nos espantados olhares dos passageiros daquele "metro", as mesmas máscaras dos aficionados da festa do toureio, que ao som de "passo dobles" e de luzes apocalípticas, aplaudem o homem que em passo garboso e gestos muito afeminados se pavoneia no redondel. Na verdade, aqueles olhares espelhavam os olhares daqueles que vibram quando o homem vestido de luzes e de chispas de prata estoqueia e fere o inocente touro, que ainda pela manhã do dia anterior, pachorrentamente pastava nas suas planícies douradas e solarengas. Assim, foi com os mesmos olhares de emoção e de algum espanto, que aqueles passageiros visaram o homem que segurava aquele andrajoso mendigo, que proferia palavrões e se debatia convulsivamente na fria gare da estação de S. Sebastião. O "metro" voltou a apitar, com um surdo estrondo fechou as portas, e desapareceu a grande velocidade na outra bocarra negra. Momentos depois, o silêncio voltou a imperar naquela deserta estação de metropolitano. Jesus voltou a ficar sozinho com aquela infeliz, e sem saber o que fazer. Embora, no seu interior estava predisposto a fazer tudo o que fosse necessário para proporcionar segurança àquele mendigo, quiçá, para se redimir dos seus ideais manifestados no passado. E tanto mais, se o Homem conseguiu dominar as forças da natureza, vencer as epidemias, exterminar os animais selvagens que o ameaçavam. Só lhe restava conseguir dominar o seu desinteresse pela vida humana. Por isso ele estava a dar o primeiro passo, uma vez que caso contrário tornar-se-á no seu maior e pior inimigo. Na verdade, uma poderosa e invisível força do seu EU impedira-o de entrar naquele "metro", que o aguardara durante algum tempo. No entanto apesar do apelo sonoro deste, preferiu permanecer junto daquela infeliz, a fim de ter a certeza que ela não voltaria a repetir o seu tresloucado acto.

Quando os pasmos daquele corpo começou a esmorecer, numa voz que procurava ser ao mesmo tempo simpática e compreensiva, para dar início a uma conversa que pretendia ser cortês, Jesus procurou saber como aquela infeliz se chamava. Após alguma insistência, obteve através duma voz rouca, que mais parecia ter saído das profundezas dos abismos, o nome de «Bárbara!». E, o mendigo ao dar a conhecer o seu nome deixou cair o véu do seu anonimato, pelo que deixou de ser insignificante para Jesus.

As muitas árvores de Natal estilizadas nos “cartazes” que decoravam aquela estação do “metro” tinham despertado em Jesus o significado do seu símbolo, que por ter origem nos primórdios das mais antigas civilizações, não pertencem somente à nossa civilização, mas sim, a toda a Humanidade, passada e futura. Jesus, nunca dera conta da origem e da beleza do rito do Natal, como também desconhecia por completo o real significado da quadra que naquele momento se vivia. Na verdade, poucos Homens do seu mundo conheciam a importância da sua mística, ou da riqueza cultural herdada de povos que nos precederam. Embora, Jesus sempre tivesse sentido no mais íntimo do seu ser, que aquela quadra era muito especial para a Humanidade, uma vez que o Natal representa um ideal que nasceu com os Homens: o desejo de dar, de servir e o de receber. O sonho do amor Universal!

Assim, contagiado pelos muitos símbolos espalhados pela cidade, imbuído do antigo desejo da Humanidade, Jesus queria redimir-se e para isso pretendia começar por ajudar a Bárbara. Por outro lado, Jesus não queria por nada deste mundo, que na sua consciência ficassem resíduos de culpa, ou que viesse a permanecer qualquer duvida na sua mente, se uma mulher chamada Bárbara, ao virar das suas costas, teria ou não repetido a sua intenção de se auto-destruir.

Assim, pelo poder que Jesus tinha de inverter o destino de alguém, sentia que caminhava para a essência da divindade. E, como tal, sentia que tinha acabado de se transformar num deus em potência e em acção. Pelo que estava determinado a fazer o seu melhor para ajudar a Bárbara, pelo que lhe disse tem um bonito, fórmula habitual para se dar início a uma conversação com uma estranha. Como o olhar de Bárbara continuava apático, acrescentou: que ela não tivesse receio, pois ele pretendia unicamente ajudá-la.

O frio e o cansaço que Jesus sentira antes, deixaram-no de o importunar. Na sua mente apenas residia o forte desejo de ajudar aquela mulher. Por isso, com uma voz que procurava estar modelada pela indulgência, perguntou-lhe onde morava. Apesar do silêncio que se seguiu, Jesus não desistiu. Pelo que após alguma insistência, obteve dela uma expressão evasiva, o que não o satisfez. Pois, Bárbara respondera-lhe que morava: «Em todo o lado e, em lado nenhum». Porém, talvez fosse o espanto que trespassou as linhas daquele rosto, sério e visivelmente preocupado, que fez com que Bárbara sentisse necessidade de completar a sua resposta evasiva, e por isso, disse-lhe de seguida: que não tinha residência, mas que qualquer canto lhe servia para dormir. Pelo que Jesus numa voz que não permitia rejeições ordenou-lhe: «Vem comigo! Vou encontrar um lugar onde possas ficar…».

Capítulo II

Sempre que Jesus se cruzou com alguém, e lhe deu a conhecer o seu nome de baptismo, as dificuldades e as asperezas da vida desse alguém nunca lhe foi indiferente. É voz corrente proferir que para se chegar ao cimo, é necessário esmagar muita gente durante a caminhada até ao topo. Porém, não há conhecimento que alguém se tivesse apresentado como vítima da caminhada de ascensão de Jesus. Todas as pessoas que de algum modo com ele se cruzaram, só podiam dar boas referências a seu respeito, uma vez que ele sempre as tratou com muito respeito e a maior das cortesias. Aliás, sempre teve como preocupação a de atribuir o justo mérito por quem teve a responsabilidade de avaliar. Às pessoas do seu círculo de influência tudo fez para não prejudicar as suas carreiras com alguma eventual injustiça, antes pelo contrário, incentivava-as e ajudava-as a crescer profissionalmente. Em face deste seu modo íntegro de estar e de agir na vida, Bárbara já não lhe era uma pessoa indiferente. Pelo que um forte desejo de a ajudar tomou o seu coração mais afável e decidido. Este sentimento de ajuda ao próximo está presente diariamente na vida de cada um de nós. Em boa verdade, apenas estamos demasiado atarefados para o reconhecer, ou para o ver, uma vez que os nossos cérebros estão sempre muito agitados com a azáfama do nosso dia a dia, e por conseguinte, irradiam tanta poluição mental que verdadeiras nuvens densas de pensamentos rodeiam o nosso Eu, impedindo-nos por isso de nos preocupamos com os problemas de alguém que esteja ao nosso lado, ou que connosco se cruze.

Assim, e porque as mulheres são naturalmente mais intuitivas do que os homens, essencialmente devido ao hemisfério predominante do seu cérebro

ser o criativo e o dos homens estar mais virado para a acção, Bárbara reconheceu no timbre daquela voz nervosa, que procurava ser firme, a segurança que já sentiu em outros tempos, e tal como em menina, levantou-se e muito obediente caminhou atrás daquele homem que lhe prometera ajuda, sem parecer ansiar por agradecimentos, ou algo mais. E tanto mais que ela era uma mulher muito conhecedora e experiente dos segredos da vida e, aquele cavalheiro aparentava ter a idade crepuscular em que o espírito está sempre disposto à aventura, mas a carne já vacila, e por isso, gera-lhe a insegurança que intercepta e fere qualquer desejo. Pelo que como uma sombra despida de todo o preconceito e segura de si, ela seguiu aquele homem que trajava de fato preto e gravata garrida. No entanto, apesar da aparência de ausência de superstições no semblante de Bárbara, o seu andar vacilante dava mostras de que ainda havia uma réstia de timidez, talvez resquícios da sua personalidade antiga.

Na generalidade, as pessoas tímidas são inteligentes, uma vez que desse modo sorrateiro, sem se fazerem notadas, acumulam sabedoria e bom senso. Os olhos tristes de Bárbara ajudavam a reforçar essa aparente timidez, e portanto essa inteligência secreta, uma vez que o seu olhar reflectia a sombra da angustia causada por todas as amarguras porque já passara, ao mesmo tempo que parecia também ser de esperança, pelo que com um olhar cabisbaixo seguiu aquele homem que lhe prometera ajuda sem nada querer em troca.

Jesus, depois de ter-se responsabilizado pela estadia de Bárbara na recepção dum hotel de três estrelas, situado mesmo em frente à Estação do “Metro” perto do Jardim das Assombrações, reparou que esta ainda se encontrava num estado de aparente marasmo, pelo que acabou por a acompanhar ao quarto número 103, abriu a porta, acendeu as luzes, e entrou num quarto espaçoso, mobilado com uma cama, secretária, roupeiro, cadeira e mesa de apoio. Janelas altas, uma espaçosa casa de banho, e uma pequena varanda de adorno. Afastou os cortinados de tecido espesso com rosas vermelhas estampadas e pôde por breves momentos admirar a cidade iluminada com uma profusão de néones de muitas cores e luminosidades. Assim, por alguns minutos, daquela janela contemplou mais de 20 séculos de história. Na

verdade Lisboa é uma das poucas capitais europeias que conserva ainda o encanto e a beleza de outrora. Pois daquela janela antiga, Jesus podia até adivinhar ao longe as suas ruas estreitas que vão escoar ao rio com muitas cores cintilantes reflectidas, com a mesma traça quinhentista, que daquela janela podia até sonhar com navegadores, mercadores e descobridores de outros tempos.

Bárbara que tinha inicialmente ficado à porta do quarto, acabou por entrar com um olhar ainda desconfiado e pouco seguro. Sob os seus pés o soalho rangeu docemente em sinal de boas-vindas. Ainda Jesus admirava as coloridas e tremelicantes luzes da noite de Lisboa, quando Bárbara, atrás de si, num sussurro lhe disse: «ninguém até hoje foi assim tão bom e carinhoso para mim! Parece um milagre! Parece-me um sonho!». Jesus virou-se e pela primeira vez mirou Bárbara: o seu ar desprotegido e abandonado deu-lhe a impressão, que ela não passava de uma criança grande que ainda acreditava em milagres. Para Jesus, o que não faltavam era milagres. Bastava querer e eles surgiam a qualquer momento. No entanto, lembrava-se muito bem de quando era garoto. E, como ficava encantado com as histórias maravilhosas que lhe davam conta de milagres... Os meninos de hoje já não tem essa sorte, já não ouvem essas histórias maravilhosas que iluminam os olhos nas noites de verão. Hoje, basta abrirem a televisão para surgirem aos seus olhos milagres em catadupa. Mas, Bárbara ainda acreditava em milagres e contentava-se com eles, mesmo pequenos, simples e singelos que fossem. Perante o olhar penetrante de Jesus, ela baixou os olhos, como que envergonhados. O rasto duma lágrima testemunhou o bem que Jesus lhe estava a proporcionar. Pois toda a rosa tem os seus espinhos, e todos os cactos tem um pouco de água no seu interior, depende somente como vemos a vida, e apesar das vicissitudes desta para com Bárbara, aquela lágrima demonstrava ter ainda sentimentos que afloravam na sua alma, portanto nem tudo para ele estava perdido. Ainda havia esperança desta vir a encontrar a felicidade que ambicionava.

Depois, Jesus abriu a gaveta da secretária e retirou de dentro dela um saco de plástico com a indicação de “Roupa Suja para a Lavandaria”, e entregou-o a Bárbara, ao mesmo tempo que lhe pedia: «Vai à casa de banho… tira as tuas roupas e põe-las neste saco! De seguida, toma um banho bem quente! Que

bem precisas!». Ela, silenciosa prontamente obedeceu àquela ordem. Entrou na casa de banho e verificou que a porta tinha puxador e nem tinha fecho. Embora aparentemente não fosse visível ter-se importado, o que é certo é que um estranho receio a invadiu momentaneamente e interrogou-se: «será que aquele homem me vai observar cheio de más intenções? Ou, quererá ele apenas ajudar-me, como aparenta…!». Contudo de seguida a sua mente respondeu-lhe a este receio: «o que quer que venha a acontecer, não poderá ser pior que retornar à miséria e à solidão das ruas!». E, correu a cortina da banheira, ajeitou as toalhas de banho no toalheiro, pôs a jeito o sabonete e os sais de banho e abriu a torneira de água quente, que correu livre.

Enquanto a água corria cantarolando e fumegante, com a banheira meia de água, Bárbara colocou os sais de banho tornando-a verde. Começou lentamente a despir as suas vestes impregnadas com o cheiro pestilento da cidade, dobrando-as cuidadosamente antes de as colocar dentro do saco de plástico que Jesus lhe dera antes. Nua, meteu um dos pés na água quente para sentir a temperatura da água, e achando-a boa, meteu o outro pé também. Sentou-se dentro da banheira e com as pernas esticadas chapinhou um pouco com os pés para ver aquela espuma branca crescer. Depois, deitou-se ao comprido de maneira a submergir todo o seu corpo castigado pelos muitos meses na rua, e assim ficou sob a espuma branca e perfumada a maravilhar-se com o prazer e conforto que esta lhe proporcionava.

Em boa verdade, nada é mais relaxante e agradável do que tomar um prolongado banho de imersão quente, após um dia de tantas emoções e muitas peripécias. Não sei se pela imersão, se pela temperatura da água, o que é certo é que os seus sentimentos de isolamento e exclusão social lentamente foram-se dissipando no fumo que em espiral subia para o alto. Por isso, com aquela sensação de bem-estar, recostou-se ainda mais na banheira, fechou os olhos e pensou: «será que se eu morresse alguém se importaria? Se eu fosse atirada morta e indigente para uma vala qualquer…». E, como resposta teve apenas o som da água que continuava a correr da torneira límpida e fumegante. Com aquele calor a mordiscar-lhe as carnes, dolentemente foi relaxando o seu corpo mal tratado. Com as pontas dos dedos da mão direita brincou com aquela espuma branca e lembrou-se dos seus tempos de menina,

na praia a brincar com a espuma das ondas do mar. De súbito vieram-lhe memórias mais recentes, e aquela espuma passou a lembrar-lhe a espuma branca que flutuava nos rios mal cheirosos que corriam sob as pontes em que ela, também mal cheirosa, morava. Todavia, aquela sensação de calor e de conforto ia aos poucos e poucos entorpecendo todo o seu corpo carente, o que era muito natural, uma vez que a associação que o Homem faz, desde a sua infância de aconchego, é a principal razão porque as pessoas procuram nos dias frios o conforto em bebidas quentes e em sopas fumegantes.

Para Bárbara, aquela agradável sensação de bem-estar, só tinha igual com o repouso que os guerreiros conhecem depois de uma dura batalha. O cheiro de eucalipto que emanava daquela água verde com muita espuma branca cobria o pestilento odor que vinha do saco de plástico com as suas esfarrapadas e sujas roupas, que lhe faziam recordar a sua condição de mendiga, e por isso torturavam a sua mente. Nem mesmo quando a maçaneta da porta desceu, ela saiu do seu estado de torpor e da sensação de conforto que a água quente lhe proporcionava em todo o seu corpo. Só quando viu Jesus é que com algum pudor se ajeitou o melhor que pôde, cobrindo-se com a espuma abundante a fim de tapar tanto as suas intimidades, como disfarçar o afogueamento que sentiu subitamente no seu rosto. Ele olhou-a com um sorriso benevolente, mostrando-lhe nas mãos um roupão longo, cor-de-rosa, e com o logótipo do hotel no seu pequeno bolso superior esquerdo, que sob o seu olhar atento, o pendurou num cabide próximo dela. Ao ver aquela peça de roupa pendurada, Bárbara ficou com o semblante mais suave e mais tranquilo, pelo que mergulhou a cabeça naquela água verde com muita espuma branca, e lavou os seus longos cabelos pastosos.

Depois, sentou-se na banheira de costas para Jesus, e disse-lhe com uma voz de menina: «Por favor! Ajude-me a lavar as costas!». Como resposta, Jesus despiu o seu casaco e pegou na esponja que estava no lavatório e pressionou-a contra o seu dorso encardido, e com movimentos lentos percorreu com suavidade os seus ombros maltratados. Subiu para o pescoço tisnado do Sol e esfregou-o também com o mesmo cuidado, enquanto Bárbara segurava o seu farto cabelo molhado por cima da sua cabeça. Volta e meia a mão de Jesus retornava às águas quentes e espumosas da banheira para nelas lavar e

embeber a esponja com aquela água verde e retomar a esfrega. Com aqueles movimentos repetidos, sincronizados e ao toque suave da esponja, Bárbara foi relaxando pouco a pouco o seu corpo dolente. Depois, Jesus passou a percorrer com a esponja cada vértebra das costas de Bárbara, contornando-lhe a lombar e todas as curvas do seu corpo magro. Sob a espuma branca, o corpo de Bárbara desacostumado àquele toque suave e gentil ameaçava relembrar a vivacidade de outros tempos. Sem dar mostras de ter percebido aquele rejuvenescer, Jesus continuou absorto a esfregar as costas de Bárbara. Quando deu por concluída a tarefa que lhe fora solicitada, Jesus tocou-lhe ao de leve no ombro direito e ela voltou-se para ele, com o braço esquerdo a cobrir mal os seus seios, que por essa razão se anteviam serem firmes e pequenos. Empurrou-lhe o tórax delicadamente com a ponta dos dedos, para que ela se recostasse no topo da banheira, e àquele toque, ela mirou-lhe os olhos azuis com os escuros olhos dela e sorriu-lhe já sem um grande pudor a colorir a sua face. E como consequência daquele olhar penetrante, sem uma palavra, Jesus suspendeu o movimento que fazia com a esponja, deixou-a cair na água verde e saiu em silêncio da casa de banho.

Pouco tempo depois, também em silêncio, Bárbara saiu da banheira, vestiu o roupão e saiu pingando pela porta sem fecho da casa de banho. Jesus já de casaco preto e gravata garrida aguardava-a sentado na cadeira da mesa de apoio e disse-lhe com alguma emoção mal contida na sua voz: «Ah, Bárbara! Já encomendei à Recepção o teu jantar! Aguarda um pouco que deve estar mesmo a chegar…». Acendeu a televisão e viram uma reportagem sobre o Natal que se avizinhava. Pouco tempo depois uma empregada de bata azul bateu à porta do quarto e entrou com um carrinho, com uma refeição simples mas farta. Bárbara quando viu as iguarias do seu jantar, já não tinha mais nada para perguntar, não esperava mais nada e não se importava com mais nada. Pois é muito difícil viver entre a miséria e a fome senti-la na carne e ter que ficar... Calada... E de mão estendida à caridade. Comeu com a pressa que se aprende na rua. No fim daquela farta refeição, Jesus disse-lhe: «Bárbara, vou-me embora! Amanhã, pouco depois do teu pequeno-almoço estarei de volta com novas roupas para te vestires!». Pouco tempo depois, já na rua, Jesus ouviu o ruído familiar da cidade. Uma sirene soou não muito longe dali e

misturou-se com o barulho da cidade. Pois, Lisboa à noite expirava ressonante e com insónias. Um táxi com a luz verde a tremelicar surgiu da esquina, e Jesus fez um sinal com a mão direita para ele parar. O táxi parou, e Jesus seguiu para um bairro distante, localizado na periferia.

De manhã, quando bateram há porta do quarto de Bárbara com o seu pequeno-almoço, esta ainda dormitava sob a luz fraca e crua da madrugada. O dia desenhava-se chuvoso e cinzento igual aos da semana que findara. Bárbara espreguiçou-se e levantou-se muito a custo, vestiu o robe cor-de-rosa e abriu a porta à "empregada de quartos" que lhe trazia a primeira refeição do dia, a qual apesar de simples foi bastante completa. Depois de ter tomado o pequeno-almoço Bárbara ficou um pouco sonolenta, pelo que aproveitou para descansar mais um pouco.

Por essa altura já andava Jesus às compras num Centro Comercial ali próximo, atrapalhado com a complexidade exigida pelo figurino feminino, uma vez que este era composto por vestidos, saias, blusas, acessórios, botas, mala, cintos e uma panóplia de outros adereços. Enquanto que o guarda-roupa masculino é muito mais restrito, bastam duas, ou três camisas, mais dois pares de calças e o homem está vestido para um ano inteiro. Jesus explicou a situação a uma empregada da boutique de pronto-a-vestir, e esta recomendou-lhe a compra de um vestuário feminino completo, e aconselhou-o que a sua melhor escolha seria começar por adquirir um vestido preto, dado ser muito versátil, uma vez que bastava aplicar um cinto, um colar ou uma pregadeira, para a mulher poder usá-lo em várias ocasiões, para além do preto combinar com todas as cores, e permitir destacar os outros acessórios, como sejam a mala e os sapatos. A sua escolha acabou por recair num vestido preto curto de poliéster; numa Carteira de tecido da mesma cor; Sapatos com um pouco de salto de couro metalizado, Brincos com argolas cromadas e um colar com o mesmo tipo de argolas. Por fim, a Jesus faltava-lhe somente comprar a "lingerie". A dificuldade foi enorme, uma vez que desconhecia tamanhos e todos os modelos para ele eram de enlouquecer, pelo que foi a empregada a sugerir-lhe um Biquíni quase Invisível; um Sutiã de Meia-Taça e Meia-Calça. Jesus saiu da boutique com todas as compras convencido que a Bárbara iria ficar encantadora e muito deslumbrante.

Pouco tempo depois, Bárbara segurava nos sacos que Jesus momentos antes lhe dera para as suas mãos. Abriu-os com a curiosidade de uma menina pequena. Mal colocou os olhos no que tinham dentro deles, esbugalhou os olhos de contentamento, para logo a seguir ficarem rasos de água. Bárbara gostaria muito que aquele momento de magia durasse para sempre. Aqueles presentes eram um sonho que se tornou realidade. Por isso, havia luzes nos seus olhos escuros que podiam bem acender universos. Por sua vez, Jesus ao presenciar aquela manifestação de alegria estouvada, sentiu uma sensação estranha que o paralisou em palavras e em acção. Bárbara olhou para Jesus e lentamente aproximou-se dele, e deu-lhe um beijo fugidio na face e disse-lhe**:** «nada tenho para lhe oferecer em troca destes presentes, senão este beijo! Mas, que ele possa demonstrar toda a minha gratidão!». Jesus sentiu-se muito feliz, pois o beijo é algo que agrada a qualquer um, por isso aquele beijo trouxe a Jesus um certo bem-estar.

Para quebrar o silêncio que se fez naquele quarto, Jesus disse-lhe: «Há um Salão de Beleza aqui em frente! Precisas de cuidar do teu cabelo e das tuas unhas! Veste-te, e vamos até lá!». Bárbara não deixou que aquela oportunidade lhe escapasse por entre as mãos, por isso prontamente respondeu-lhe: «Vou já me vestir, levo apenas cinco minutos a faze-lo!». Momentos depois, a Bárbara estava linda e deslumbrante com aquele vestido maravilhoso. A aparência marca a diferença de se ser bem recebido, ou não. Mas, como poderá a Bárbara não ser bem recebida na outra Lisboa, se ela se transformou numa voluptuosa e encantadora mulher? Com aquele figurino ela vestiu-se de coragem, e com ele retirou para sempre a máscara das ruas, e os seus pés que conheceram os caminhos da Lisboa malcheirosa, saíram daquele Hotel confiantes até ao Salão de Beleza.

Os cabelos de uma mulher são uma moldura sofisticada do seu rosto, pelo que Bárbara teria que escolher com cuidado o corte de cabelo. O jovem Cabeleireiro que a atendeu sugeriu-lhe um corte que dava continuação às linhas vincadas do seu rosto e ela concordou. Pelo que lhe fez uma franja viseira em forma de meia-lua invertida, que partia em cascata dos seus ombros, e de seguida pintou-lhe os seus cabelos negros, em tons de azul, preto e framboesa. A Bárbara ficou maravilhosa com o seu novo visual.

Depois, a fisionomia de Bárbara foi redesenhada… A sua boca que fora esmagada por uma comissura de tristeza, foram desenhados lábios sensuais e atrevidos. As sobrancelhas que eram fartas de pelos, ficaram arqueadas e bem delineadas. Os seus olhos outrora sempre tristes e melancólicos, ficaram marcados com tons fumados. Por fim, para realçar a pele tisnada do seu rosto, aplicaram-lhe um pouco de blush. Ao mesmo tempo que lhe faziam estas operações de cosmética, a manicura sentou-se à sua frente, com grande habilidade arredondou-lhe as extremidades das suas unhas, e de seguida esmaltou-as com um vermelho escuro. Bárbara à frente daquele espelho mágico, aos poucos transformou-se numa nova mulher, que seduz os olhos de quem olha para ela. Sem dúvida que a maquilhagem é a maior amiga das mulheres, e disso foi exemplo Bárbara, uma vez que num passe de mágica, ela rejuvenesceu, o seu olhar valorizou-se e os seus lábios tornaram-se bonitos e irresistíveis.

Quando a Bárbara saiu do Salão de Beleza, tinha-se transformado numa outra mulher, numa mulher mais sofisticada e deslumbrante. Quando ela passava por alguém, o seu perfume com uma fragrância forte e adocicada maravilhava esse alguém, até ao ponto de incendiar os olhares masculinos e criar inveja nos olhares femininos. E ela gostava muito dessa nova sensação que deixava atrás de si.

Jesus olhou para o seu “Rolex” e despediu-se dela, prometendo-lhe regressar no dia seguinte com uma possível proposta de trabalho.

Capítulo III

Como tinha prometido, Jesus no outro dia de manhã deu-lhe um contacto para uma entrevista de emprego, e disse-lhe: «a Dra. Joana Silva, Directora dos Recursos Humanos da Vellert - Portugal, às 9:00 horas de amanhã, estará à tua espera nesta morada! Dizes-lhe que vais da minha parte…», e deu-lhe um pequeno papel com o endereço e o contacto da empresa.

A Vellert – Portugal era uma sociedade que prestava serviços de "Merchandising" e "Promoções". Em regime de "Outsourcing" geria nessa área os recursos dos seus Clientes, de forma a permitir-lhes concentrarem-se apenas nos processos nucleares dos seus negócios. Por esta razão orgulhosamente a Vellert - Portugal caracterizava-se por ser uma parceira importante dos seus Clientes.

Á hora marcada, Bárbara estava na Recepção da Vellert - Portugal e fazia-se anunciar à Recepcionista para a sua entrevista agendada com a Dra. Joana Silva. Pouco tempo depois, uma jovem magra, vestida com um casaco preto e cabelos loiros escorridos, presos em um rabo-de-cavalo, de passo rápido e movimentos enérgicos, com um grande sorriso, cumprimentou Bárbara. Com um gesto pediu-lhe para a acompanhar até ao seu gabinete. Bárbara pôde constatar que este era espaçoso, moderno e luminoso. A Dra. Joana Silva, gentilmente fez um gesto na direcção de um sofá de tecido azul e Bárbara sentou-se nele com toda a elegância. A Dra. Joana Silva quebrou o silêncio ao começar por caracterizar a Vellert - Portugal. Depois, descreveu-lhe a actividade comercial da sociedade. Quanto ao ambiente de trabalho que se vivia naquela sociedade, a Dra. Joana Silva disse-lhe que era um ambiente

muito agradável, uma vez que um dos principais objectivos daquela empresa, era também o de criar oportunidades iguais para todos os seus colaboradores, apoiá-los continuamente no seu desenvolvimento pessoal e no seu crescimento individual, com base nas suas respectivas capacidades e do seu mérito.

A Dra. Joana Silva disse-lhe: que como tinha falado com o Dr. Jesus Reis tinha para ela um lugar de Promotora, e explicou-lhe: que a Promoção de Produtos ou de Serviços, tinham uma especial importância na actividade daquela empresa, e que a função que ela iria desempenhar, caracterizava-se essencialmente pela implementação, promoção e reposição do "Azeite Serra de Ouro", principal produto de uma empresa sua Cliente, com cinco lagares equipados com a mais recente e moderna tecnologia. Disse-lhe ainda: que os lagares estavam estrategicamente localizados nas duas províncias de Portugal com maior nível de produção de azeite, e que possuía também uma fábrica de embalamento totalmente automatizada com várias linhas de produção. E que este Cliente da Vellert - Portugal tinha como estratégia, lançar e incrementar no mercado aquele produto, em especial nas grandes superfícies comerciais.

A Dra. Joana Silva explicou-lhe ainda que os preços dos produtos do seu Cliente sofreram a pressão de uma concorrência cada vez mais feroz, e as ineficiências do negócio já não podiam ser corrigidas pelo aumento do preço de venda do produto. Pelo que em face desta nova realidade, o seu Cliente teve que considerar como absolutamente necessário reduzir os seus "Custos Operacionais", e daí ter recorrido aos eficientes serviços da Vellert - Portugal. Pelo que a empresa confiava-lhe uma grande responsabilidade. Bárbara sentiu-se muito feliz por alguém manifestamente confiar nela.

Uma semana depois da entrevista com a Dra. Joana Silva, Bárbara apresentava-se no Supermercado Oriente ao seu Gerente, o Sr. Joaquim, um sujeito com olhos papudos, barriga grande e bigode fino a ornamentar uns lábios também eles finos, que numa forma pouco cortês, começou logo por a avisar: «Bárbara! Não pense que aqui vai ter a vida facilitada, só porque vem recomendada pela Vellert - Portugal. Aqui vamos querer trabalho! Percebeu? "Vamos querer trabalho…». Sem lhe ter dado mais atenção, virou-se em direção a um rapaz

franzino que passava e gritou-lhe: «Ò Manuel vai fazer o topo da Gôndola das frutas e verduras com latas de pêssego! Rápido! Meche-te, que não temos o dia todo!». O Sr. Joaquim não tinha outra forma para falar com os seus subordinados do que o de falar sempre com prepotência e aos berros.

Na primeira semana no Supermercado Oriente, Bárbara foi treinada na função por uma Super-visora da Vellert - Portugal, mais velha e muito experiente, que se deslocou propositadamente ao supermercado para lhe explicar os detalhes da função de Promoção e Reposição do “Azeite Serra de Ouro”. Pelo que nas semanas seguintes, ela já abordava muito bem os Clientes, para sugerir-lhes as fantásticas qualidades daquele azeite, tanto na sua acidez, como no seu estado de oxidação e inexistência de defeitos de cor, cheiro e sabor, ganhando assim a confiança do Sr. Joaquim.

Quando ela abordou o seu primeiro Cliente, Bárbara na sua melhor e mais bonita voz, num figurino muito estudado desejou-lhe: «Bom dia!». Na verdade, aquele "bom dia", ou "boa tarde", "muito obrigado", "volte sempre", "posso ajudar em alguma coisa?", são expressões que lhe foram ensinadas pela Júlia, a Super-visora mais velha, para transmitir ao Cliente a ilusória sensação de ser uma pessoa muito especial, e por conseguinte levá-lo a comprar o “Azeite Serra de Ouro”. Com profissionalismo, Bárbara deu muita atenção a esse seu primeiro Cliente, e esforçou-se por entender o que ele queria, o que ele gostava e até o que ele não gosta no azeite. Depois, com a sua melhor argumentação, acabou por convencer o Cliente a levar duas garrafas de “Azeite Serra de Ouro”, do mais caro.

No seguimento da sua acção de formação, a Júlia, a Super-visora da Vellert – Portugal ensinou a Bárbara que se algum Cliente lhe solicitasse um outro produto que não fosse o “Azeite Serra de Ouro”, porque era paga pela empresa produtora do “Azeite Serra de Ouro”, aquela deveria procurar um colega que tivesse a seu cargo a representação do artigo pretendido, e em caso algum deveria deixar o próprio Cliente tentar descobrir quem o pudesse ajudar! Bárbara, cumpriu escrupulosamente esta instrução. Mais tarde, o Sr. Joaquim aos berros perguntou-lhe porque não atendera um Cliente que queria óleo

alimentar? Ela justificou-se, mas o Sr. Joaquim prepotente e com voz de trovão disse-lhe: «aqui quem manda sou eu!».

Certo dia quando se debruçava a repor garrafas de “Azeite Serra de Ouro” em uma das prateleiras da Gôndola destinada ao azeite, reparou que o Sr. Joaquim não parava de olhar descaradamente para o seu corpo. Bárbara resolveu castigar aquele olhar descarado e inconveniente, com movimentos do seu corpo considerados lascivos, quase como se fosse um bailado, exagerou a dobrar-se para arrumar as garrafas do fundo da prateleira, para que a imaginação do Sr. Joaquim fosse fértil e muito criativa. Muitas das vezes uma mulher pratica a arte da sedução, não porque aquele homem fosse desejável para ela, mas porque aquele homem despertou nela uma vontade de atraí-lo, de provocá-lo, até mesmo para ver quais eram as suas reais intenções, ou quiçá, vingar-se dele.

Assim, nos dias seguintes, Bárbara voou ao redor dele como se fosse uma borboleta, ora aproximando-se, ora afastando-se, às vezes pousava de forma leve muito próximo dele, para rapidamente levantar vôo... O Sr. Joaquim, com os olhos arregalados e em êxtase, apreciava aquela arte da sedução, como quem aprecia uma escultura clássica de extraordinária beleza, só o seu bigode fino e atrevido tremelicava, denunciando os seus reais intentos. Aquele comportamento denunciado do Sr. Joaquim fez com que Bárbara se lembrasse a história do “Lobo e do Capuchinho Vermelho”, que em menina lhe fora contada tantas vezes para adormecer, a qual não era mais do que a história do assédio do Lobo ao Capuchinho Vermelho, uma vez que o Lobo convidava-a para ir para a cama com ele, nomeadamente quando esta inocentemente lhe respondia: «Que grandes são as suas unhas Sr. Lobo!», «Que grande são as suas orelhas, Sr. Lobo!», «Que grande é o seu….., Sr. Lobo!». E o Lobo acabou por “devorá-la”. Naquele supermercado o Lobo mais parecia ser ela do que o Sr. Joaquim. Até ao dia em que ela se cansou das investidas ordinárias dele, pois passou a fazer-lhe propostas indecentes. Ela, a todo o custo tentava esquivar-se das suas investidas amorosas, sempre com um sorriso amarelo, fingindo que não percebia as suas reais intenções. Mas, ele no dia seguinte voltava de novo ao ataque e com mais entusiasmo.

Um dia, no armazém o Sr. Joaquim chamou-a a pretexto de querer-lhe dar umas instruções a cerca de umas caixas de azeite, e quando ela se aproximou dele, ele agarrou-a à semelhança do lobo da história do “Capuchinho Vermelho” e tentou beijá-la à força. Ela debateu-se desalmadamente e gritou muito alto: «velho sem-vergonha! Nojento! Tenha Juízo!». Com este grito ele largou-a imediatamente e desnorteada, com as roupas em desalinho e o cabelo despenteado, fugiu do armazém para a protecção das gôndolas. Num outro dia, ao pé das arcas frigoríficas disse-lhe: «Bárbara! Nesta empresa tenho poder e muita influência! Se não fizeres o que eu quero, os teus dias neste supermercado estão contados!». O assédio sexual é sempre uma relação de poder e o Sr. Joaquim fora muito eloquente no que pretendia. Se ela não cedesse, correria o risco de perder o emprego, uma possível promoção, ou até mesmo de ter o ambiente de trabalho transformado em uma tortura. O Sr. Joaquim, dia após dia, não desistia do seu intento, pois acreditava que a podia vencer pela insistência, ou pela pressão psicológica que lhe fazia. Por isso, ao início começou por utilizar frases dúbias, uma piadinha aqui, uma insinuação ali, até se decidir por uma aproximação mais directa. O assédio sexual é uma estrada de sentido único, onde há sempre uma relação de poder e o não-consentimento de uma das pessoas envolvidas. Por isso a Bárbara tinha que ter a determinação para dizer não de forma firme e sem deixar qualquer dúvida ao Sr. Joaquim, de forma a que este não tivesse dúvidas quanto à sua rejeição, pois caso contrário a ausência de firmeza nas suas recusas elas encorajavam-no a continuar nas suas investidas.

Os dias continuaram a ser para Bárbara dias de pesadelo, pelo que sempre que possível evitava estar perto do Sr. Joaquim. A sua constante perseguição fez com que ela não conseguisse escutar mais do que o dilúvio das suas tensões constantes. Tal como para ver o Sol num Céu nublado, as nuvens têm que desaparecer, ela escondia-se atrás das gôndolas para ter algum sossego. O assédio do Sr. Joaquim era do conhecimento de todas as mulheres daquele supermercado, uma vez que quase todas elas já tinham sido vítimas dele. Todavia, não comentavam entre elas este facto, como se pelo facto de não falarem no assunto, houvesse uma magia que fizesse com que o problema desaparecesse para sempre. Mas, o silêncio das funcionárias e o fingimento

destas em não verem a Bárbara a serem vitimas do mesmo flagelo, só contribuiu para reforçar as investidas do Sr. Joaquim e enfraquecer ainda mais a resistência da Bárbara. Nem sequer conseguiu contar a Jesus o que lhe estava a acontecer, com receio de que ele fosse ao supermercado tomar satisfações e comprometesse assim o seu emprego.

Esta situação estava a causar à Bárbara uma grande falta de motivação para o trabalho. Só de pensar em ir para o trabalho e encontrar o Sr. Joaquim, aquele gerente horroroso, a dizer-lhe obscenidades o dia todo, sentia uma grande vontade de não sair do Hotel onde ainda morava. A sobrevalorização do sexo por parte dos homens, a valorização de posturas passivas por parte das mulheres, o sentimento de poder de alguns chefes, e a impunidade de atitudes déspotas, são factores propícios à prática do assédio, como era o caso do Sr. Joaquim.

«Se caminhares na rua, nunca olhes para trás! Não sabes o que se esconde nas sombras!», diziam a Bárbara os seus antigos companheiros de rua. Assim, ela não olhou para trás e fez a denúncia do caso à sua Super-visora da Vellert - Portugal, que lhe pediu para arranjar provas do ignóbil comportamento do Sr. Joaquim, como sejam bilhetinhos que este lhe tenha enviado, oferta de presentes e o testemunho dos colegas, tanto de homens quanto de mulheres, para que pudessem eventualmente ser testemunhas dum possível processo.

Bárbara, nunca soube o que aconteceu, mas o que era certo é que o Sr. Joaquim parou de a perseguir com propostas obscenas. Sentiu apenas que o seu comportamento passou a ser para com ela mais rude e distante. Por tudo, e por nada gritava-lhe palavrões.

Numa fria tarde no fim do mês de Fevereiro, quatro encapuzados chegaram numa carrinha Mercedes. Pararam a carrinha em frente ao Supermercado Oriente e três deles, num passo acelerado e decidido entraram de rompante no estabelecimento. A presença dos homens armados com uma caçadeira de canos serrados e com duas pistolas de pressão de ar, bastou para lançar o pânico entre os funcionários e os clientes do supermercado, que imediatamente procuraram esbaforidos sair para a rua. Porém, uma voz sonora e muito segura de um dos encapuzados pôs fim àquela intenção com um grito:

«todos deitados! Quem levantar a cabeça um palmo do chão estoiro-lhe os miolos!» e todos prontamente se deitaram no chão. Todos não, um jovem aterrorizado correu em direcção à porta da rua, e o encapuzado mais nervoso, em regime de saída precária da cadeia, disparou um tiro de caçadeira de canos serrados que o atingiu numa perna, e este caiu estendido no chão a sangrar muito.

Depois do incidente, o Sr. Joaquim foi confrontado com os três homens encapuzados sem que os seus subordinados mostrassem ter a coragem suficiente para o defender. Queriam que ele lhe dissesse onde estava o cofre do supermercado. O Sr. Joaquim com uma arma apontada à cabeça, tremia com muito medo. O seu acostumado vozeirão cheio de palavras cavernosas dissipou-se, e passou a ser muito delicado, de joelhos, com olhos aquosos, e mãos em prece, suplicava aos encapuzados: «por favor não me matem! Tenho dois filhos para criar! Por favor… o cofre está no escritório! Levem tudo!». O encapuzado que parecia liderar o grupo disse para o encapuzado nervoso: «mantém a arma apontada para este gordo! Só atiras se for realmente necessário! Já vimos que esse brinquedo faz uma tremenda porcaria!». Dirigiu-se para o outro encapuzado e ordenou-lhe: «Vamos até ao Cofre! Anda daí comigo!». Bárbara que se tinha escondido atrás do balcão, armada com um bastão que ali estava guardado para dissuadir más intenções de clientes indesejáveis, sorrateiramente deslizou pelo chão, e num salto felino desferiu uma violenta pancada na cabeça do encapuzado armado com a caçadeira de canos serrados, que sem sentidos, caiu pesadamente no chão. Rapidamente, apanhou a caçadeira de canos serrados que caíra não muito longe dela e colocou-a em posição de fogo. O segundo indivíduo, de 43 anos e residente na zona de Sacavém, em liberdade há dois meses, e referenciado como autor de crimes como furto e burla, ainda tentou apontar a pistola de alarme a Bárbara mas esta disparou instintivamente e atingiu-o na mão que segurava a arma. O restante comparsa daquele grupo de meliantes, vendo o cano da arma apontado em direcção aos seus olhos, deitou-se imediatamente no chão com as mãos na cabeça. A carrinha Mercedes que estava estacionada em frente à porta do supermercado Oriente arrancou em alta velocidade.

Pouco tempo depois ouviram-se as sirenes dos carros da polícia. Os assaltantes foram detidos e o jovem ferido foi pelo INEM enviado para o Hospital. Aquele acto heróico tornou-a mais consciente das suas capacidades e da sua força para enfrentar as vicissitudes da vida. A rua tinha-a preparado para enfrentar sem medo todos os desafios, fossem eles quais fossem. Na verdade, aquele acto de heroísmo em si não foi um acto altruísta, foi antes um acto de auto-afirmação, ou um acto de auto superação, uma vez que agora Bárbara era uma mulher muito mais confiante e segura do seu destino.

Por ter enfrentado os encapuzados sem medo e com muita determinação e coragem, Bárbara foi considerada pelos seus colegas uma heroína. O Sr. Joaquim passou a tratá-la com deferência e muito respeito. O Eng. Eduardo Santos, Presidente do Conselho de Administração da Vellert - Portugal, quando soube do extraordinário feito da sua colaboradora, e na expectativa de que com aquele acto de bravura estivesse assegurada a renovação do contrato de Promoção e Reposição que tinha para com os Supermercados Oriente, resolveu promover um jantar para condignamente a homenagear.

O empresário ao recebê-la em sua casa disse-lhe com cortesia: «Esta reunião só de amigos mais próximos é-lhe dedicada, Bárbara! Um modesto agradecimento ao seu heroísmo! Um exemplo para todos nós!». Após o jantar, o empresário bateu com o talher no seu copo de vinho, e todos os presentes se levantaram com o seu copo de vinho em riste, e este propôs aos seus amigos: «Gostaria de brindar à coragem de Bárbara, que arriscou a própria vida para defender a vida dos seus colegas! Pelo que lhe estou muito grato! À Bárbara!». E todos responderam «à Bárbara!», depois beberam num só trago daquele néctar da cor do rubi. Quando estavam na pausa para o café, o Eng. Eduardo Santos perguntou-lhe se ela aceitava ser "Key Account Manager", e Bárbara que não perdia uma oportunidade para a sua ascensão profissional, imediatamente respondeu-lhe, que saberia estar à altura do novo desafio.

Assim, dois meses depois do dia em que vitoriosa, Bárbara subiu em passos largos os degraus da sua ascensão social, assumindo desde logo a presidência de todas as suas decisões. Jesus continuava a ajudá-la regularmente, pagava-lhe o alojamento e cobria-lhe algumas despesas essenciais para viver com

dignidade. Embora Bárbara ainda não soubesse dizer se o tempo desde que saíra das ruas mal cheirosas de Lisboa tinha passado depressa, ou devagar, sentia apenas que passo a passo, lentamente recuperava do pesadelo em que vivera, e por isso, para não regressar àquele pesadelo, estava disposta a lutar com todos os meios pela sua ascensão social, daí a sua prontidão em aceitar o novo desafio sem questionar muito a sua consciência se estava ou não apta a desempenhar as funções.

Capítulo IV

Quatro anos depois do incidente com os assaltantes do Supermercado Oriente, Bárbara candidatou-se e foi admitida como Gestora de um Produto Hospitalar, em uma empresa que fabricava móveis e equipamento hospitalar. Como gestora de um produto hospitalar! Os resultados foram tão bons, que dois anos depois já era gestora de uma área de negócio nesta empresa. A seu cargo tinha uma campanha de Marketing e Merchandising que orçava em muitas centenas de milhares de euros. Pelo que começou a dispor de uma remuneração que lhe proporcionou ter casa própria, situada em Lisboa, para os lados da "Beneficência". Nessa empresa de fabrico de móveis e de equipamento hospitalar, havia um Gerente de cabelo grisalho, em que o tempo cometeu a inconveniência de passar por ele, e por isso convivia muito mal com as misérias próprias da sua idade. Todavia, mantinha ainda o andar solene, com assomos aristocráticos, beijava a mão às senhoras, e tratava toda a gente por "meu caro…" A maneira meticulosa como se arranjava revelava também a importância que ainda dava à a aparência. Todavia, apesar de terem surgido bolsas por baixo dos seus olhos azuis, e das linhas do seu rosto terem descaído e formado pregas, no que concerne à sua virilidade, aparentemente ainda não tinha desfalecido. Por outro lado, o Dr. Carlos Dias era esse o seu nome, era um profissional bem informado e eficiente, pouco dado a incertezas existenciais.

Desde o primeiro dia que o seu porte sempre elegante e aristocrático, e o seu grande saber técnico, chamou a atenção de Bárbara. Mas, ele pareceu ter ignorado a sua presença, uma vez que limitava-se a assuntos de carácter

estritamente profissionais e nada mais. Uma noite tiveram que ficar até muito tarde para prepararem uma campanha promocional, que arrancava no dia seguinte, então o Dr. Carlos Dias, a meio da noite, começou a conversar com ela assuntos que não tinham nada a ver com a campanha promocional. Embora Bárbara soubesse que ele tinha uma relação estável já há algum tempo, ela não se importou que ele abordasse assuntos dúbios e com conotações muito duvidosas. Também algo lhe dizia que ele passou a olhá-la de um modo diferente. Por sua vez, quando os seus olhares se cruzavam deixavam-na com uma sensação muito estranha e um formigueiro a percorrer-lhe o corpo.

Depois daquela noite passaram a conversar com mais frequência, nomeadamente sobre assuntos relacionados com a actividade de “Marketing” e de negócios em geral. O Dr. Carlos Dias pacientemente foi-lhe revelando todos os segredos e saberes da ciência e arte da Gestão de Negócios, pelo que pouco e pouco a Bárbara foi adquirindo um conhecimento teórico muito bom, e com este conhecimento à medida que o tempo passava, tornava-se implacável e brilhante no desempenho das suas responsabilidades. Assim, como consequência desta aproximação, ficaram cada vez mais íntimos. O desejo entre os dois de estarem juntos era recíproco, e qualquer toque era o suficiente para os deixar muito confusos e ruborizados.

Um dia Bárbara constipou-se, e como consequência dessa doença súbita ela não foi trabalhar. Apesar de ter telefonado para a empresa a justificar a sua falta, o Dr. Carlos Dias logo que soube da sua ausência, telefonou-lhe a perguntar qual era a razão porque ela não tinha ido trabalhar, e ela mais uma vez justificou os motivos que a impossibilitaram de comparecer ao trabalho. Depois dele ter manifestado muitas preocupações pelo seu estado de saúde, acabou por lhe dizer que lhe queria muito. Aquela confissão deixou-a surpreendida e um pouco embaraçada, pelo que para o testar disse-lhe num tom de voz que procurava ser sério, que provavelmente aquele sentimento não era propriamente um sentimento a ser considerado, uma vez que poderia estar relacionado com o foro carnal. Porém, ele respondeu-lhe que o mais importante para ele naquele momento era vê-la, e estar com ela para saber se ela estava bem! Bárbara ficou muito excitada com esta declaração amorosa. Apesar de ao

mesmo tempo também ter ficado muito apreensiva, pois adivinhava ser o embrião de uma aventura. Bárbara acabou por concordar com a sua visita, pelo que com determinação lhe disse: «Venha quando quiser! Estou sozinha e sempre é bom falar com alguém tão simpático e culto como o Senhor Doutor!».

Duas horas depois do telefonema, Bárbara de robe cinzento-escuro abria a porta do seu apartamento ao Dr. Carlos Dias que trazia consigo um bonito ramo de rosas: «Oh! Dr. Carlos Dias, que rosas tão bonitas... São para mim?».

«Procurei a flor mais bonita para uma "flor"! Só consegui encontrar estas três rosas "Príncipe Negro", que palidamente são a sombra da sua beleza e do seu perfume…!».

A "Lady" uma cadelinha de raça "Cocker Spaniel", dourada, de chanfro bem recortado e linha do pescoço bem demarcada empinou-se a pedir uma festa…

«Quieta "Lady" deixa o Senhor… Desculpe-me ela é um pouco estouvada… Oh Doutor! Sempre o mesmo galanteador de sempre... Vou buscar uma jarra para as colocar!».

Convidou-o a entrar numa modesta sala, composta por duas grandes estantes encastradas na parede, com prateleiras de vidro, que sustentavam várias colecções de livros, uns dispostos na vertical, outros na horizontal, conforme o seu tamanho e forma. Em cima de uma pequena mesa de tampo de vidro, sustentado por uma escultura feminina de cócoras, uma garrafa de whisky, em que o líquido pérfido enchia metade dela. A um canto da sala, havia uma aparelhagem de alta-fidelidade com colunas dissimuladas em belos cortinados de "organza". No prato do gira-discos, um disco da banda original do filme "Les Uns et Les Autres".

Pediu-lhe um momento, e saiu da sala com um ar gaiato, para rapidamente regressar com uma jarra de cristal transparente, onde as rosas majestosamente sobressaíam com todo o seu esplendor e encanto. Colocou a jarra em cima da mesa, e esta deu-lhe uma nova vida e a toda a sala uma nova alma.

Depois aproximou-se da “aparelhagem” e com um pequeno gesto no botão do moderno aparelho, Bárbara inundou a sala com aquela melodia uniforme e repetitiva. Convidou-o a sentar-se num “terno” de pele castanha, e a “Lady” saltou também para o sofá, e enrolou-se no lado esquerdo deste, como que a dizer-lhe que aquele lugar era dela. O Dr. Carlos Dias afastou a ponta do seu casaco preto, gesto que não passou despercebido à Bárbara, pelo que ao mesmo tempo que lhe serviu um whisky e serviu-se a ela própria também, pousou na mesa a garrafa, disse-lhe em tom de aviso: «quem estiver de visita à minha casa e reclamar da minha cadelinha eu geralmente explico-lhe, que ela mora aqui… E que a visita não! Se não quiser pelos na sua roupa, então não me venha visitar! Para a visita pode ser um animal… Para mim é uma filha que sente, sofre e pensa como nós…». Depois, foi para o meio da sala, ignorando a presença dele, com os olhos semi-fechados, Bárbara dançou ao ritmo do “Boléro de Ravel ”, com um ar de quem estava muito absorto no que fazia. Em boa verdade, quando estava sozinha nos seus tempos livres, era assim que ela passava os dias a enganar a solidão, cujos tentáculos a estrangulavam principalmente na penumbra e na escuridão do dia. Assim, como já vinha sendo hábito, na penumbra daquela sala espectral, Bárbara dançava ao som da música com gestos sensuais não deixando antever mais do que a sua silhueta esvoaçante. Todavia, o Dr. Carlos Dias conseguia imaginar o que não podia ver, e naquela silhueta ele somente via uma estátua da mitologia grega moldada por sombras.

A sua cabeleira solta ao sabor dos movimentos coreográficos, expressivos e muito animados, faziam sobressair ainda mais aquela beleza mergulhada na solidão. A perfeição daquele corpo de solidão encarnada, que mais parecia ter sido produzido pelo oleiro, Hefesto, o deus artesão que só com o auxílio de Pallas Atenea, a inteligência artística, foi possível moldar aquela imagem viva de Afrodite. Tal era o encanto que Bárbara irradiava do seu corpo moreno. Sentado ao lado da “Lady”, com o olhar perscrutador, o Dr. Carlos Dias admirava apaixonadamente o domínio interpretativo da figura que Bárbara encarnava. Aquelas pernas desnudas que saíam por entre as aberturas do robe preso na cintura apenas por um cinto, escravizavam o seu olhar, pelo que

os seus olhos incansavelmente acompanhavam o seu movimento ondulante ao ritmo dos sons dolentes e repetitivos.

Com elegância e muito misticismo, Bárbara desenhava no ar com os seus braços e mãos, sinais misteriosos que ele interpretava como sendo ninfas que prevaleciam sobre as sombras do mal. Porém, um reflexo de cristal despertou a sua atenção. Na mão de unhas compridas, arredondadas e esmaltadas de vermelho, Bárbara segurava um copo com whisky, a bailar ao sabor daquela música saltitante. Por vezes, algumas gotas caprichosamente salpicavam o seu roupão. Os olhos papudos do Dr. Carlos Dias acompanhavam a queda dessas gotas, e comoveu-se com aquele quadro de tristeza absoluta, onde tudo à sua volta reflectia nostalgia e solidão. A "Lady" dormia enrolada no seu lugar habitual, sem dar qualquer importância àqueles movimentos expressivos.

Os tentáculos da noite inexoravelmente invadiram a intimidade daquela sala, com um abraço asfixiante de escuridão total. No entanto, um sopro de vida era dado a este espaço lúgubre de tempos a tempos, pelo faiscar fugidio dos faróis dos carros que na rua apressadamente rodavam. Este dardejar para além de libertar o Dr. Carlos Dias da tristeza empolgante que o envolvia, permitia-lhe também ver o seu corpo denunciado pelas aberturas esvoaçantes do robe escuro, o qual lhe transmitia algo de clandestino e de proibitivo. O seu coração sofria na penumbra sepulcral do ambiente que os envolvia, pelo que o seu cérebro estava ferido na sua sensibilidade.

O ritmo da música era agora crescente e envolvente, e ela com passos de ganso e braços a esvoaçar no ar acompanhava as rufadas estridentes dos últimos acordes do bolero, que chegava aos últimos acordes. Por fim Bárbara abriu os olhos e ofereceu-lhe um rasgado sorriso.

«Gostou da música e da minha dança doutor Carlos Dias? Ponha-se à sua vontade... Não faça cerimónia comigo!».

E ele despiu o casaco, tirou a gravata e arregaçou as mangas da camisa.

«A Bárbara esteve um encanto... mas no final, a coreografia pareceu-me um pouco exuberante em relação à exigência dos acordes...».

«Eu não ando atrás da música como o gato anda atrás do rato, eu uso o contraste entre a música e o movimento! Eu quero ser independente às regras pré-concebidas! Eu quero ser inventiva! Eu quero criar! Compreende-me, doutor? Mas se não gostou da dança, pelo menos pôde apreciar uma música belíssima. É maravilhoso o “Bolero de Ravel”! Não é? Ele consegue purificar toda a minha alma e proporcionar-me uma grande energia!».

«A Bárbara dança maravilhosamente bem... mas esse copo de reflexo dourado na sua mão, não combina em nada com a escuridão do seu robe e do que os seus olhos deixam ver da sua alma! Esse néctar dos deuses foi feito para comemorar alegrias e não para afogar tristezas!».

«Dr. Carlos Dias, a escuridão é a cor do estanho e este dourado é a cor do cobre, que quando os dois metais se unem numa perfeita aliança... como sabe, produzem o bronze de uma ampla ressonância!».

«Mas é uma ressonância falsa. Essa alegria não é verdadeira, nem tão pouco é contagiante! Antes pelo contrário, é dilacerante, deprimente e é muito comovente!».

«Sim... ela poderá não ser contagiante, nem tão pouco ser uma alegria verdadeira, mas tem-me ajudado a sair do desespero causado pela ausência de felicidade! Nos últimos tempos, a minha vida tem sido dedicada somente ao trabalho e aos desafios que me são colocados… Cada dia que passa, parece-me que a felicidade está cada vez mais distante! Este néctar como lhe chama... tem-me dado a esperança e a certeza que essa felicidade um dia virá! É certo, que também tem-me dado para recordar os males passados e os temores que tenho do futuro! Mas acima de tudo, tem-me dado a audácia para defrontar o perigo com a tenacidade e a garra necessária! Tem-me ainda ajudado a apaziguar a minha cólera no momento em que o meu coração arde, e a bílis tempera o meu cérebro! E por último, Dr. Carlos Dias! Tem-me dado a alegria, o prazer, e o regozijo de um aparente bem-estar, e a ausência dessa angústia com que a minha tristeza se alimenta, por isso já é um grande bem!».

«A Bárbara surpreende-me... como pode uma jovem em que a natureza foi tão pródiga, e aparentemente ter pela frente uma carreira muito promissora,

manifestar tantas incertezas e uma visão tão enegrecida da Vida… A Vida é muito bela, minha cara!».

«Sim! Eu sei… Ela é bela… Nós é que damos cabo dela! Conheço o provérbio. Mas... se soubesse um pouco da minha vida passada compreenderia melhor as minhas amarguras e as minhas incertezas no dia de amanhã!».

O Dr. Carlos Dias, com um largo gesto de braços, recostou-se no sofá, como que lhe dissesse: tenho todo o tempo do mundo para a ouvir, continue…

«Eu passo os dias sempre iguais uns aos outros, e entre estas paredes sempre só. Pelo que estas paredes têm sido o confessionário da minha tristeza e de toda a minha angústia!».

Mas... A Bárbara é tão jovem! A vida desperta lá fora... O que a pode prender aqui a esta clausura voluntária? O que a levou a procurar viver só... neste ambiente doentio, quando a Primavera chispa ainda nos seus olhos?».

«Estes olhos de Primavera, que diz... já se encheram de água de muitas invernias... Esta boca já pronunciou pragas ao vento que os seus ouvidos sensíveis corariam, e este corpo já tantas vezes desejou desaparecer do mundo dos vivos...».

«Dr. Carlos Dias, porque nos tratamos por “você”? Acho este tratamento formal e muito cerimonioso, algo desajustado à informalidade que estamos a ter neste momento! Não concorda comigo?».

«Concordo consigo... isto é, contigo! Vai ser difícil habituar-me... Mas... Tu chamas-me à atenção quando eu me esquecer! Está bem?».

«Bárbara, a minha avó ensinou-me que “águas passadas não movem moinhos”, portanto o passado já lá vai! Esperança e força para o futuro, é que é preciso!».

«Carlos Dias! A tua avó foi com certeza uma pessoa maravilhosa e muito culta nesses ditos populares… Mas, “quem sabe o que vai no convento é quem está lá dentro”, e eu, para não desperdiçar tempo nem energia numa luta inglória, muito nova tomei a decisão de sair de casa!».

«Tiveste a coragem de sair da casa paterna e enfrentar o mundo cruel e impiedoso?».

«Coragem… Não diria tanto… Mais a loucura de sair de casa… Apenas não me deixei apanhar em armadilhas e chantagens! Saí de casa com dezassete anos, como todas as raparigas nesse tempo o faziam! Pelo matrimónio!».

«Não sabia... que eras casada!».

«E não o sou! Sou Di-vor-ci-a-da e já há muito tempo... Conheci um rapaz supostamente simpático e meigo que me soube levar ao altar! Apenas mais tarde vim a saber que tinha tudo ao contrário do que idealizei em pequena! Não gostava de trabalhar, e exigia do meu "trabalho a dias" cada vez mais dinheiro, para sustentar as suas intermináveis boémias! Para além de ter inclinações nitidamente homossexuais… O que fazia dele bissexual… Chocado?».

«Um pouco, mas não pelo que possas pensar! O casamento para mim significa respeito e amor! Ele não tinha o direito de usar-te para seu proveito e usufruto, e tu foste muito ingénua em acreditar que o casamento poderia ser de alguma forma o meio de te libertares! Eu continuo a pensar que se duas pessoas, seja qual for a sua orientação sexual, desejarem viver em conjunto, constituem para todos os efeitos uma célula familiar, não havendo necessidade de máscaras nem preconceitos! Já aprendi à muito tempo a não condenar aquilo que não entendo nem compreendo!».

«Dizes que o casamento é amor e respeito? Mas... Tu és casado, com aliança no dedo e isso não te impede de estares aqui comigo!». «Minha cara! Eu respeito muito a minha companheira… Embora ultimamente as coisas não têm andado muito bem entre nós! Todavia, no meu consciente não a estou a atraiçoar pois tenho uma concepção muito própria de gostar e de amar… Pois gosto de estar contigo… Gosto de falar contigo! É idiotice quem pensa poder amar uma só mulher de cada vez! O homem pelo instinto que lhe é dado pela Natureza é bígamo por excelência… Provavelmente para propagar a sua espécie de forma a não a pôr em risco de extinção!».

«É muito estranha essa forma de gostar! Mas eu já me habituei a tudo na Vida! Como eu te estava a contar: num dia de grande desespero, um cavalheiro

salvou-me de morrer trucidada, arranjou-me emprego como Promotora e nos primeiros tempos ajudou-me financeiramente...».

A “Lady” suspirou, lambeu o focinho, coçou o focinho com a sua pata traseira, e de seguida estendeu-se no sofá ao comprido, o Dr. Carlos Dias dissimuladamente afastou-se mais um pouco.

«Tens visto esse cavalheiro?».

«Não! Há uns três anos que não o vejo! Tem andado com muitos problemas de emprego… A idade não o tem ajudado muito! Não tem estado muito tempo no mesmo sitio, pelo que lhe perdi o rasto! Como dizia… Com o meu parco ordenado aluguei um quarto ali para os lados da praça de Espanha!».

«Uma boa decisão, minha cara...».

«Espera... Já vais ouvir o resto… Habitava nessa casa uma senhora que rondava os quarenta anos! Pessoa gentil e muito carinhosa que satisfazia todos os meus desejos e caprichos...».

« Humm… Continuo a pensar que foi uma boa decisão…».

«Espera… Não vais ter essa opinião por muito tempo... Essa senhora apaixonou-se loucamente por mim! Eu, estava só e sem família que se interessasse por mim, não tive outro remédio que não fosse o de me sujeitar às chantagens daquele amor sáfico! Nos primeiros meses não houve problemas! Esta tendência manifestada pela minha companheira resumia-se às quatro paredes e passava despercebida no mundo exterior!».

«Minha cara, tiveste prazer nessa relação lésbica?».

«Como nunca tive ninguém que se preocupasse verdadeiramente comigo, confesso que comecei a receber estas carícias lesbianas com algum agrado! Mas… Apoderou-se dela ciúmes infundados, e carcomida por estes, um dia perdeu a cabeça e começou a levar-me ramos de flores ao meu emprego, para gáudio dos meus colegas masculinos e fofoquices obscenas por parte das minhas colegas…».

«Confesso que não sei o que te dizer...».

«Não digas nada… Com a vergonha estampada no rosto fui transferida para um outro cliente da empresa Vellert – Portugal, a fim de promover uma campanha de Merchandising de lâminas de barbear... Apesar da remuneração ser um pouco melhor, continuava a não poder mudar de habitação… O dinheiro continuava a não ser muito, e ainda por cima com a agravante de nem sempre ser certo!».

«Um dia, passeava com a "Lady" no centro "comercial Apolo", tinha para aí uns seis meses de idade, e ela meteu-se com um senhor que aparentava já ter uns sessenta e tais anos. Muito sorridente e bem disposto, ele afagou-lhe o focinho e fez-lhe umas festas na barriga! Ela ficou deliciada com esta manifestação de carinho, e insistiu com o focinho na sua mão a pedir-lhe mais festas e mais atenção, e quis sempre mais e mais festas e mais atenção, o que ele com muita paciência não se fez de rogado! Ele conhecia muito bem os hábitos dos animais e via-se que gostava muito deles! Vim a saber que tinha uma quinta para os lados do Ribatejo, com muitos cães e toda a espécie de outros animais! Com alguma assiduidade continuei a ver o Rodolfo, era este o seu nome, sempre à mesma hora e no mesmo local, simpático e lisonjeador! Vocês os dois não são muito diferentes!».

«Ainda não sei se devo estar agradecido, ou não, pela comparação...».

«Como era um homem casado, não coloquei a hipótese de um relacionamento mais próximo! Talvez por isso, tivesse ficado surpreendida quando num desses habituais encontros me convidou para jantar! Depois de muita persistência acabei por aceitar! Porque no fundo, aquele carinho pelos animais e aquele conhecimento das coisas rústicas, havia exercido sobre mim um certo fascínio e até encanto! Principalmente as suas meias de forcado que lhe davam um ar de ruralidade! Fomos a um restaurante, escolhido por mim e tudo passou-se de uma forma muito agradável! Estávamos já na sobremesa, quando ele me convidou para dançar...».

«E dançaram toda a noite…».

«Não! Com os meus olhos fixos nos dele disse-lhe que não...».

«E então, o que aconteceu?».

«Convidei-o a tomar uma bebida em minha casa, pois sabia que a minha companheira estava ausente nessa semana! Ele com a doçura que o caracterizava aceitou! A partir daí o trajecto para minha casa, fez-se num completo silêncio… E nesse silêncio eu só perguntava a mim própria o que iria acontecer? Em casa, pelo efeito da bebida conversámos mais à vontade! E em determinado momento, senti que estava criado entre nós um clima muito especial! Um clima de ternura e de muito afecto! Nessa noite não fomos além disso, mas foi determinante para o nosso relacionamento futuro!».

A "Lady" esticou-se ainda mais, e pôs uma pata a tocar nas calças do Dr. Carlos Dias, e dissimuladamente este voltou a afastar-se mais um pouco.

«E demorou muito tempo a terem um contacto...».

«Mais íntimo! Não! De conhecidos rapidamente passámos a amigos… Ele com muito saber soube preparar as condições para a nossa aproximação mais íntima, levando-me em viagem por países distantes e exóticos… Conheci os melhores hotéis do mundo! Com ele tive experiências que não se esquecem numa Vida, e conhecimentos importantes para a minha vida profissional!».

«Em suma, foi preparando pacientemente o terreno…».

«Sim… E quando já existia alguma regularidade nestes nossos encontros amorosos, ele fez-me uma proposta que eu não podia recusar em face da vida que levava! Comprou-me esta casa e mobilou-a para mim, em troca da minha vida em mancebia com ele! Achei agradável este concubinato, pois ele resumia-se a recebê-lo às Terças-Feiras sorridente e de pernas abertas, dispondo de todos os restantes dias para mim!».

«Continuas a relacionar-te com ele?».

«Não! Já faleceu… Que a sua alma esteja em descanso! Bom homem ajudou-me muito… No entanto, as minhas cautelas também ajudaram um pouco!».

«O que me queres dizer com as tuas cautelas terem-te ajudado um pouco?».

«Tive apenas o cuidado de depositar na minha conta os cheques que ele me passava para comprar tudo o que vês, desde a casa, a quase todos os bens

que aqui estão, ao mesmo tempo, que os substituía por cheques meus, passados pelo meu próprio pulso… Com eles, tive também o cuidado de exigir aos comerciantes as respectivas facturas do que comprava. Claro que emitidas em meu nome…».

«Minha cara, não me parece ter sido uma acção para te felicitar…».

«Talvez… Mas foi a maneira de evitar que tudo me fosse rapinado pelo abutre e suas aves de rapina de honor; a sua viúva e os seus filhos, todos eles mais sabidos do que eu… Bem o tentaram! Utilizaram até todos os meios para que eu ficasse sem nada! Com uma mão atrás e outra à frente! Tal e qual como antes de Jesus me ter ajudado! Era esse o nome do cavalheiro que me salvou... Mas fui mais esperta do que essas aves de rapina…».

«Não sei o que te dizer… Bárbara! O que fizeste não me parece muito correcto! A meu ver, essa acção está na fronteira da pura vigarice, uma vez que agiste com frieza e muita premeditação! Vozes mais críticas do que a minha, diriam que seduziste com intencionalidade um velho, em troca de bens materiais! A essa vil acção, em qualquer cultura, atribui-se à mulher que a pratica um nome não muito lisonjeador … Por outro lado, no teu discurso, não ouvi palavras de sentimento, como carinho e amor! Estou perfeitamente atónito com a tua frieza e o teu calculismo!».

«Carlos Dias! Juro-te que nada exigi do Rodolfo nada em troca dos meus afectos… Inicialmente, foi preciso muita persistência da sua parte para que aceitasse seja o que quer que fosse! As dificuldades económicas pouco a pouco fizeram-me alquebrar e render às suas ofertas obstinadas! Foi o Rodolfo que me aconselhou a fazer o que fiz! Pois ele sabia quem tinha e não me queria ver desamparada! É certo que não o amava, e ele sabia-o, porque nunca lhe o ocultei…».

«Como foi possível manteres uma relação com uma pessoa que não sentias nenhum sentimento sério para com ela?».

«Carlos Dias, quantas vezes não nos agarramos a uma pessoa só por uma mera necessidade! Quanta vezes não nos agarramos inconscientemente a

uma pessoa só para termos a certeza de que existe alguém que nos ajuda, que nos ampara, e que nos protege em situações de necessidade e perigo!».

«A ajuda para vencer os perigos reside apenas na tua força interior. Pois ao acreditares que consegues dar a volta por cima é meio caminho andado para o conseguires… Se viveres na expectativa ilusória de que há-de aparecer quem seja capaz de te substituir na responsabilidade de cuidares de ti própria, acabarás por magoar alguém!».

«Carlos Dias! Eu sei, que ninguém nos pode fazer desaparecer esta sensação de falta de ajuda, na medida que é no fundo de nós mesmo que ela se encontra, e por isso, só nós próprios nos podemos ajudar!».

«Se fores "sebastianista", nunca estarás satisfeita... Naturalmente, vás iludir-te a ti própria, como naturalmente irás iludir os outros!».

«No meu caso a relação que tive com o Rodolfo foi transparente, e pode ser vista numa base de mero concubinato e nada mais do que isso!».

«Minha cara! Essa relação poderia muito bem ter sido bem intencionada… Todavia, o modo como a relatas, sente-se uma atmosfera de angústia…».

«Certo… Esta maneira de revelar as minhas recordações pode ser de angústia… Pois ainda sinto um aperto e um sufoco no coração quando as recordo, só de pensar o que foi a minha Vida passada, e como tive que ultrapassar as vicissitudes causadas por esta, faz-me sentir depressiva e sem ânimo!».

«Minha cara… O que conta é o futuro, o passado já passou…».

Sim! Mas estas recordações prolongam-se para além da dimensão do real… São pasto para pesadelos e muitas inseguranças!».

«Minha cara… Insegurança de quê? Tenho-te ensinado tudo a respeito da gestão dos negócios… Na tua área profissional tens tido muito êxito e reconhecimento, o que pretendes mais?».

«Pretendo quebrar a solidão em que vivo… Encontrar alguém que goste de mim…».

«Minha cara eu gosto muito de ti…Seria mentiroso e muito desprezível se te dissesse que o teu corpo não me fascina! Ele já tem sido a fonte de muitos dos meus sonhos mais íntimos!».

«Oh! Carlos Dias fico muito lisonjeada de o saber… Mas preciso de tempo para tomar uma decisão…».

«Minha cara tens todo o tempo que precisares, juro-te por tudo o que seja sagrado, que apenas quero a tua companhia…».

«Não precisas de me jurar… Nunca ouviste dizer que "quem mais jura mais mente"? Deixemos o tempo decidir...».

«Sim! Deixemos o tempo ajuizar… Ele será o soberano decisor! Mas quero que saibas, que só é capaz de jurar, prometer e de se manter fiel à promessa dada quem for capaz de ter confiança em si próprio e de dispor de si em liberdade!».

«Carlos Dias olha que as palavras "promessa" e "fidelidade" são palavras importantes no léxico Cristão… Deus comprometeu-se com a humanidade num projecto de salvação…».

«Minha cara, acreditar na ressurreição, é aceitar o impossível como projecto de vida!».

«A Fé é um sentimento do domínio de cada um de nós, e só a cada um de nós diz respeito! Como abordaste o tema religioso, eu vou retribuir-te contando-te uma história religiosa, numa linguagem do corpo e da alma, como só o bailado nos pode proporcionar! Espera um pouco… Vou pôr este disco na faixa do " Ballet Apocalypse" e dançar exclusivamente para ti! Toma muita atenção à história que te vou contar ela é soberba!».

Ela dirigiu-se ao gira-discos, virou o disco que estava no prato e, com muito cuidado deixou o braço da agulha pousar sobre a faixa pretendida. A música voltou a encher todo o ambiente. De seguida, Bárbara vazou mais um pouco do nefasto líquido dourado no seu copo. Descalça, com o robe em desalinho, no meio da sala rodopiou ao som da música, e com o seu esbelto corpo desenhou cenas fantásticas, das quais o Dr. Carlos Dias leu evocações à luxúria e à depravação. Em movimentos quase imperceptíveis do seu colo, num

simbolismo conotado com uma profunda sexualidade, evocava o pecado original, a ansiedade e os desejos reprimidos da carne. A sua face no meio daquela concha gigante de penumbra que se fechava lentamente sobre o seu lânguido corpo, parecia uma máscara de uma divindade aterradora, a qual contrastava com o copo de reflexos dourados, cujo conteúdo também dançava na sua mão. Ela numa linguagem rítmica do corpo, contava-lhe uma história que ia desde os Génesis ao Apocalipse, com uma inocente e deliciosa depravação do corpo. Os seus insinuantes gestos artísticos davam-lhe a impressão de representarem objectos de luxúria, vaidade e prazer sensual, que em movimentos mais vincados e definidos, se transformavam em instrumentos de tortura e raiva. Bárbara continuava a dançar com o seu espírito ausente e vagabundo, imbuído na música e nos vapores do álcool. As suas veias dilatadas pelo calor que este lhe estava a provocar, justificava plenamente a sua improvisação coreográfica, mais solta, mais desinibida e mais sublime. Com facilidade, podia agora ler-se na sua coreografia o amor, a paixão e a morte. Nesta sua viril linguagem corporal, o Dr. Carlos Dias teve a sensação que tudo no universo era controlado pela mulher, embora, nesse cenário o herói fosse sempre o homem, que no entanto morre por uma palavrinha ou por um gesto desta. No calor do estonteante bailado, para estar mais à vontade, Bárbara com graciosidade desaperta um pouco o cinto que prendia o robe à sua cintura e mostrou uma importante parte desnuda dos seus seios. Os olhos do Dr. Carlos Dias ficaram irremediavelmente hipnotizados e presos nos saltitantes reflexos azulados da sua sensual carne nua. Os contornos luzidios de forma carnuda e arredondada espicaçavam fortemente a sua imaginação e aguçavam febrilmente o seu desejo de os beijar com ardor e perdição. O seu corpo começava a responder aos apelos dos seus pensamentos luxuriantes e por isso o Dr. Carlos Dias procurou ausentar-me da torturante imagem de pecado, pensando em coisas bem diferentes o que não lhe era nada fácil.

A “Lady” voltou a esticar-se e a insistir em por a pata nas calças do Dr. Carlos Dias, e este já não tinha mais sofá para se afastar, pelo que aproveitou a oportunidade para se levantar e ajudar a Bárbara ao entregar-lhe a garrafa que estava em cima da mesa, e ela voltou a emborcar mais um pouco daquele líquido pérfido. Mas nessa ajuda, acidentalmente tocou na mão da Bárbara e

estremeceu... Ela apercebendo-se do seu acanhamento, olhou para ele com um olhar de ave de rapina, e perseguiu com o olhar as suas pupilas fugidias, pronta a devassar a sua alma sem qualquer piedade. O coração do Dr. Carlos Dias parou, e como ela não manifestou nenhuma intenção de retirar a sua mão, foi ele que num movimento suave a retirou com a delicadeza e a doçura de uma suave carícia.

As forças esotéricas e mefistofélicas uniram-se para a perturbarem o corpo e o pensamento do Dr. Carlos Dias, as quais, maldosamente punham em causa a sua promessa de há pouco. Contudo, resistindo às tentações destas forças malignas, mergulhou no desejo de imaginariamente fotografar aquele corpo sadio e belo, Por isso disse-lhe: «o que eu não faria para fotografar esse corpo ágil e muito bonito!».

«Não estás a pensar fotografar-me nua, pois não?».

«E porque não? O nu é a forma de arte mais pura! Aliás, já os gregos elegiam o corpo humano como modelo das suas obras artísticas, tanto o feminino como o masculino! E, na sociedade romana a nudez manteve-se também como um estatuto social, a qual foi muito exaltada nas representações artísticas.

«Mas eu não sou uma deusa, nem grega nem romana…»

«Minha cara, não há nada mais belo que a tonalidade de um corpo nu! O nascimento de Vénus de Boticelli ou Dânae de Rembrandt são exemplos do que acabo de te dizer, embora o nu, na renascença, ainda estivesse reservado às cortesãs e aos modelos da época! Rubens pintou a fecundidade, a exuberância e a sensualidade, não com a alma de um artista, mas sim, com a sensualidade do homem que se comove com um corpo belo! Já Gauguin, um pintor do século XIX com um génio incontestável, desenhou com mestria o contorno firme de mulheres, para regalo dos nossos olhos de hoje. Goya pintou a sua “ Maja desnuda ”, com um realismo e uma tal ternura, que acabou por imortalizar uma das maiores “sex-symbol” do seu tempo, para muitos séculos depois do seu desaparecimento!

«Mas eu também não sou uma “sex-symbol” do meu tempo…».

«Minha cara aos meus olhos és a maior das “sex-symbol”… Porque não posso também eu imortalizar-te através de uma fotografia, a fim de deixar registo da imagem moderna da Vénus personificada? Porque não posso também eu registar para a posteridade a bela imagem que estou a ter o privilégio de apreciar? Porque não posso também eu perpetuar a beleza deste corpo de formas tão atraentes e insinuantes, às gerações que existirão muito para além deste ser cinza, pó e nada?».

«Estou muito perplexa, e ao mesmo tempo estou muito encantada por te ouvir... As tuas palavras hipnotizam-me... Tenho muita vergonha! Ainda não consegui libertar-me das influências da minha cultura Cristã, onde o corpo é visto como sendo a fonte de tormentos, de tentações e de pecado, e como tal, tem que ser escondido para não suscitar nos outros o desejo carnal e por conseguinte a sua perdição!».

«Minha cara, eu não me importo de pecar! Todavia a Bárbara? Uma mulher tão inteligente e independente a ter esses preconceitos retrógrados e muito antiquados! Aceita ser influenciada por uma doutrina que apenas tolera o nu como coisa inevitável na procriação conjugal, e que a mulher não tem outro préstimo que não seja o de servir o homem e dar à luz crianças… Uma doutrina que manipula a verdade histórica ao vestir Cristo na cruz, quando as lendas nos dizem que todos os criminosos desse tempo eram crucificados nus, somente para que as mulheres não se deixassem seduzir pelo culto fálico!».

«Concordo contigo e também condeno, que a beleza e a magia do nu artístico se sobreponha e banalize tanto a imagem física, como o próprio desejo!».

Ao Dr. Carlos Silva pareceu-lhe que ela estava demasiado ousada nas suas insinuações, por isso pegou-lhe na mão. Agora foi ela, que estremeceu ao contacto leviano destas e um leve rubor coloriu as suas faces de carmesim.

«Minha cara, estava longe de supor que uma rapariga culta e moderna, pensasse que o nu é ofensivo e profano, obsceno e provocatório, ou até mesmo que cometeria o pecado da luxúria, e atraía a ira divina só por se fazer retractar com a pureza e a verdade que a natureza lhe concedeu!».

«Carlos Dias, em face da tua astuta esgrima de palavras...Rendo-me! E se este robe estimula tanto a tua imaginação, vou mudar de roupa... Se me deres licença!».

Foi para o seu quarto, e inadvertidamente deixou a porta entreaberta. Assim, o Dr. Carlos Dias pela frincha da porta pôde admirar duas mesas-de-cabeceira, o espaldar da cama com uma bonita colcha com um padrão cubista, onde predominava a cor lilás. A um canto do quarto ainda admirou um canapé forrado com o mesmo tecido dos cortinados e da colcha da cama. Pelo espelho traiçoeiro da cómoda, o Dr. Carlos Dias contemplou Bárbara a desapertar o roupão, e a despi-lo num "striptease" ingénuo e muito sugestivo, ao som rítmico da música lânguida que enchia a sala, que o transportou para o tempo mítico do cantor argentino Gardel. A musa dos seus sonhos inconfessáveis, deixava assim transparecer por aquela fresta toda a sua sensualidade de mulher que sabe o que quer. Neste despir ao som da música, havia qualquer coisa que estava na fronteira da candura, do escândalo, ou até mesmo da perversão. Mas era tão belo.

Ficou apenas com uns "slips" pretos, enfeitados com belíssimos encaixes laterais em renda lavrada. Mesmo semi-nua, Bárbara dançava ao mesmo tempo que se admirava ao espelho. De facto, o Dr. Carlos Dias tinha dificuldade em conter a impetuosidade que sentia perante aquele espectáculo sensual de movimento e muita sedução. Assim, deu largas à sua impetuosidade, não aguentou mais e dirigiu-se à porta do quarto e disse à Bárbara:

«Tenho razão... Em não acreditar em afrodisíacos nem em amuletos de sedução, quando para nos perder, basta apenas esta visão quase irreal! A minha capacidade de controlo e vontade estão nos limites, pois tenho a certeza que é uma deusa pagã encarnada, hilariante e feiticeira, que está a lançar-me sortilégios, para que não cumpra o meu juramento, e com a quebra deste me escravize a um grande amor!».

Como uma profissional da sedução ou da provocação, Bárbara posou em transe para ele. Acende o seu olhar, e abandona o corpo para trás, e o Dr. Carlos Dias ficou rendido aos seus encantos. Bárbara Pôs as suas duas mãos

na cabeça e a sua farta cabeleira esvoaçou no ar, conferindo-lhe uma beleza excessivamente empolgante, que acabou por o enlouquecer e por isso lhe suplicou: «Por favor! Pare... ou eu faltarei à palavra que te dei. Cuidado. Minha cara quem não quer ser lobo não lhe veste a pele!».

«Porquê? Provoco-te assim tanto?».

Ao mesmo tempo que ingenuamente se exprimia assim, num olhar luminoso, boca entreaberta e voz insinuante, lentamente ela desceu a sua mão direita ao longo do seu corpo curvilíneo e acariciou-se com gemidos que pareciam de desejo. Com aqueles movimentos, o Dr. Carlos Dias fazia apelos a forças desconhecidas para que os seus "slips" caíssem, como acontece à pele escamosa das cobras, animais sinuosos que também hipnotizam as suas presas. Mas, esse seu desejo não se concretizava. Em dado momento o Dr. Carlos Dias pensou: «esta mulher com olhar luxuriante e corpo infantil, começa a despertar em mim um desejo sexual quase incontrolável... Sei que se sucumbir a esta tentação, esta será a minha perdição. Mas, seja o que Deus quiser! Entrego-me à sua vontade…». Aproximou-se dela, e ao som da música tentou simular um passo de dança insinuante e mais atrevido, de forma a poder também acariciar aquele corpo de cobra. Bárbara não se fez de rogada, com o olhar fixo nos dele e gestos muito masculinizados retribuiu-lhe o passo de dança na sua direcção. Nesta iniciativa provocante e quase obscena, com desejos lascivos e incontrolados, o Dr. Carlos Dias tentou pôr a sua mão por entre zonas proibidas e ela desviou-se numa esperteza escorregadia, e disse-lhe com um ar despeitado: «Não! Isso não!».

O Dr. Carlos Dias pensou: «Que mulher é esta? Diverte-se a provocar-me com um coquetismo delirante, até ficar num estado próximo da loucura, para depois se recusar a ir mais longe!». Não conhecerá ela aquele provérbio russo, que "quem tem medo dos lobos não vai para a floresta!". Na verdade o Dr. Carlos Dias sentia-se um lobo esfomeado, e o seu "Capuchinho Vermelho" estava ali tão indefeso na floresta dos sons sensuais, pelo que com as mesmas artimanhas do seu herói da fábula, com uma voz fingida e numa encenação messiânica, transmitiu-lhe a ideia de que nada deste mundo pretendia, limitando-se apenas a preparar o seu espírito para uma vida de candura e de

perfeição, e disse-lhe num tom angélico: «Minha cara! Senta-te aqui por favor...». Pronunciou estas palavras, ao mesmo tempo que bateu repetidas vezes com a mão direita na colcha de padrão cubista. Ela obedeceu prontamente ao seu pedido e aproximou-se com a intenção de se sentar no local indicado. Mas, precisamente no momento em que ela o fazia, ainda em desequilíbrio, com a velocidade da luz, o Dr. Carlos Dias "chicoteou-a" com o seu braço, e estatelou-a ao comprido na cama com colcha de padrão cubista. Ainda não tinha desaparecido do seu rosto o ar de surpresa pelo inesperado movimento e já o corpo do Dr. Carlos Dias tinha rodado sobre si, e ficou por cima do dela.

Depois de sofregamente a ter beijado, com a sua mão esquerda acariciou zonas proibidas do seu corpo esbelto e perfeito, ao mesmo tempo que com a outra mão retirava o "Zé Grande", nome que em tempos fora dado jocosamente por uma das suas amigas. O Dr. Carlos Dias, com indisfarçado orgulho disse-lhe a metáfora ao seu ouvido, e ela riu-se com muito gosto, e ele pensou: «será que ela já conheceu o "Zé Maior"?». Todavia, pelo apelo da carne, o "Zé Grande" foi chamado a intervir, e mostrou-se capaz de responder de forma aceitável. Ao seu contacto, ela imediatamente iniciou um movimento ondulante e cadenciado, ao mesmo tempo que proferia gemidos e queixumes que expressavam uma embriagues de desejo, que se sobrepunha à música que vinha da sala. Sabendo que já nada a detinha e fingindo algum decoro, levantou-se e disse-lhe: «Pára Carlos Dias!».

«Desculpa-me Bárbara! Esta música quase mística, acompanhada da tua dança sedutora, foi mais forte que a minha vontade! Tens razão… Devemos parar!».

Então para sua surpresa, ela disse-lhe com um olhar atrevido e muito luminoso: «Parar agora? Não! Temos que ir até ao fim! Provocou-me… Então vai conhecer uma mulher de verdade!».

Finalmente Bárbara tirou os "slips" pretos de renda lavrada, e deixou o Dr. Carlos Dias admirar um corpo esplêndido de mulher. Atirou-se para cima dele como uma loba esfomeada, abraçou-o e beijou-o com loucura selvagem, e…

Passado algum tempo, perguntou-lhe: «Conheceste alguma mulher... Assim tão fogosa como eu?».

«Quando eu era ainda uma criança, minha avó ensinou-me o princípio do mistério...».

«O princípio do mistério?». «Sim, o princípio do mistério! O princípio de que devemos partilhar tudo com a mulher que amamos, excepto os conhecimentos que partilhamos com outras mulheres! Minha cara, eu sigo religiosamente este ensinamento». Depois dela ter ouvido este seu princípio de conduta, pareceu ao Dr. Carlos Dias que ela estava mais confiante na sua entrega, e até deu-lhe a sensação que ela gostou do que ouviu.

Naquele dia ela manifestou-se uma mulher de sonho ao encarnar-se no tipo de mulher que vive no sonho perverso de cada homem. Por isso, o Dr. Carlos Dias maravilhado com a cena em que era protagonista, procurou reter aquela imagem erótica no compartimento mais reservado dos seus sonhos, para dela poder desfrutar no dia em que a sua presença venha a ser uma mera recordação. O tempo rapidamente passou, entre carícias e afagos mútuos. O corpo de Bárbara já não tinha qualquer segredo ou pudor para os seus beijos. Subitamente, ela procurou com os seus lábios os seus, ao mesmo tempo que passava uma perna sobre o seu corpo e com uma das mãos orientou uma penetração suave. Gradualmente foi aumentando a cadência das suas flexões, até estas ficarem violentas e determinadas. O corpo do Carlos Dias começou a indicar-lhe, que não suportaria por muito mais tempo aqueles movimentos febris. Por isso avisou-a desse perigo: «Pára! Bárbara pára…». E como resposta ela não só não parou, como ainda aumentou a cadência dos seus movimentos. Pelo que o inevitável em êxtase veio a acontecer.

Depois ficaram deitados, lado a lado, sem nada dizerem um ao outro, com os corpos flácidos em cima da colcha com padrão cubista, a olharem para um ponto imaginário do teto, cada um deles mergulhado em pensamentos e em interrogações.

O Dr. Carlos Dias meditava: «O amor tem destas coisas, não escolhe idades!». De facto ele sentia uma infinita atracção e desejo de entrega total àquela

mulher voluptuosa e sensual. Em nenhum momento o Dr. Carlos Dias fingiu aquilo que manifestou na sua linguagem corporal. Antes pelo contrário ele sentiu que o amor tinha crescido no seu peito. Depois ele deu-lhe um beijo na testa e ela perguntou-lhe: «Queres... brincar outra vez?».

«Não! Mais não! O "Zé Grande"... Matava-me! Um outro dia... se não te importas!».

«Ah! Que bom... que divino... como eu gostaria de adormecer todos os dias assim!».

«Minha cara!... Meu amor!... Tenho que me ir embora!». Deu-lhe um beijo e ela agradeceu-lhe: «Carlos Dias!... Muito obrigado... Foste muito gentil em preocupares-te comigo…».

«Eu telefono-te amanhã... para saber se estás melhor! Até amanhã Bárbara! Sonhos cor-de-rosa, minha cara… Meu amor…».

Dia após dia, uma paixão avassaladora tomou conta dos dois, e após seis meses de encontros escondidos, juntaram os trapinhos, o casamento aconteceu dois anos depois, apenas para formalizar a união. Para grande satisfação da "Lady" a Bárbara passou a viver num bonito condomínio fechado com um bonito jardim e muito arvoredo, para os lados de Cascais.

Capítulo V

Jesus foi chamado pela Mafalda para almoçar uma refeição simples e fugaz. Depois do almoço, sentou-se no sofá, abriu o jornal e separou os vários cadernos que compunham o semanário, preparando-se para uma leitura demorada e muito descontraída. Nas páginas centrais, o mesmo elogio de sempre às personagens sapientes do nosso governo, e artigos de fundo dos seus bajuladores crónicos, enquanto que nas notícias propriamente ditas, a oposição parecia ter-se demitido da sua função, talvez porque em todos os tempos foi pecado questionar certas elites… Portanto, Jesus estava convencido que com a conivência da classe jornalística, neste país passou a reinar a utopia, não fosse este país o berço do Quinto Império, o Império dos sonhos, do Sebastianismo e da Saudade Lusitana. Uma mentira muitas vezes divulgada em forma de notícia acaba quase sempre por florescer numa verdade soberana e inquestionável. Pelo que muitas destas verdades não passam de meros sonhos e quimeras para "adormecer" o povo.

Uma crónica de corrupção de um político, que até há pouco tempo era desconhecido a Jesus, despertou-lhe a atenção. Leu o artigo com alguma curiosidade e pensou: «É absolutamente Incrível, como um património insignificante antes das lides neste pântano de interesses em que se transformou a política, se altera para um património colossal e quase ofensivo ao povo! Neste país reina mesmo os "brandos costumes"… E a impunidade para estes malfeitores sociais, também!». Leu mais um outro artigo de um político de escrita fácil, que atribuía as culpas da sua governação para a conjectura Internacional. Leu ainda mais um outro artigo de um político muito conhecido, o qual apelava para um esforço de convergência e modernização do País. Mentalmente Jesus questionou o bom senso desta medida. Pois estas reformas têm na generalidade um custo social muito elevado, pelo que a ruptura social poderá acontecer a qualquer momento. Para não falar-mos no travão ao desenvolvimento económico, que implicaria o esforço financeiro que seria necessário para aguentar nos limites do razoável a imensa legião de desempregados e toda a corja de profissionais dos subsídios.

Apático com as notícias do quotidiano mesquinho, onde impera a violência e o crime, Jesus acabou por abandonar a leitura deste caderno e procurou nos outros cadernos algo de mais útil e importante. Uma notícia publicada no “caderno de empregos” despertou-lhe um maior interesse. Em grandes parangonas podia ler-se: “o negócio do desemprego”. Jesus leu o artigo e retirou da sua leitura um novo e perigoso catecismo, pois esta actividade assenta na boa fé, na esperança e no estado psicológico dos aflitos. E Jesus sabia-o muito bem. Pois, não havia muito tempo que também ele caíra no “conto do vigário”. Depois de uma entrevista com muita conversa, terminou a pagar duzentos e cinquenta contos dos quinhentos contos do contrato que assinara, com a promessa de que iria ser rapidamente contactado, pois havia empresas a precisar de profissionais da sua área, pelo que deveria estar sempre contactável. Ainda lhe afirmaram que se por qualquer motivo não fosse chamado no prazo de um ano, lhe devolveriam todo o dinheiro que tinha pago. Poucos dias depois desta entrevista, já Jesus se tinha apercebido que caíra numa burla muito bem orquestrada. Para ressalvar a situação ainda ligou para a empresa, mas sem sucesso, uma vez que o seu telefonema foi direccionado para uma Senhora que se identificou como sendo “a Dra. Júlia”, que passou toda a conversa a encontrar desculpas, acabando por lhe dizer para se deslocar à empresa e falar com a administração, como se ele não soubesse que nunca seria atendido por esta. Depois deste logro, Jesus pelos seus próprios meios continuou a procurar trabalho. Por esta razão, sempre que ele via estas armadilhas camufladas de simples anúncios de “oferta de emprego”, indignava-se muito, ao mesmo tempo que se interrogava: «porque é que as autoridades não punham cobro a este aproveitamento oportunista? Que a troco de duvidosos cursos de formação, não hesitavam em aproveitar a conjectura para retirarem alguns dividendos dos mais necessitados».

Jesus folheou algumas páginas do jornal, e como já vinha sendo a razão da sua compra, passou os olhos pelos anúncios e deteve-se em alguns, que mereceram dele alguns sorrisos sarcásticos, uma vez que para modestas funções, exigiam aptidões muito acima daquilo que supostamente era necessário para as executar com a competência necessária, e pensou que não viria longe o tempo, em que seria exigido uma licenciatura para se exercer um

cargo de “Auxiliar de Limpeza” ou de “Servente”. Porém, um anúncio de dimensões razoáveis saltou-lhe à vista: “Gestor precisa-se”, era exactamente o que ele procurava. Com mais atenção verificou que este anúncio identificava: uma organização sólida, de grandes dimensões, ambições de expansão europeia e remuneração atraente, pelo que circundou o anúncio com um marcador para mais tarde se candidatar ao cargo anunciado.

O “Boby” um cão de raça “Cocker Spaniel”, preto, de chanfro bem recortado e linha do pescoço bem demarcada dormia ao seu lado, insistindo teimosamente em pôr o focinho em cima da sua perna. Jesus continuou a folhear páginas e páginas do semanário. Pouco a pouco a sonolência começou a dominá-lo. A leitura tornou-se desatenta e com muita dificuldade mantinha os olhos fixos no que lia. Por fim, tanto pelo contágio da modorra do “Boby”, como pelo silêncio sepulcral que se fazia na sala, Jesus foi vencido pela sonolência, afastou o “Boby” para o fundo do sofá, esticou-se, fechou os olhos e adormeceu. Durante a sesta Jesus sonhou que viajava na nave do Tempo. E Nessa viagem através do espaço de um mundo de possibilidades inimagináveis voltou a viver o Tempo em que conheceu a sua Mafaldinha, pelo que foi para ele uma viagem fantástica aos confins da sua memória. Jesus passou pelo menos umas duas horas na antecâmara da morte a viver passados.

Ainda meio inconsciente pareceu-lhe ouvir ao longe a voz da Mafalda. Momentos depois, para ele o chamamento desta tornou-se mais audível. Ela tentava resgatá-lo dos braços de Morfeu e pela sua perseverança acabou por o conseguir. Por sua vez, um forte odor a chá quente e a torradas arrancou-lhe as ondas da possível má disposição, por ter sido repentinamente acordado. «Jesus… Já é muito tarde! Tens aqui um chá que acabei de fazer! Que te vai fazer muito bem…». Com o aroma forte a torradas acabadas de fazer, o “Boby” latiu baixinho para chamar a atenção de Jesus, e com os olhos fixos na bandeja, língua de fora e rabo a abanar, disse-lhe naquele seu linguajar muito próprio que queria também ser convidado para o lanche.

«Senta! Sossegado!». O “Boby” sentou-se, mas passou incessantemente a choramingar para desse modo transmitir a Jesus que as torradas deveriam ser repartidas pelos dois, e em proporções iguais.

«Jesus! Mimas demais o cão… “Chiuuu”! Deixa o dono comer, seu maroto! Tens a tua comida na tina…». «Mafaldinha deixa-o estar! Tu sabes como eu gosto do bicho ao pé de mim... Ele é o meu fiel companheiro!».

Depois do lanche Mafalda levou o tabuleiro para a copa e regressou para ajeitar os jornais espalhados pelo chão. «Cuidado Mafaldinha! Preciso do “caderno de empregos”… Pretendo responder a um desses anúncios que está assinalado! Pois este descanso forçado não é para mim… Até pode ser que com este anúncio tenha sorte!».

«Oxalá que tenhas! Pois a nossa situação económica está a ficar muito complicada… Se fores admitido nesta empresa dou graças a Deus, e tu levas-me a jantar fora para comemorarmos… E vou querer lagosta!».

«Está bem minha querida!».

Jesus levantou-se do sofá, e dirigiu-se ao seu escritório para preparar a resposta ao anúncio publicado pela “organização sólida e de grandes dimensões”. Não seria uma tarefa muito demorada, uma vez que ele tinha no seu computador vários ficheiros com o seu “curriculum vitae”. Todos eles laboriosamente construídos, através da recolha dos extractos das inúmeras entrevistas de selecção a que fora submetido nos últimos anos. Com este saber empírico, Jesus acabou por redigir os seus Currículos dentro das mais sofisticadas técnicas de Marketing, de forma a satisfazer todas as possíveis necessidades anunciadas. Mas mesmo assim a percentagem de sucesso era muito diminuta. Assim, escolheu o modelo mais consentâneo com os requisitos pretendidos por aquele anúncio. Numa carta de apresentação redigiu as razões que o motivavam a concorrer ao cargo anunciado, e aproveitou para salientar alguns aspectos do seu Currículo directamente relacionados com as funções anunciadas.

Mafalda ao vê-lo vestir o casaco, questionou-o num tom que reflectia a sua surpresa: «Vais sair Jesus?».

«Vou ao correio pôr esta carta. Aproveito e levo também o “Boby” a passear! As ruas e o parque são realmente uma tentação para ele…».

Com o restolhar metálico da corrente, o “Boby” repentinamente despertou da sua sonolência crónica, e num ápice estava junto de Jesus a saltitar à sua volta.

Os dias passavam iguais a tantos outros dias. Sempre as mesmas rotinas diárias, sempre os mesmos hábitos. Apenas houve uma pequena alteração do quotidiano, o “Boby” passou a gostar mais do sofá da sala para as suas longas sonecas, e Jesus para as suas sestas cada vez mais demoradas. Num desses habituais descansos de início de tarde, o telefone tocou. Como era hábito, a Mafalda foi atendê-lo: «Jesus! É para ti… Parece que é sobre um anúncio, que tu respondeste!».

Jesus Deu um salto do sofá e atendeu o telefone. Do outro lado do auscultador ouviu uma voz feminina: «Fala da empresa OLIA – Óleos Alimentares, Lda. O Sr. Dr. Jesus Reis fez o favor de responder ao nosso anúncio publicado no jornal de há três semanas atrás, e nós queríamos saber se o Senhor Doutor tem disponibilidade para uma entrevista…».

Jesus mal conseguiu disfarçar o seu contentamento, pelo que respondeu prontamente: «Tenho sim! E para quando estavam os senhores a pensar marcar a entrevista?».

«Pode ser amanhã às nove horas da manhã?».

Jesus nunca gostou de se levantar cedo, por isso ficou um pouco apreensivo com a hora agendada para a entrevista, uma vez que circular àquela hora da manhã implicaria ter que enfrentar uma enorme fila de trânsito. Assim, sem hesitação Jesus retorquiu-lhe: «Minha Senhora, peço-lhe imensa desculpa, mas já tenho compromissos agendados para amanhã de manhã! Não pode ser um outro dia? E de preferência a uma outra hora?».

«O Sr. Nogueira tem muita urgência nesta entrevista! Não poderá ser hoje pelas dezassete horas?».

Jesus finge folhear uma agenda com um restolhar de papéis de publicidade que estavam ali perto, e respondeu momentos depois: «Pode ser sim! Consigo

tirar algum tempo dos compromissos que tenho agendados para hoje! O seu nome… A vossa morada e o vosso telefone por favor...».

Infelizmente, pelos agravos da Vida, Jesus era muito experiente nestas lides e um bom conhecedor da comédia humana. Assim, como um grande actor preparou-se no mais ínfimo pormenor, para representar a cena de um executivo diligente e muito eficiente. Depois de ter completado a sua transfiguração, Jesus saiu de casa pronto a representar a farsa humana. Entrou no seu carro, cinzento metalizado, e passou ainda pela estação de serviços a fim de lhe dar uma lavagem automática para que o seu metalizado ficasse como novo. Parou ainda umas duas, ou três vezes para perguntar o caminho para a empresa, e nas proximidades desta voltou a parar, agora para perguntar pelo nome da empresa, à qual prontamente lhe indicaram a direcção desta. Pelo que Jesus convenceu-se que era uma empresa muito conhecida na zona.

Só quase por acidente encontrou o caminho de terra batida que dava acesso à empresa. As grandes letras de tinta desmaiada no cimo de um tanque de água demonstravam não estar enganado. O portão de gradeamento de ferro, ferrugento e a “chiar”, com ar de quem já conheceu melhores dias, estava aberto, pelo que Jesus entrou com o seu carro. Procurou a portaria, segurança ou algo que se parecesse como tal. Mas, não encontrou nada que se assemelhasse, tudo lhe parecia abandonado e deserto. Aquela que parecia ser a porta principal da empresa, estava fechada e com sinais de já o estar há muito tempo, pois estava coberta de teias de aranha espessas. Nem uma vivalma por perto se via, pelo que a Jesus lhe parecera que entrara num recinto de uma empresa fantasma. No entanto, Jesus tinha uma sensação estranha de que muitos olhares estavam naquele momento cravados na sua nuca, o que lhe causou uma impressão de desconforto.

Ao longe Jesus deslumbrou um vulto apressado que caminhava na diagonal do local onde estava. Correu para ele e perguntou-lhe: onde poderia dirigir-se para falar com o secretariado, mais propriamente com a Sr.ª D. Luísa, pois tinha uma entrevista marcada com o Sr. Nogueira. Muito a medo o homem sussurrou-lhe algumas palavras, das quais Jesus apenas entendeu o seu gesto

que lhe indicava que tinha que subir umas escadas que até ai lhe tinham passado despercebidas. Subiu as escadas e no cimo destas empurrou uma porta de vidro, que dava acesso a um grande espaço de divisórias de ónix com acabamento polido e ângulos bem marcados. Fez-se anunciar na Recepção, e momentos depois uma mulher jovem de cabelos castanhos muito compridos, olhos de um castanho matizado, sorriso aberto e brilhante, trajada com um vestido vermelho com uma rosa azul-escuro acima do peito como enfeite, justo e muito curto, com passo decidido aproximou-se de Jesus. «Dr. Jesus Reis? Luísa! É um prazer conhecê-lo...». «O prazer é todo meu… Minha Senhora… E não me enganei!». «Desculpe-me Sr. Doutor… Não se enganou do quê?». «A dona de uma voz tão melodiosa e doce só poderia pertencer a uma senhora elegante e muito bonita!». «Obrigado! O senhor doutor deixa-me corada...». Disse ela com falsidade, uma vez que o tom rosado do seu rosto era proporcionado pelo reflexo provocante do seu curto e justo vestido, e não por nada que ele lhe tivesse dito. «Vou anunciar a sua chegada ao Sr. Nogueira. Por favor acompanhe-me!».

Jesus seguiu-a com o olhar fixo nas pernas que se desnudavam à medida que Luísa caminhava em direcção a uma sala-de-espera. Jesus entrou na sala e deu um olhar de relance à sua decoração, a qual era composta por uma mesa com tampo de vidro ornamentado com muitas dedadas, novas e antigas; rodeada por quatro cadeirões com estrutura tubular cromada, acentos e encostos almofadados em napa preta. Em cima da mesa, estavam revistas já amarelecidas pelo Sol e pelo tempo. Jesus sentou-se num cadeirão, e enquanto esperava admirou o mobiliário e a parca decoração daquela sala-de-espera. Jesus conhecia muito bem aqueles modelos de cadeirões, uma vez que foram o topo de gama dos cadeirões da fábrica de mobiliário de escritório onde em tempos antigos Jesus exerceu as funções de Chefe dos Serviços de Aprovisionamento. Estes trastes geradores de recordações transportaram-no para a provável idade dos mesmos, e chegou à conclusão que com grande probabilidade até poderia ter sido ele a negociar e a comprar os materiais inertes que lhes davam forma. Outros pensamentos daquele tempo vieram-lhe também à sua memória. Jesus acabou por ajuizar: «é impressionante como o tempo passa depressa em algumas situações e passa lento em outras!», uma

vez que pelo facto da sua memória estar tão viva, parecia-lhe ter sido não há muito tempo em que fora admitido como auditor de “Contas a Pagar” naquela empresa de mobiliário. Naquele tempo era uma empresa sólida, produzia artigos de grande qualidade e por isso era uma empresa de grande prestígio. Uma luta fratricida entre irmãos colocou-a à beira do colapso, e os anos “loucos da revolução” acabaram por a encerrar, ficando a dever-lhe oito meses de remunerações.

Quando a Secretária chegou junto de Jesus, ainda ele estava mergulhado no turbilhão das suas recordações, pelo que se surpreendeu quando ela lhe disse: «Sr. Dr. Jesus Reis, quer ter a gentileza de me acompanhar! O Sr. Nogueira vai recebê-lo já».

Jesus voltou a apreciar aquelas curvas e pernas de tentação. Chegaram junto ao gabinete do Sr. Nogueira e entraram, era um espaço dominante e luxuoso em comparação com os outros espaços em seu redor. O Sr. Nogueira de pé aguardava-o com um ar de quem está sempre muito ocupado. Cumprimentou-o com deferência protocolar, ao mesmo tempo que lhe fez sinal para ele se sentar num cadeirão que estava à frente da sua secretária. «Faça favor de se sentar Sr. Doutor e esteja à sua vontade…». Jesus sentou-se no cadeirão indicado. Por detrás dele, uma gigantesca estante, completa de livros de lombadas não quebradas, ordenados por temas técnicos com o cuidado de quem os colecciona e os expõe como se fossem obras de arte. Na secretária de tampo de vidro sobre colunas de mármore negro, muitos papéis fossilizados, o que dava a Jesus a percepção, que aquele homem de grandes entradas, cabelo cor da neve, dentes de porcelana e sorriso artificial, poderia ser uma pessoa de muitos afazeres, mas não era pessoa que gostasse muito de burocracias.

«O senhor doutor, fez o favor de responder ao meu anúncio... e...». As suas palavras foram engasgadas pelo remexer nervoso em várias camadas de documentos, na procura do “curriculum vitae” de Jesus, que pela insistência demonstrada num sector da secretária, devia estar algures no canto esquerdo desta. «Ah! Aqui está…».

Depois começou por retractar a Jesus a sua empresa, com tintas tão carregadas e em tom tão febril, que deixou-o muito confuso, ao ponto deste ter pensado, que se não estava na presença da senilidade, pelo menos era garantido que estava na presença de um sonhador. O Sr. Nogueira parecia um visionário na descrição de um rosário de negócios e planos estratégicos. Parecia tão absorto nesta divagação utópica, que atónito, Jesus já só via os seus pequenos dentes de rato cuspindo frases dum terço de sonhos e de fantasias. Por isso, quase que por completo se desligou daquele monólogo, e pensou para comigo: «tem dentes de rato… Não! Talvez de ratazana astuta!». O esforço para estar atento à descrição da empresa e dos seus negócios era cada vez maior. Sim! O seu epíteto estava muito apropriado, pois tinha orelhas minúsculas e redondas, rosto afocinhado, dentes pequenos saídos. Era sem dúvida a caricatura duma grande e velha "ratazana". O "ratazana" continuou ainda por mais algum tempo a "chiar" sonhos deste mundo e do outro. Por fim o Sr. Nogueira acabou a sua longa explanação, e por breves momentos fixou o seu olhar no "curriculum" de Jesus disse-lhe: «O senhor doutor compreenderá... Mal tive tempo para ler o seu curriculum… São tantos que a maior parte deles nem sequer os leio! Tenho o meu próprio método de selecção!».

O Sr. Nogueira não disse a Jesus é que o seu método de selecção era um método muito simples: mandava os "curriculuns" ao ar, e aqueles que caíssem no tampo da sua pequena mesa de apoio a duas poltrona e um sofá de dois lugares que estavam no seu gabinete, seriam os "curriculuns" seleccionados para marcação de entrevistas. «Ora deixe-me cá ver… Ah! Sim, já me recordo... Fale-me um pouco de si, Sr. doutor…».

Jesus com um orgulho mal disfarçado falou das suas experiências adquiridas ao longo dos seus muitos anos de trabalho. «E… Foi este passado de sucessos e de triunfos que me fez hoje responder ao seu desafio!».

«Hum! Quer tomar um café Sr. Doutor?».

«Obrigado! Não bebo café!».

«E um Chá? É servido para um chá?».

«Aceito um chá de bom grado…».

O Sr. Nogueira ligou o intercomunicador e com voz autoritária pediu um café e um chá, e voltou ao assunto em discussão: «Quais são os seus pontos fortes? Senhor doutor...».

«É muito difícil falar de mim, quando por natureza a modéstia mo impede de o fazer… Vou tentar responder com a “humildade” que caracteriza a minha forma de estar na vida… A minha elevada experiência e saber profissional, associada à tenacidade e à força anímica para a vitória e sucesso acompanham-me desde o berço! A capacidade de chefia e comando de Homens em missões próximas da fronteira do irrealizável são a garantia que alcanço sempre o sucesso, sejam quais forem os cenários que se me apresentem! A ambição e os objectivos de carreira bem definidos, foram sempre os ingredientes indispensáveis, que me motivaram a tornar alguns projectos à partida estéreis em projectos de pujança e de grande sucesso...».

Jesus com um discurso firme, convincente e muito ensaiado, mostrou ao seu interlocutor um bom leque de qualidades profissionais, e um vasto conhecimento técnico e científico que o impressionou muito, e por isso levou-o a perguntar-lhe: «Com tantos pontos fortes, quais são os seus principais pontos fracos e limitações? Sr. Doutor…».

O “ratazana” estava completamente senil se pensava que Jesus ia auto flagelar-se e condenar-se a si próprio. Assim, sem esquecer o papel social que representava, num gesto muito encenado, procurou responder com pequenos defeitos, que não eram defeitos, ou que se o eram, poderiam facilmente ser corrigíeis. «Sou por natureza uma pessoa hiperactiva e tenho a tendência para trabalhar demasiado! A inactividade apavora-me, tenho que estar permanentemente a fazer qualquer coisa... Esforço-me para não me destacar nitidamente da equipa, mas raramente triunfo neste intento, dado o meu grande conhecimento técnico e a minha grande experiência de Gestão Administrativa e Financeira! Por outro lado, gostaria de alargar os meus conhecimentos em línguas estrangeiras…».

Depois de Jesus ter respondido às mais variadas perguntas do Sr. Nogueira e de ter mencionado a remuneração pretendida para o desempenho das funções anunciadas, o Sr. Nogueira astutamente propôs-lhe: «Diga-me senhor doutor… Não está disposto... Digamos... Nos primeiros tempos até nos conhecer-mos melhor, a colaborar connosco em regime de “outsourcing”! Claro que seria uma situação transitória, porque passado essa fase inicial faríamos um contrato de trabalho na forma que o Sr. Doutor achasse por bem...».

«Sr. Nogueira, encaro essa hipótese com muito agrado, tanto mais que gostaria também de conhecer melhor a empresa, a fim de saber se reúne os desafios que espero poder nela encontrar…».

Para Jesus era muito importante saber há quanto tempo estava aquele cargo vago, e principalmente saber o que aconteceu aos seus ocupantes anteriores. Pois da resposta que obtivesse concluiria se ele não seria mais um a investir um longo tempo num projeto que não daria em nada, pelo que perguntou: «Sr. Nogueira, há quanto tempo este cargo está em aberto?».

«Há pouco tempo… Tive um homem que me enganou... e enganou os bancos. Veja lá Sr. Doutor que até me levou os computadores....».

Jesus ficou estupefacto com a resposta, pelo que pensou: ou o Sr. Nogueira era um génio da representação, ou era um homem idoso, vítima fácil de intrujões que se aproveitam da sua debilidade. Para ficar esclarecido perguntou-lhe ainda: «Quantas pessoas ocuparam este cargo nos últimos dois anos, Sr. Nogueira?».

«Bem... tive esse homem que lhe acabei de lhe falar, e tive também uma rapariga que me arranjou para aí umas confusões e acabou por se desinteressar… Era muito nova e imatura, não estava preparada para tão grande responsabilidade… Quando é que o doutor pode iniciar as suas funções nesta empresa?».

«Somente daqui a uma semana! Pois como o Sr. Nogueira compreenderá tenho ainda compromissos profissionais a ultimar!».

«Então... no dia um de Março está bem para si?».

«Está muito bem… Nessa data já estarei descomprometido!».

Bateram à porta do gabinete, e o Sr. Nogueira mandou entrar: uma senhora com a aparência de ter cinquenta anos de idade e cara de “Basset Bloodhound”, tímida e curvada, entrou com uma bandeja, na qual vinha o chá, café, açucareiro e umas quantas bolachas.

«Aproveito para lhe apresentar a Sra. D. Alda Pinto, Directora dos Recursos Humanos! Trabalha para mim há mais de vinte e cinco anos!».

«Minha Senhora, tenho muito prazer em a conhecer…».

Jesus cordialmente esticou-lhe a mão. Sem conseguir disfarçar a sua surpresa, por ser servido pela própria Directora de Recursos Humanos. Mas mais espantado ficou com a timidez que a “ basset ” demonstrou, num sinal inequívoco de ter sofrido muitas advertências no passado, pelo que lhe ficou uma manifesta insegurança. Aceitou a sua chávena de chá, pôs-lhe um pacote de açúcar, mexeu e foi bebericando enquanto falava: «Portanto, no dia um Março, às nove horas da manhã apresentar-me-ei na empresa, para com a minha elevada experiência profissional, contribuir frutuosamente para o desenvolvimento da sua empresa! Certo?».

«Assim o espero! Sr. Doutor, muito obrigado pela sua disponibilidade, e… Se não se importa estou com muita pressa. Sabe…Tenho uma partida de ténis marcada e já estou muito atrasado…».

«Sr. Nogueira, eu é que estou muito agradecido por me ter dispensado um pouco do seu precioso tempo…».

O Sr. Nogueira esticou-lhe a mão, despediu-se e teve a gentileza de o acompanhar até à porta do seu gabinete, que com cortesia a abriu para que ele pudesse sair. No lado de fora do gabinete encontrava-se a Luísa à sua espera, e disse-lhe em tom jovial:

«Seja bem-vindo à nossa organização! Dr. Júlio Reis… Não se esqueça de entrar com o pé direito! Desejo-lhe que tudo lhe corra bem!».

«Obrigada! Colega... Alguma coisa me diz que vamos ter oportunidade de nos conhecer melhor...».

«Hi! Hi! Hi!».

No regresso a casa, Jesus vinha visivelmente satisfeito. Chegou mesmo repetidamente a trautear uma canção da moda, ao mesmo tempo que ao seu pensamento lhe afluía a grande desorganização da OLIA – Óleos Alimentares, Lda. A secretária do Sr. Nogueira com vários sedimentos de papéis em cima, demonstrava que este era muito desorganizado, e o provérbio diz: que o "fundador desorganizado cria empresa desorganizada". Por outro lado o Sr. Nogueira durante a entrevista demonstrou ter muitas idéias para a criação de negócios, e também há um provérbio que diz: "fundador empreendedor cria empresa com espírito empreendedor". Em suma, Jesus sabia que toda empresa ao ser criada terá sempre uma cultura implantada, e esta seguirá sempre os princípios e valores do seu fundador. Pelo que para agradar ao Sr. Nogueira só lhe restava preparar-se para uma boa estréia. Assim, para ganhar confiança disse para si próprio: «Não faz mal, o Sol brilha para todos, só que alguns se esquecem de abrir as janelas. Portanto vou abrir a janela. Estou convicto que esta será a empresa ideal para colocar os meus conhecimentos à prova!».

Se Deus quisesse classificar e dividir a humanidade em grupos, optaria certamente pela classificação entre "optimistas" e "pessimistas". Assim, o primeiro grupo seria atribuído às pessoas, como Jesus, que vêem em cada problema uma excelente oportunidade para aplicarem o seu empenho e o seu saber, usando para isso, a criatividade e os talentos recebidos, como: a inteligência, a coragem e a capacidade de lidar com o desafio, na vontade legítima de o ultrapassar. No campo oposto ficariam as pessoas que vêem em cada pequena pedra no sapato, uma maldição e um atentado à sua felicidade. Em suma, a velha questão do "copo meio cheio", ou do "copo meio vazio". O seu optimismo e a sua autoconfiança levou-o a sonhar acordado com sucessos durante o regresso a casa. «Que trabalho de Hércules vou ter! Mas... dentro de três anos ninguém conhecerá esta desorganizada empresa!».

De regresso a casa, Jesus saboreou a condução do seu carro numa velocidade pouco usual. A satisfação era tal, que em diversos cruzamentos até deu a prioridade de passagem a outros condutores mais apressados. Chegou a casa transbordando de felicidade e alegria.

Quando chegou a casa foi recebido pelo “Boby” a abanar o rabo e a empinar-se para receber uma festa. Jesus ergueu-o no ar e transportou-o ao colo ao mesmo tempo que lhe fazia festas no pescoço. O “Boby” ficou muito agradecido, pelo que começou a lamber-lhe a cara. A Mafalda aproximou-se, deu-lhe um beijo e exclamou: «Oh! Jesus o cão vai encher-te de pêlo…Vens hoje muito contente! Não me digas que foste admitido?».

«Fui Mafaldinha… Fui admitido! Mas... aquela empresa tem qualquer coisa de irreal e de pouco convencional… Sabes… Os funcionários vivem assustados e transformam-se em sombras pelos cantos a cochicharem como se fossem conspiradores; a própria Directora dos Recursos Humanos serve chás e cafés…». «O quê? Tu um profissional experiente a recear uma empresa de dimensão bem mais pequena daquelas em que te distinguiste, e… Com vaidade ainda hoje oiço os vizinhos que foram teus colegas a exaltarem os teus feitos, o que muito me impressiona e me orgulha! Quando é que deixas de estar sempre a brincar comigo? Jesus! Isso é para não me levares hoje a jantar fora para convenientemente comemorarmos este fantástico acontecimento? Não penses que escapas desse compromisso que assumiste... Hoje vamos jantar fora e vais pagar-me uma “lagosta suada”!». «Está bem! Está bem! Mafaldinha… Aproveitas-te de todos os acontecimentos, para justificarem um jantar requintado à luz de velas e de violino... Não é assim?».

Capítulo VI

Ao anoitecer, Jesus carinhosamente pediu a Mafalda que se vestisse, pois começava a ser tarde para irem jantar. Ela adorou aquele tom paternalista de Jesus, uma vez que adorava sentir-se menina protegida e submissa. Levantou-se da "senhorinha", tirou do roupeiro, um vestido de noite em "lamé", que por inteiro lhe ocultava as pernas e a partir da cintura todo ele fosforescia como a cauda prateada de uma sereia. Com uma pequena mala de tartaruga, umas luvas pretas de cano alto e uns sapatos envernizados da mesma cor, Mafalda era a Vénus reencarnada. Jesus trajou a condizer com a deusa provocadora dos seus sonhos mais íntimos. Mafalda ainda não estava completamente metamorfoseada como a deusa do seu encanto. Faltava-lhe um pequeno adorno que estava na gaveta da cómoda. Ele sabia que esta surpresa a ia encantar desmedidamente. Retirou da gaveta o estojo em veludo encarnado em forma de uma concha e disse-lhe: «Mafaldinha! Meu encanto… Meu amor! Tenho aqui um presente para ti! Uma prenda para a mulher mais bonita e sedutora dos meus olhos!». Ela com um olhar de contentamento e com o brilho nos olhos de quem sabe do que se trata, abriu de imediato o estojo, e o seu rosto iluminou-se. Estarrecida com a visão de um colar com cinco fiadas de pérolas e no centro um fecho com uma safira rodeada de diamantes, parecia meditar. Uma lágrima teimosa rolou pela sua face. «Oh! Jesus tu és louco... Foste gastar tanto dinheiro… E logo nesta altura...».

«Para a minha querida, tudo o que eu lhe posso dar é muito pouco… Deixa-me ser eu a ter o prazer de colocá-lo!».

Ela esticou-lhe o seu gracioso pescoço nu e à sua volta Jesus colocou a preciosa jóia. Antes de saírem de casa pediram ao "Boby" que tomasse conta da casa e que se portasse bem. Pôs pelas costas uma pequena capa branca de vison e saíram para o exterior.

Um táxi levou Jesus e Mafalda ao Bairro labiríntico do Castelo de São Jorge, edificado nos tempos em que só se andava a pé, de burro, ou a cavalo. A uns cem metros do local onde o táxi os deixou, encontraram o restaurante Tágides,

cuja bela vista panorâmica sobre o rio Tejo e a sua gastronomia são muito famosas por toda a cidade de Lisboa. Tocaram uma pequena campainha dissimulada na frontaria do edifício, com uma traça típica do bairro, e uma porta com um postigo de vidrinhos abriu-se, um porteiro fardado a preceito, atendeu-os muito cerimoniosamente, e com um gesto surdo de dedos, chamou um empregado com um paletó preto sobre uma camisa muito branca, encimada por um laço preto e cintada por uma faixa da mesma cor das calças. Este empregado com gestos amáveis e corteses, indicou-lhes primeiramente o bar do restaurante, como pretenderam de imediato irem para a sala de jantar, recusaram com delicadeza o convite. Então foram por este conduzidos ao salão todo forrado a teca, e indicou-lhes uma mesa perto da pista de dança. O empregado com profissionalismo afastou uma cadeira de espaldar e acento almofadado a cetim azul, e Mafalda muito senhorilmente sentou-se nela, o mesmo fez Jesus. Como era habitual nele, de imediato prendeu no seu cinto o guardanapo da mesma cor da toalha e das cadeiras, a fim de proteger as suas calças de alguma eventualidade, que geralmente num jantar sempre lhe acontecia.

Uma pequena banda naquele momento tocava o Danúbio Azul de J. Strauss, e três casais valsavam ao longo da pista com uma invejável qualidade artística. Aproximou-se da mesa um outro empregado de luvas brancas, e tirou um isqueiro do seu pequeno bolso do lado direito superior do paletó e com ele acendeu a vela do candelabro que estava na sua mesa. Quando a chama bruxuleante começou a iluminar os rostos de Mafalda e de Jesus, ele deu-lhes o cardápio para fazerem a sua escolha. «Então Mafaldinha! Que escolhes para comer? Sempre queres a lagosta?».

«Não sei, Jesus!» Ela parecia estar indecisa, perante aquele desfilar de iguarias, que mais se assemelhava a uma poesia do que propriamente à alta gastronomia da cidade. Jesus, vendo que Mafalda não se decidia, sugeriu-lhe: «E, caça? Não queres caça Mafaldinha? Temos aqui... olha, deixa-me cá ver... Perdizes à Convento de Alcântara! Nunca comeste?».

«À Convento de Alcântara, não!». «Sabes Mafaldinha, este nome está rodeado de uma lenda. Consta-se... que no tempo das invasões francesas, um capitão

do exército invasor roubou daquela casa conventual a receita, para a oferecer à mulher de Junot e sua amante...».

«Não quero pratos relacionados com amantes! Sabes como não aceito infidelidades e traição… Muito obrigado! Sempre escolho a lagosta que me prometeste... Lagosta Suada à Moda de Peniche!».

«Uh! Eu não aprecio lagosta, assim... vou escolher... um bife à “Marrare”... Também está rodeado de tradição! Consta-se que um italiano no século XIX salpicou a baixa Lisboeta de restaurantes e o mais famoso foi o Marrare, que ficava na zona do Chiado, e se celebrizou com o famoso e saboroso bife...».

«Tu, e a história, Jesus! És sempre o mesmo!».

Mal tinham colocado em cima da toalha azul o cardápio, quando um empregado muito solícito abeirou-se deles de modo muito cortês e perguntou-lhes se necessitavam de algum auxílio para a escolha do prato. Jesus respondeu-lhe: «Não é necessário! Muito obrigado! Por favor... Pretendia-mos… Para a minha esposa, uma Lagosta Suada à Moda de Peniche... e para mim, um bife à Marrare! Bem passado, por favor!».

«O senhor quererá ter a gentileza de me acompanhar ao viveiro, para escolher a lagosta para a sua excelentíssima e encantadora esposa?».

«Certamente!».

«Jesus! Olha que levas o guardanapo como avental.»

Subtilmente ele tirou o guardanapo pô-lo na mesa e acompanhou o empregado ao viveiro para escolher a lagosta. Quando regressou, Mafalda estranhou a sua fisionomia de aspecto ensombrada: «Jesus! Que cara é essa? Meu Deus! Não gostaste da lagosta?».

«Gostei Mafaldinha! vais comer um magnífico exemplar! Como é do teu conhecimento há já muito tempo, nunca gostei de ver ainda vivos os seres que irão ser sacrificados para que possamos sobreviver!».

Jesus voltou a prender o guardanapo no cinto e sentou-se na cadeira. Entretanto, o chefe daquela mesa aproximou-se com a “carta dos vinhos”, para eles fazerem a sua escolha. «Que vinho preferes Mafaldinha?».

«Tu é que sabes! Pois não és tu o conhecedor e o entendedor de vinhos...».

«Mafaldinha! Para uma mulher muito especial... para uma refeição também muito especial... somente um vinho igualmente muito especial... escolho para ti um vinho de uma zona que já foi demarcada, denominada zona da Estremadura!».

«Lá vêm outra vez a história, não vem?».

«Nas pequenas regiões vitivinícolas dos concelhos que envolvem esta maravilhosa cidade, como sejam os conselhos de: Colares, Bucelas, Carcavelos, produzem-se ainda bons e magníficos vinhos generosos!».

O chefe da mesa que ouviu a explicação de Jesus, muito educadamente sugeriu-lhes: «para a senhora, sugiro um vinho branco de Bucelas: “Prova - Régia”, que é produzido na quinta da Romeira, exclusivamente com uva da casta “Arinto”, que é casta predominante da região!».

«Sim… É um bom vinho para acompanhar com a lagosta! Mas… para mim… Quero antes um bom vinho tinto do Baixo Alentejo!».

«Então, sugiro ao cavalheiro o vinho de Borba tinto, reserva 1989! É um vinho sujeito a maceração prolongada, onde metade é envelhecida durante três meses em madeira nova e a outra metade durante um ano em madeira velha a que se segue o estágio em garrafa ao longo de doze meses! É um vinho de boa cor, bom aroma e elevado grau alcoólico e que deve ser acima de tudo degustado algo envelhecido…».

«Aceito a sua magnífica sugestão!».

«Sabes Mafaldinha, vais beber um vinho cheio de tradições...».

«Já me admirava, se não viesses com a história da uva e do vinho…».

«Pois, fica sabendo, que na era dos descobrimentos os marinheiros regressados a Portugal deliciavam-se a comer petiscos acompanhados pelo magnífico “Arinto de Bucelas”!».

«Jesus! Já que falas em história, lembras-te dos nossos primeiros tempos de casados. Lembras-te daquela vez que jantámos no Solar dos Presuntos: bacalhau guisado, pataniscas e os peixinhos da horta?».

«Lembro-me muito bem, minha querida! Isso foi nos alvores do nosso casamento, não Foi? Que delícia… Eu comi uma fava-rica igualzinha à que comia na minha meninice!».

«Sim! Mas também bebeste um vinho muito bom... Fizeste cá uma figura...».

A música fazia-se ouvir suave nos últimos acordes de uma das preferidas valsas de Jesus, “Wine, Women, and Song”. Enquanto aguardavam pela refeição, foram petiscando os aperitivos que estavam em cima da mesa, com especial predilecção por uns camarões tostados com cogumelos. «Mafaldinha! Lembras-te de cada coisa. A tua lagosta ainda vai demorar algum tempo! Eu cá por mim, só com estes aperitivos já estava jantado! Esta é a nossa música preferida! Temos tantas recordações… Lembras-te? Vamos dar um passinho de dança enquanto esperamos pelo prato principal?».

«Jesus! Já não és propriamente um jovem, e o teu coração não é lá muito forte para essas coisas!». «Dias não são dias, minha querida!». Jesus pegou delicadamente na mão da sua princesa e conduziu-a à pista de dança, precisamente no momento em que se fazia ouvir os primeiros acordes da valsa “ The Blue Danube ”, uma das suas preferidas. «Jesus! Trazes outra vez o avental posto... que vergonha! Meu Deus! És sempre o mesmo distraído de sempre!».

Jesus, tirou o guardanapo do cinto, dobrou-o com cuidado e pô-lo dentro do bolso do seu casaco. Num suave carrossel iniciou os primeiros passos da valsa. Mafalda rapidamente navegou sobre as ondas melodiosas de uma das mais belas valsas do mundo e soberbamente executada por aquela banda que mostrava ser muito experiente. De olhos semi-encerrados ela saboreava aquele rodopiar ondulante, embalada numa agradável maresia de sons de

violinos e violoncelos, Mafalda sorria muito feliz no seu mundo de fantasia e de sonho, construído e alimentado pelas inúmeras revistas do “jet set”, que comprava com alguma frequência. Outras valsas se seguiram, como: “Crystal and Gold ”, “ Nightfall”, “ Love is Music ”, “ Louder and Faster ” e “ With You Gone ” e Mafalda não mostrava os mais leves sinais de cansaço. Pelo contrário, Jesus é que estava visivelmente cansado e com uma estranha dor no braço esquerdo, por isso propôs a Mafalda para regressarem à mesa.

Por fim, chegou a tão esperada lagosta acompanhada com um arroz à crioula, e também o soberbo bife bem passado. Mafalda e Jesus comeram com apetite e muita satisfação aquele manjar divino, até, que Mafalda se lembrou, que faltava qualquer coisa para completar a razão daquele maravilhoso jantar: «Jesus! Vamos brindar à nossa saúde e ao teu sucesso no novo emprego!».

Ergueram os copos e num tilintar cruzado fizeram a saúde e profecias a um futuro que esperavam que viesse a ser brilhante e risonho. «Sabias Mafaldinha, que o “ chinchin”, quer dizer duas vezes felicidade em chinês!».

«Pronto! Já cá faltava a história e as lições do costume! Não! Não sabia… Jesus! Agora não te esqueças de entrares na nova empresa com o pé direito! Dá sorte!».

«Mafaldinha! A minha sorte é construída por mim e não pelos horóscopos!».

Ela bate muito depressa no tampo da mesa em madeira e com um ar escandalizado, e uma voz sussurrada exclamou: «Jesus! Não digas blasfémias! Pois podes vir a ter muito azar! Lembras-te do que te aconteceu há um ano, quando passaste por baixo de uma escada, depois de um gato preto se ter atravessado à tua frente...».

«Sim! Lembro-me muito bem... Como me poderia esquecer desse dia malfadado! Levei com uma lata de tinta branca em cima... E com os berros do pintor também! Pois, não reparei no bichano, e pisei-lhe o rabo em cheio. O bicho assanhou-se, e eu assustei-me com o seu miar, pelo que me desequilibrei e derrubei a escada, e com ela a lata de tinta branca que estava em cima dela!».

«E daquela vez, que partiste o espelho da casa de banho pequena, quando o estavas a colocar... tivemos sete anos de azares... lembraste?».

«O espelho tinha muitos ornamentos e era muito grande… Não o segurei bem, e... O azar maior foi que o seu preço foi obra... Não foi nada barato aquele espelho! Foi mesmo azar tê-lo partido! Como eu gostava daqueles ornamentos… E daquele espelho!».

«E daquela vez que deixaste uma faca em cima da toalha. Lembras-te? Foi cá uma briga...». «Pois foi… E o vizinho tinha razão! Logo foste sacudir a toalha à janela! Por um pouco a faca não acertava na careca do vizinho de baixo! Apanhou cá um susto! O coitado!».

«Mas tens que admitir que foi mesmo azar... o vizinho podia não estar à janela, e na verdade quase nunca está! Logo naquele dia tinha que estar à janela!».

«Oh! Mafaldinha! Essa crença deve provir do tempo em que os povos armados com armas de pedra ou de bronze, eram facilmente vencidos pelas afiadas e aparentemente mágicas adagas de ferro…».

«Mas estou convencida que o vizinho nesse dia teve muita sorte! Estava protegido por um trevo de quatro folhas e duma pata de coelho que nunca larga!».

«Se ele encontrou um trevo com quatro folhas é sinal que andou de gatas! Se traz uma pata de coelho, é sinal de que é bom caçador, ou que tem um amigo que o é!».

«Eu empresto-te as minhas figas e a minha ferradura em miniatura… Vais precisar de muita sorte no novo emprego!».

«Oh! Mafaldinha, eu já tenho sempre comigo a imagem de Nossa Senhora pendurada no meu fio!».

«Mas... não está benzida, Jesus!».

«E depois Mafaldinha! Assim como assim, se não der sorte, também não há-de dar azar! Com tanta superstição fazes-me lembrar a minha avó, ela acreditava em fadas e em gnomos. Na tentativa de tornar os espíritos propícios, ela até

deixava parte do lume aceso na lareira para que as fadas se aquecessem durante a noite! Sem o saber, ela estava a ser influenciada pelos costumes dos povos primitivos…».

«Na verdade, Mafaldinha! Quando bateste na madeira, também tu estavas imbuída de princípios e costumes ancestrais! Pois a convicção de que bater na madeira é uma garantia de sorte, reflecte a crença do homem primitivo de que todos os objectos naturais, por exemplo uma árvore, eram habitados por um determinado deus… Mafaldinha! Com esse gesto, acabaste por chamar um deus primitivo! De igual forma, quando me querias oferecer uma ferradura, como amuleto, o princípio foi o mesmo… Chamaste um deus atribuído ao fogo e ao ferro!».

«Oh! Que blasfémia! Jesus… Que o azar não te atinja! Jesus, pára de brincar com o saleiro, podes derramar sal e então é que o azar entra também neste jantar!».

A Mafalda era muito supersticiosa. Vivia no seu inconsciente as superstições dos seus antepassados, como se de um folclore se tratasse. Jesus também foi educado em crenças e em superstições timidamente sussurradas, por isso, compreendia muito bem a Mafalda. Pois ele sabia que as superstições dela podiam funcionar como sinopses positivas, uma vez que ela ao acreditar que se fizesse isto ou aquilo, fazia acontecer o que desejava, e fazia mesmo! Então, vivam todas as superstições. Se bater na madeira era uma boa alavanca para a transportar para a realidade que escolheu, então força, continue a bater na madeira muitas vezes. Jesus brincava com as crenças da Mafalda, não por não a compreender, mas sim, pelo seu olhar gaiato e assustado, até mesmo quase infantil que muito o divertiam.

Depois do repasto principal, aproximou-se da mesa uma elegante empregada com um carrinho com diversos doces e muitas frutas exóticas. Mafalda e Jesus optaram por uma Tiborna de Ovos e um Toucinho-do-Céu, respectivamente. Quando estavam a saborear a sobremesa, um miúdo entrou na sala com um ar decidido de quem sabe o que quer. Não aparentava ter mais de onze, ou até mesmo doze anos. Trazia nas mãos um molho de rosas muito vermelhas. Cada uma delas envolta em papel celofane. Com um rasgado sorriso fitou a

potencial clientela e prontamente decidiu-se. Encaminhou-se para uma mesa perto da mesa de Jesus e Mafalda, onde estavam três mulheres de meia-idade e com ar erudito. Disseram-lhe qualquer coisa. E o rosto do rapaz ficou taciturno. Então, dirigiu-se à mesa de Mafalda e de Jesus, e com uma voz ainda infantil começou por perguntar a Jesus: «Deseja uma rosa para oferecer à senhora?».

«Quanto custam? Meu menino!».

«São só cinco euros!».

«Uh! Pedir, sabes tu! É muito caro… Não quero!».

«Bem! Como a senhora é muito bonita... são apenas três euros!».

«Então… Jesus não sejas "forreta"…».

«Quero apenas uma rosa! Seu espertalhão! A mais formosa e a mais bonita do teu ramo! Aquela ali!».

E Jesus apontou para a rosa que pretendia.

«Oh! Jesus, como às vezes sabes ser um cavalheiro...». Jesus pagou a rosa ao pequeno de cabelo de rufia, que imediatamente se dirigiu em direcção às outras mesas ali próximo, já mais sorridente e muito mais confiante.

«Mafaldinha! Por ver este miúdo, lembrei-me de te contar! Há uns tempos atrás salvei uma mendiga de uma morte quase certa!». «Oh! Jesus como foi isso possível?». E Jesus contou-lhe em pormenor todas as peripécias que envolveram a Bárbara e a ajuda que dera a esta, ocultando o facto de continuar a pagar-lhe o alojamento, e as mais variadas despesas.

«Jesus! O que a levou a escolher uma situação tão trágica, dramática e definitiva?».

«Bem, ela disse-me que já fora casada...com aliança no dedo e tudo!». «Então... Quais foram as causas que levaram a que o seu casamento se desfizesse-se? Como pôde ter chegado à fronteira da sua perdição?».

«Sabes Mafaldinha, o azar atrai o azar… A pouca sorte de viver com um homem que não gostava de trabalhar e que passava a sua vida nas tascas! Segundo o que ela me contou, para ele todos os dias eram dias de um copo a mais! Mas...Parece-me que quando ele chegava a casa à noite, já com os passos pesados do álcool, começava então o seu infortúnio, e o seu verdadeiro inferno!».

«Batia-lhe, é?».

«Oh! Se lhe batia... Por dá cá aquela palha! Tinha muito mau vinho! Era muito nova e uma parva! Aceitava todos os maus-tratos com resignação! Desunhava-se para tratar dele, enquanto ele fazia a via-sacra das tascas!».

«O malandro! Continuo a não compreender as razões que a levaram a chegar á fronteira do quase sem regresso!».

«Uh! Segundo o que ela me contou, foi uma catadupa de acontecimentos e de infortúnios! Um dia, sem qualquer razão aparente, ele deixou completamente de trabalhar! Mas continuava a exigir-lhe todo o dinheiro que ganhava no trabalho a dias… Parece que ela continuava a fazer das suas tripas coração para não desmerecer o direito de ter um homem! Mas os maus-tratos aumentaram de dia para dia, na razão directa das suas bebedeiras, até que houve um dia que não aguentou mais, e abandonou o seu lar cansada de pancada e de miséria!».

«E para onde foi ela viver, Jesus? Tinha com certeza lugar onde ficar! Uma pessoa conhecida... Não acredito que saísse de casa sem eira nem beira!».

«Mafaldinha, é tudo muito complicado! E mais complicado ainda se torna, quando a desgraça atrai a desgraça! Um dia, o companheiro da sua cunhada ousou propor-lhe que juntassem os trapinhos… Parece que a sua cunhada era tão maltratada por ele, que de vingança não tratava mais das suas coisas, e ele fartou-se dela! Assim, pensou... Pensou e decidiu que talvez fosse melhor unirem a sua infelicidade! Mas não deu resultado! A miséria foi o desfecho fatal e o destino que Deus lhe traçou à nascença! A “vida ” foi o fim inevitável da Mafalda, o ultimo recurso e a teia donde nunca se consegue sair sem ajuda… E ela mergulhou de cabeça e corpo nessa vida!».

«Das tuas palavras deduzo, que esse seu companheiro a explorou também...».

«Se fosse só esse! Foi muito explorada por todos os homens com que na vida se cruzou!».

«E durou muito tempo a sua relação com esse patife...».

«Não! Não durou muito! Passado algum tempo cansou-se dela e trocou-a por uma garota que lhe dava mais receitas e mais ilusões! Era um malandro e um crápula!».

«E, portanto... voltou a sair da sua casa?».

«Sim! Voltou! Por ter sido trocada e ultrajada nem pensou nas consequências que poderiam advir dessa decisão! E aí foi a miséria total! Porque desde esse dia ficou sem casa nem abrigo certo! Para sobreviver... continuou a vender o seu corpo! Os fregueses a pouco e pouco começaram a rarear e o dinheiro deixou de chegar para o pagamento do alojamento! Recorreu então à mendicidade!».

«E... Deixa-me adivinhar… A infelicidade não a deixou de a perseguir?».

«Sim! Foi um tremendo erro que fez! Mas... Ela estava desesperada... Completamente desesperada! Completamente perdida! Sem saber o que fazer! Ninguém se prontificou a ajudá-la… Antes pelo contrário, todas as portas se lhe fecharam! O seu abrigo passou a ser então as ruas desta Cidade! Não tinha o que comer e não foram raras as vezes que não tinha com quem falar!».

«E trabalho… Ela nunca pensou em procurar trabalho… Quero dizer trabalho normal?». «Trabalho normal? Parece que muita gente lhe fez essa mesma pergunta! Mas essas mesmas pessoas que lhe perguntavam e a criticavam pela sua vida fácil, não lho deram nem lhe arranjaram nenhum trabalho para ela! Ela mesma o procurou de porta em porta e também não o encontrou! A lei da sobrevivência é imperiosa, impôs-lhe a mendicidade como condição de vida!».

«Como será viver da mendicidade e da caridade? Nessa Incerteza! Nessa miséria!».

«Difícil... Muito difícil! Também nessa situação o mercado é muito competitivo! Ninguém pode violar as zonas rigorosamente demarcadas, nem tão pouco pode violar as suas regras de conduta, sem desencadear um conflito, uma discussão violenta, e até mesmo, a agressão física mais brutal! Nesse mundo tudo é tensão e nervos! Das palavras aos actos é um instante! Impera a lei do mais velhaco e do mais forte!».

«E... essa Mafalda não soube defender-te desse meio marginal e tão violento?».

«Não! Parece que ela sempre foi muito fraca, tímida e nunca soube verdadeiramente lutar. Por isso até por estes companheiros de infortúnio foi escorraçada, espezinhada e maltratada!».

«A condição de mulher não a favoreceu?».

«Com o passar do tempo, a sua condição de prostituta afortunada, era já uma leve recordação, porque naquela condição de miséria só a queriam os bêbados e o esterco da sociedade, só os cães e a solidão lhe queriam fazer companhia, absolutamente mais ninguém!».

«E porque não decidiu ela ir para casa da mãe, ou… Para casa de algum seu parente mais próximo?».

«Mafaldinha! Como ela me contou, a sua infância foi também um desastre! Os parentes perdeu-lhes o rasto com o tempo! Foi sempre a sua triste sina, ser abandonada por alguém! Acho que o azar começou ainda na barriga da sua mãe!».

«Então! Como é que foi isso?».

Um empregado aproximou-se da mesa e Jesus, pediu-lhe um café para a Mafalda e um digestivo para ele. E, continuou a contar-lhe a história da vida da Mafalda: «O seu pai nunca gostou dela! Ele queria um rapaz! Quando a sua mãe engravidou, ele verteu álcool no bucho para festejar a chegada do macho que pretendia! Ela estragou-lhe os planos e foi de imediato rejeitada! O único carinho que dele recebeu foi-lhe arrancado aos dez anos! Um beijo às escondidas enquanto as suas mãos vasculhava as suas intimidades! Foi esse

o único amor e carinho que ela dele se recorda! Salvou-a a sua mãe que por mero acaso nesse momento chegara! Se não... Não sei!».

«Por falares na sua Mãe? Porque não a ajudou ela?».

«Bárbara não me soube muito bem dizer! Parece que já há muito tempo não sabe da sua mãe… A última vez que teve conhecimento dela, foi que ela tinha ido trabalhar para o Porto!».

«E desde aí nunca mais soube nada dela? Porque não a procurou? Porque não foi ao Porto…».

«É uma história muito complicada, Mafaldinha! Parece que a mãe dela fez o mesmo! Saiu de casa do seu Pai, com ela e com os seus irmãos! Ela recorda-se de ter crescido de quarto em quarto, de pensão em pensão! Até que pelos seus treze anos mal feitos, juntou-se a um homem e foram viver para uma barraca! Eram muito pobres e passavam muitas dificuldades! Ela dormia com as suas irmãs e irmão no mesmo quarto e via a sua mãe e o seu padrasto a terem relações sexuais! Parece que um dia, quando ela tinha quinze anos, o seu padrasto tentou seduzi-la e quis abusar dela! Quando contou o sucedido à sua mãe, ela ficou mais furiosa com ela do que com o seu companheiro!».

«Que miséria, Jesus…». «E não é tudo Mafaldinha! Um dia o seu irmão abusou dela também, mas daquela vez já não contou nada à sua mãe! Pois estava convencida que ela lhe teria batido ainda por cima! As relações com a sua mãe tornaram-se azedas, desde que o seu companheiro começou a ter ideias sobre ela! O cerco apertou-se, e por isso foi obrigada a sair de casa e a pedir ajuda á sua irmã!».

«O que aconteceu com à sua irmã?».

«A miséria também a acompanhou! Na sua barraca só tinham um divã, pelo que ela e o seu homem dormiam para cima e ela para baixo! Mas um dia o seu cunhado também quis abusar dela! Aterrorizada, voltou a fugir de novo!».

«Então, o que é feito dos seus irmãos?».

«A Bárbara não me soube dizer nada sobre o paradeiro da irmã mais velha! Quanto à mais nova, parece que se suicidou aos doze anos porque já não aguentava mais aquela vida de miséria! Todavia ela pensa que a irmã mais velha seguiu as pisadas da sua mãe!».

O empregado voltou com o café e com o digestivo pedido por Jesus, que logo começou a bebericar o seu "bourbon", enquanto que Mafalda, com a colher brincava com a espuma do seu café, com os seus ouvidos presos à história que Jesus lhe contava, e perguntou-lhe: «A Bárbara casou-se com que idade?». «Muito cedo! Parece que quando tinha dezassete anos, arranjou um namorado, e foi para ele que fugiu quando saiu de casa pela primeira vez!».

«Aos dezoito anos foi mãe da Ana Paula… Mal pôde sair da cama começou logo a trabalhar como mulher-a-dias… Mas nesse trabalho era mal paga, mal tratada e o seu marido fazia uma grande pressão para ela lhe desse cada vez mais dinheiro!».

«Ah! Bárbara tem uma filha! Que idade tem a sua filha?». «Tem mais ou menos doze anos! E como sei que vais-me perguntar por ela, respondo-te que vive com o pai!».

«Porque vive com o pai?». «Porque antes de enveredar pela vagabundagem, a Bárbara conheceu um senhor que tinha um bar! Quando ele lhe fez uma proposta de acompanhar clientes ela aceitou Logo! Sempre ganhava mais do que o trabalho de mulher-a-dias que tinha! Um dia completamente embriagada, não sabe explicar bem como, foi parar ao quarto de um cliente e desde então começou a fazer a "vida"! E como consequência a separação e a perda da tutela da filha foi inevitável!».

Os músicos intervalavam o Foxtrot com Rumba e Cha Cha com Samba. Jesus sentia o seu corpo sem energia. Aquele ritmo era demais para ele. Mafalda parecia-lhe um pouco alegre e muito exagerada na sua satisfação pelo jantar. Daí ter-lhe sugerido: «Mafaldinha, já é um pouco tarde... vamos para casa...».

«Se assim o quiseres, por mim ficava aqui a noite toda! Só mais uma dança...». E levantou-se eufórica, e caminhou em direcção à pista de dança. A orquestra

tocava agora um tango. Jesus procurou iniciar a dança com passos insinuadoramente viris mas o “Moura” não ajudava muito. Por sua vez, Mafalda respondia com um estilo endiabrado e quase de meretriz. A sombra do “Arinto” com sabor macio e aveludado estava bem estampado no seu rosto afogueado. Pois, a Mafalda parecia ter-se transformado numa diva de lábios sensuais, que pareciam ter sido feitos para beijar. Aquela mulher florescente de gestos masculinizados convertia a sua sexualidade em dúbia ou mesmo sáfica. Esta imagem começava a despertar os instintos mais primários de Jesus.

Depois do “Tango”, os músicos tocaram uma série do Bee Gees. Jesus só pensava que o “Moura” era mesmo um vinho muito bom, uma vez que o seu corpo estava cada vez mais dolente e a querer descansar. Jesus, com os seus braços apertou Mafalda com firmeza, mais para se segurar do que para dançar. Com aquele abraço apertado, Mafalda olhou-o nos olhos, e sem nada dizer, abraçou-o com mais força. Jesus sentiu os seus peitos rijos a toarem no seu. Então, com o seu braço esquerdo contornou as costas dela. Lentamente, e ao ritmo da música foi baixando a sua mão, por aquele maravilhoso decote costal, até chegar próximo do fim das suas costas, e ela com o seu braço contornou ainda mais o pescoço de Jesus, e colou-se ao seu corpo. As luzes diminuíram, e Jesus subia e descia a sua mão pelas costas dela. E ele começou a sentir o seu crescente arfar junto ao seu ouvido, o que para ele estava a ser demais… Por isso suplicou-lhe: «Mafaldinha! E, se continuasse-mos a dançar no nosso quarto?» E ela com um sussurro concordou.

Jesus completamente excitado pela dança e pelo “Moura” envelhecido e pelo “Bourbon” seco, desajeitadamente deu um passo um pouco mais largo, e passou inadvertidamente uma rasteira à Mafalda, que em desequilíbrio se estatelou ao comprido na pista. Jesus ajudou-a a levantar-se e dirigiram-se para a saída da pista de dança com rasgados risos atrás de si. O “Moura” era de facto mesmo bom. Pois Jesus sentia nas suas veias o calor das planícies Alentejanas, onde aquele néctar dos deuses nasceu e lentamente envelheceu. Ao passar junto da orquestra não viu um dos inúmeros cabos espalhados no chão. E, um deles que estava ligado ao microfone parecia ser uma ratoeira camuflada. Pelo que sem querer Jesus ao passar por ele tropeçou nele,

fazendo com que o microfone caísse em cima do tambor da bateria, o qual fez uma medonha ressonância por todo o restaurante.

«Que vergonha Jesus, estão todos a olhar para nós...».

«Parece uma cobra a enrolar-se nos pés… Mafaldinha! Vamos apanhar um táxi para casa...».

Jesus pagou a conta exorbitante, e pediu para lhe chamarem um táxi. Levou a mão ao bolso e deu a gorjeta ao porteiro que simpaticamente lhe abriu a porta com cortesia e palavras de agradecimento.

Nessa noite Mafalda e Jesus deitaram-se muito tarde, cansados mas felizes pela comemoração e momentos bem passados. A Mafalda ainda dançou à frente do espelho do guarda-fato com um parceiro imaginário. O "Boby" com o olhar esbugalhado olhava para os dois sem compreender aquela euforia.

Quando Jesus retirava os objectos pessoais do bolso do casaco para o pendurar, retirou um guardanapo azul e verificou que tinha a nota que supostamente tinha dado ao porteiro. Mas... onde está o talão do Multibanco? «Oh! Bolas! Mafaldinha! Vê lá tu como sou distraído, creio que dei como gorjeta ao porteiro do restaurante o talão do Multibanco!»

«Jesus! Que vergonha, já não vou mais àquele restaurante! Que vergonha! Contigo é sempre a mesma coisa…».

Jesus despiu-se e esticou-se na sua cama de dorso em forma de concha, de costas pode admirar o corpo de Mafalda, e concluir que ainda era um corpo perfeito e muito belo, que mais lenta a despir-se, estava à sua frente, vestindo apenas parte da sua roupa interior, num provocante contraste com a sua pele morena. Depois os seus corpos confundiram-se num só e perderam-se em fantasias e em beijos. Cansados e dormentes pelos vapores do "Arinto" e do "Moura" fecharam os olhos, e com a maior das facilidades passaram para o lado onírico.

Capítulo VII

No dia 1 de Março, pelas nove horas da manhã, Jesus chegou à OLIA – Óleos Alimentares, Lda. O Sr. Nogueira já se encontrava no seu gabinete a consultar o jornal diário, como o fazia todas as manhãs, pelo que o recebeu de imediato com o seu sorriso de "porcelana". «Seja bem-vindo à "OLIA"! Sente-se doutor… Esteja à sua vontade!». E Jesus sentou-se no cadeirão que estava em frente à sua secretária… «O seu gabinete será aquele ali em frente ao meu! A Luísa já o acompanhará até lá… A propósito de Luísa… Se o doutor não vê nenhum inconveniente a Luísa será a sua Secretária, conhece todos os cantos à casa pelo que lhe poderá ser muito útil… Pois eu tenho a Céu e a Catarina! Estão cá pelo Fundo Social Europeu, como o Sr. Dr. Sabe estes fundos foram concebidos para reduzir as diferenças de prosperidade e padrões de vida entre os Estados-Membros, promovendo desse modo a coesão económica e social entre eles, o que tem sido muito bom para a empresa, uma vez que subsidiam um valor muito superior ao seu custo real… Ah! a Luísa acabou de chegar… Um momento doutor!». Pelo intercomunicador o Sr. Nogueira chamou a Luísa ao seu gabinete. Minutos depois, no seu melhor timbre de voz, a Luísa dava os bons dias ao Sr. Nogueira e a Jesus. «Luísa como ontem lhe falei, vai trabalhar com o doutor Jesus Reis… Acompanhe-o ao seu gabinete e veja o que o doutor precisa… Doutor às onze horas temos no meu gabinete a nossa primeira reunião de trabalho… Até logo!».

A Luísa caminhou à sua frente e conduziu-o ao gabinete que lhe estava destinado, e mais uma vez, Jesus voltou a apreciar o subir e o descer da sua saia, ao mesmo tempo que os seus olhos contornavam aquelas pernas de sonho. Chegados ao gabinete, ela abriu a porta e Jesus entrou. Reparou logo que era espaçoso e tinha uma atmosfera muito agradável, essencialmente porque uma alta "Dracaena Deremensis", com folhas grandes e brilhantes que partiam do seu tronco central lhe conferia vida e davam a sensação de ar livre.

O seu mobiliário era composto por: uma secretária de direcção com tampo em teca, esquinas rectas e painel frontal metálico; uma cadeira de direcção em couro preto; dois sofás individuais também em couro preto, que ladeavam uma pequena mesa de apoio com tampo em vidro; uma mesa redonda e seis cadeiras à sua volta; um armário encostado à parede para “dossiers”; e no fundo do gabinete preso à parede estava um monitor a passar sucessivas cotações de bens transaccionáveis. Jesus sentou-se à secretária, ajustou o cadeirão, ligou o computador e verificou que tinha instalado o recente Windows 3.1, depois abriu as gavetas e olhou de relance para dentro delas… «Doutor precisa de alguma coisa de mim?».

«Sim Luísa… Preciso de um furador e de um agrafador, arranje-me também um bloco para notas… Onde está a impressora?». «Ao fundo do corredor doutor… serve todos os computadores!».

«Ah! Muito bem…Espere Luísa! Como a posso chamar…».

«Basta ligar para a minha extensão, é a 25, e a minha secretária localiza-se na primeira “divisória” do lado esquerdo!».

«Muito obrigada!».

A Luísa saiu do gabinete, e sozinho, Jesus refastelou-se no cadeirão, pôs as mãos atrás da nuca e observou em pormenor o interior do seu gabinete, tinha uma janela com persianas verticais de cor creme, em cada lado do tecto duas fieiras de quatro lâmpadas florescentes e ao centro um detector de fumo. No lado esquerdo do monitor com acesso à plataforma de informação económica, havia um sensor de movimento, pelo que no que dizia respeito a segurança o gabinete estava muito bem protegido.

Depois de ter ficado satisfeito com a exploração que fez ao espaço que esperava vir a ocupar por muito tempo, o olhar de Jesus prendeu-se na luzinha intermitente vermelha do monitor que rolava cotações e mais cotações. De seguida, o seu olhar prendeu-se na subida generalizada dos preços dos cereais e no aumento abissal das cotações de futuros de trigo, milho, soja, farelo de soja, óleo de soja e outros cereais de primeira necessidade. No

silêncio do seu gabinete Jesus meditou: «este aumento de preços dos cereais irá provocar no Mundo uma situação de crise generalizada, e problemas sociais muito graves, pois haverá países que perderão o controlo da situação, se milhões de pessoas movidas pela fome contestarem violentamente os seus governos! Esta não é uma altura boa para comprar cereais, e quem os tem deve de os armazenar, pois valem ouro…».

Às onze horas em ponto, Jesus estava à porta do gabinete do Sr. Nogueira à espera de ser recebido por este. Pouco tempo depois o Sr. Nogueira recebia-o: «Então doutor gostou do seu gabinete?».

«Gostei sim… Sr. Nogueira! É um espaço de trabalho muito agradável!».

«Muito bem…Vamos para aquela mesa de trabalho…». E apontou para a mesa oval com doze cadeiras à sua volta.

O Sr. Nogueira abriu a reunião com a descrição das funções que esperava que ele desempenhasse com competência e mérito. Assim disse-lhe que na sua qualidade de Director Administrativo e Financeiro lhe competia garantir: uma eficiente gestão financeira da "OLIA"; um bom Controlo Administrativo e Orçamental; como ainda tinha a seu cargo a Consolidação e a Prestação de Contas das Sociedades do grupo; esperava dele também que viesse a desenvolver Sistemas Integrados de Informação para a Gestão. Disse-lhe ainda que tinha que exercer todas as competências que lhe fossem delegadas por ele, bem como toda as demais responsabilidades previstas na legislação em vigor, nomeadamente as responsabilidades atribuídas ao Técnico Oficial de Contas e outras responsabilidades legais. Mas, acima de tudo, valorizava muito o desenvolvimento de Projectos de Investimento que visassem o aproveitamento dos apoios disponibilizados pelos Fundos Comunitários, e deu-lhe a entender de forma muito clara, que como primeiro trabalho, contava com ele para desenvolver um "Projecto de Engarrafamento de Águas de Nascente". Pois, de acordo com o Sr. Nogueira tinha uma nascente em mira de compra e que aquele projecto seria uma boa oportunidade de negócio, pois a água é a bebida mais consumida em todo o Mundo, seja na forma natural, seja como ingrediente indispensável para o processamento de inúmeras outras bebidas.

A reunião de trabalho foi rápida, pois o Sr. Nogueira não deixou que nenhum assunto resvalasse para a divagação, ou para o supérfluo. Denotava-se pelo seu estilo de condução de reuniões de trabalho que estava muito habituado a estas. Jesus reparou que em casos de divergência "só a opinião do Sr. Nogueira contava". Em boa verdade, estas reuniões faziam parte da rotina diária daquela empresa. Pois o Sr. Nogueira apregoava a quem o quisesse ouvir que estas ajudavam a tornar o trabalho mais produtivo e o ambiente na empresa mais agradável. Claro que ocultava de ouvidos impertinentes que adorava fazer esperar os seus colaboradores à porta do seu gabinete, em filas demoradas, para o diário "beijo do anel", e que tomava em devida conta os colaboradores que não proferissem algumas palavras que exprimissem respeito e reafirmação da sua lealdade para com ele.

Quando chegou ao seu gabinete, Jesus pelo intercomunicador pediu à Luísa para convocar todo o pessoal que lhe reportava, para uma reunião, a ter lugar no seu gabinete, depois do almoço o com um ponto único na Ordem de Trabalhos: "apresentação formal do pessoal ao novo Director Administrativo e Financeiro".

Quando Jesus chegou do almoço à porta do seu gabinete esperavam-no para além da Luísa, o Carlos meio afemeninado, que dizia a todos que vivia com uma "pessoa", e que trabalhava na Contabilidade; a Conceição de vida duvidosa, que segundo as línguas mal intencionados diziam que precisava dos recibos de remuneração para se livrar das rusgas da polícia, e que trabalhava na Facturação; a Fátima solteirona e feminista, sempre pronta a medir o peito das colegas, e que trabalhava na Informática; e a Teresa, que apesar da sua já muita idade era atrevida e tinha muitos namorados com idade de serem seus filhos, e que trabalhava naquela empresa há mais de trinta anos e era a Tesoureira há largos anos.

Jesus convidou-os a sentarem-se à volta da sua mesa redonda, e com uma boa capacidade de síntese identificou-se e traçou o seu "curriculum vitae" dos últimos três anos. Depois pediu aos presentes para falarem sobre eles e sinteticamente descreverem o que faziam, o que cada um deles o fez ao seu jeito e modo.

Pelo conhecimento que Jesus tinha da vida, sabia que qualquer pessoa que "fala de alto" cria sob si uma grande animosidade, como que chamasse sobre si o desejo de lhe cortarem as pernas pelos joelhos para que fique à altura de quem o ouve. Ou seja, "quanto mais alta for a árvore, maior será a queda". Portanto Jesus sabia que a prudência aconselhava-o a começar o desempenho das suas funções naquela empresa "por baixo", isto é, devia evitar fazer um retracto de infalibilidades e de êxitos profissionais, uma vez que com esta exposição poderia criar expectativas profissionais exageradas, que certamente iriam comprometer o seu desempenho naquela empresa.

Assim com ideias muito precisas e objectivas, Jesus expôs a estratégia de trabalho que pretendia para a sua direcção, que passava por um "trabalho em equipa". Assim, para amenizar o ambiente e ser claro na sua apresentação, Jesus explanou a sua ideia através da seguinte explanação: «Caros colegas! Vou contar-vos uma alegoria bem conhecida: "numa quinta havia um rato, que viu do buraco da sua toca um lavrador a desembrulhar uma ratoeira, e ficou muito alarmado e aflito, correu de imediato a pedir ajuda à galinha, que lamentou muito o sucedido, mas que nada podia fazer para o salvar, porque aquele assunto não lhe dizia respeito. Correu para o porco que também ficou muito pesaroso com o acontecimento, e disse-lhe que nada podia fazer, mas que o incluiria nas suas preces, então o rato correu para a vaca e obteve desta uma resposta muito idêntica, pelo que lhe restou regressar à sua toca pesaroso, assustado e sem ajuda! No dia seguinte, ao meio da noite, na casa do lavrador, ouviu-se um barulho, a mulher do lavrador correu para a ratoeira para ver se o rato fora apanhado, e foi tarde de mais quando verificou que não fora o rato que fora apanhado, mas sim uma cobra venenosa que ficou presa pelo rabo. A cobra num esticão serpenteado mordeu-a. Como consequência dessa mordidela, a mulher ficou muito doente, e para que melhorasse, o seu marido sacrificou a galinha para fazer uma canja. Passados uns dias a mulher acabou por morrer… Vieram de toda a parte parentes e amigos para assistirem ao seu funeral, pelo que o lavrador teve que sacrificar o porco e a vaca para dar de comer àquela gente toda"! Moral desta alegoria, quando ouvirem alguém que está diante de um problema dizer que o problema não lhe diz respeito, lembrem-se desta metáfora, "pois todos os animais da quinta podem estar em

risco de vida"! O problema de um é um problema de todos, pois a partir de hoje trabalhamos em equipa… Por outras palavras: "Todos Por Um e Um Por Todos"! Digam comigo «Todos Por Um e Um por Todos!». Não ouvi bem… Mais alto! «Todos Por Um e Um por Todos!». E estupefactos e visivelmente contrariados os seus colaboradores lá repetiram o "grito de guerra". «Muito bem… A porta do meu gabinete estará sempre aberta para vós! Podem regressar aos vossos trabalhos!».

Nos dias seguintes Jesus estava de volta do "Projecto das Águas de Nascente". Com a autorização do Sr. Nogueira contratou os serviços de uma empresa que tinha como actividade a espionagem industrial. Ainda não tinham decorrido quinze dias e já Jesus tinha em cima da sua secretária um "dossier" com toda a informação referente ao processo produtivo, equipamento necessário para o processamento, qual era o equipamento que estava a ser utilizado pelos concorrentes e qual era a eficiência que registavam na sua utilização. Na posse deste importante conhecimento, Jesus multiplicou-se em contactos com fornecedores de equipamento, para deles obter facturas pró-formas, para as juntar aos formulários do projecto a serem entregues na Instituição Oficial, uma vez que o trabalho era hercúleo Jesus pôs a Luísa a consultar o mercado para o fornecimento de uma linha completa para água mineral com gás, e outra linha completa para água mineral sem gás. Poucos dias depois a Luísa mostrou ser muito eficiente na obtenção da informação pretendida. Pois conseguira obter os preços FOB para o seguinte equipamento de entre muitos outros:

- 1 - Enchedora de 15 válvulas;
- 1 - Rotuladora Linear de 1 face;
- 2 - Esteiras transportadoras de garrafas;
- 1 - Enchedora de 30 válvulas para água de nascente;
- 1 - Rotulador de 8 cabeçotes para tampa "roll-on" ou "pilf".

Em menos de quinze dias já Jesus estava a preencher o formulário referente ao “Plano de Financiamento”, onde estimou o investimento em: 42.000 euros de Capitais Próprios; 2.000 euros de Auto-financiamento; e 94.000 euros em capitais alheios. Dois dias depois Jesus assinava os formulários do projecto e submetia-os à candidatura aos Fundos Comunitários. Depois da entrega do “dossier” no respectivo Organismo Oficial, o Sr. Nogueira ficou satisfeito e elogiou muito o trabalho de Jesus.

Depois deste trabalho, como já se estava nos finais do mês de Março, e o prazo para o envio das Convocatória para as Assembleias Gerais de Sócios e Accionistas, estava já ultrapassado, Jesus teve que preparar com urgência o encerramento das “Contas Anuais” das empresas do grupo. Embora a aprovação destas fosse um mero pró-forma, uma vez que o Sr. Nogueira detinha 95% do Capital Social da “Holding” que em oligopólio administrava todas as suas empresas, e os restantes 5% estavam distribuídos pelas suas duas filhas, em partes iguais, o seu profissionalismo e o sentido de responsabilidade deixavam-no tenso e muito preocupado com aquele atraso, pelo que durante alguns dias ficou a trabalhar noite a dentro, com a ajuda inestimável da Luísa, que o ajudou a conferir listas intermináveis de Activos.

Durante esses trabalhos de conferência de listagens e mais listagens, devido ao incómodo de estar sentada durante muita hora na cadeira em frente à secretária de Jesus, a Luísa ora trocava a sua perna esquerda, ora trocava a sua perna direita, sem saber que posição estar para suavizar o desconforto que lhe causavam as malditas quinas da cadeira. Em dado momento, pelo canto do olho, ela apercebeu-se que Jesus fixamente olhava para as suas pernas, pelo que provocadoramente passou a cruzá-las em “câmara lenta”. Jesus em resposta à sua provocação passou a transpirar em excesso e a ficar desatento à conferência dos Activos. Porém os olhos da Luísa não escondiam nem a sua intenção, nem a malandrice que ia à sua mente.

Eram exatamente vinte horas e vinte minutos quando o telefone da secretária de Jesus tocou e este ficou surpreso por alguém lhe telefonar àquela hora tardia, levantou o auscultador e atendeu a chamada, do outro lado do fio uma voz cheia de malícia, interrogou-o: «doutor… Sabe quem está ao telefone?».

«Luísa? A sua voz é inconfundível…».

«Sim… Sou eu! Muito surpreendido?».

«A definição mais apropriada seria “muito estupefacto e sem palavras pronunciáveis”, por isso sou todo ouvidos…».

«Estou no meu cabeleireiro e, estou a telefonar-lhe para o convidar a irmos juntos ao cinema...».

«E… a que horas me encontraria consigo?».

«Às vinte e uma horas está bem para si? Tenho toda a noite livre… Poderíamos depois do cinema ir jantar... e quem sabe... acabarmos a noite numa discoteca a dançar…».

«Estou encantado com o seu convite, mas algo me diz que o papel que estou a interpretar está invertido, e talvez por isso as palavras mais convenientes não me estão a ocorrer, pela primeira vez sinto-me tímido e pouco à vontade com a situação...».

«Hi! Hi! Hi! Eu sou uma caixinha de surpresas... Sou também muito atrevida! Sou muito marota e guardo um mistério que o vou deixar desvendar…».

«Mistério! Uma faceta que não lhe conhecia, mas se me dá o privilégio de o poder desvendar, estou sedento e quero saciar esta minha curiosidade…».

«Ok! Combinado! Espero-o ao pé das bilheteiras do “Colombo”! Até logo e um beijinho muito repenicado…».

«Até logo Luísa...».

Jesus desligou o telefone e de seguida marcou o número da sua casa, e... «Estou… Mafaldinha! Aconteceu um lamentável imprevisto, como sabes estou a trabalhar no encerramento das “Contas”, e tenho uns Balanços entre mãos que tem que ser concluídos, e não estão a balancear, pelo que mais uma vez é muito provável ter que ficar a trabalhar pela noite a dentro…».

«Está bem… Quando chegares não me acordes!».

O filme “A Fuga das Galinhas”, já Jesus o conhecia de cor, ao contrário daquelas pernas de curvas misteriosas que dissimuladamente lhes tocava com os cotovelos e depois passou a tocar-lhes com as mãos. Quando saíram do cinema foram jantar a um restaurante nas proximidades. Eram o único casal no salão-de-Jantar, quando Jesus sentiu o seu pé descalço a subir lentamente pelas suas pernas, na zona do colo o seu pé descarado fez uma ligeira pressão e os seus dedos numa ligeira vibração queriam transmitir qualquer coisa. Luísa ria com um olhar vivo e endiabrado. Risinhos indecentes e descarados, por sentir nos seus pés palpitações febris. A vingança por Jesus olhar para as suas pernas com o desejo mal disfarçado, é um prato que se serve frio, mas ela servia-o bem quente. Desvairado tanto pelo mistério que queria desvendar, como pela excitação que ela lhe provocava, sem dizer coisa com coisa, dissuadiu-a de irem a uma “discoteca” depois do jantar, alegando haver nelas muito barulho e fumo, por isso sugeriu-lhe que seria um programa muito mais interessante, acompanhá-la a sua casa e num ambiente mais recatado dançarem ao som de música agradável, e tanto mais que ainda estava curioso com o seu apregoado “mistério”.

Comeram muito pouco e beberam muito mais. Na rua, quando esperavam por um táxi para os levar a casa da Luísa, as mãos de Jesus descontroladas subiram por debaixo da sua saia na busca de humidades profanas. Ela encostada a um poste de iluminação pública, retorceu-se e com os cabelos em desalinho pedia-lhe incessantemente para parar: «Jesus! Aqui na rua não… Estão pessoas a ver-nos… És louco e deixas-me louca!». E de facto Luísa tinha razão, Jesus sentia-se a enlouquecer tanto pelo seu “mistério” que adivinhava ser afrodisíaco, como pelo seu perfume de fragrância intensa e sofisticada que o deixava cada vez mais perturbado. Tão absorvido estava na tentativa de explorar “mistérios”, que não deu conta do velho táxi verde e preto, que obedecendo ao gesto de Luísa parou ao seu lado. Entraram e sentaram-se no banco de trás do carro, que arrancou com barulhos estranhos, como se este sofresse de asma, ou de outros males mais corrosivos. Com a cabeça cheia de projecções sensuais, Jesus não ligou aos queixumes daquele velho carro, uma vez que estava mais preocupado em desvendar “mistérios”. Os seus dedos

lascivos procuravam penetrar em zonas que lhe estavam interditas, agora sem o perigo de ser admoestado pela sua companheira, pois ela por pudor, procurava não dar a perceber ao motorista os avanços obscenos de Jesus, pelo que este acabou por conseguir os seus intentos.

Quando estavam a meio do percurso da casa de Luísa, o carro fez um dilacerante queixume, em pleno ermo, afrouxou, e acabou por parar. O motorista virou-se para trás e desfez-se em muitas desculpas. Solicitou-lhes que aguardassem por um outro táxi, pois ia contactar a sua oficina e providenciar a vinda de um seu colega, para os levar ao seu destino. Naquele ermo e àquela hora da madrugada, sem qualquer alma visível e tendo por testemunha somente a iluminação da Lua, Jesus irradiava preces pela sorte que aquele carro ancião lhe bafejou, enquanto que Luísa, nervosa e assustada pelas muitas histórias que se contava em cenário solitários como aquele tremia de medo. Agora que nada impedia Jesus de satisfazer os seus instintos caninos, com carícias sensuais procurou incentivar na Luísa excitação e desejo.

Quando o motorista chegou na companhia de um seu colega Jesus e Luísa aparentemente estavam exaustos e muito sonolentos. Quando a Luísa chegou a sua casa, continuaram por mais algumas horas a repetirem o que tinham feito no velho carro, e assim por muito tempo continuaram até ao desfalecimento completo dos seus corpos, que entrelaçados acabaram por adormecer profundamente.

No outro dia de manhã chegaram em horas desencontradas à OLIA, para não darem suspeitas e falatórios. Aparentemente, no escritório, ninguém desconfiava do relacionamento de Jesus com a Luísa, pois tinham o cuidado de manter discrição nos seus contactos mais íntimos. Só quem os olhasse nos olhos, poderia eventualmente interceptar mensagens codificadas entre eles. Também a Mafalda parecia nada aperceber-se, só uma vez ou outra o interrogou com perfumes impregnados na sua roupa e umas manchas de batom no pescoço, mas Jesus em todas as situações encontrou sempre uma justificação casual. Aliás, Jesus tinha muita experiência nestes romances clandestinos, pois desde que ela no areal da praia de Carcavelos se entregou a

ele sem reservas, ou preconceitos de maior, e ter habilmente prendido o tubarão das águas profundas nos baixios do amor. Primeiro numa baía de águas tranquilas, depois num aquário onde a liberdade lhe fora interdita. Ainda não tinha decorrido uma semana de matrimónio, e já o tubarão das águas salgadas estava enfermo, precisava das grandes extensões aquáticas e dos desafios das fortes correntes, para que não morresse afogado, precisava que a água passasse facilmente pela sua boca e saísse pelas brânquias a fim de facilmente respirar. Sufocava naquelas águas paradas! Passado uns meses da sua cerimónia nupcial, o tubarão das águas profundas estava moribundo e em grande agonia. Um ano depois, muito enfraquecido, num derradeiro alento, com um salto de coragem invulgar saltou do seu aquário, entrou nas imensidões marinhas e transformou-se num temerário tigre dos oceanos, que atacava tudo o que fosse presa: lula, dourada ou foca. Nas suas mandíbulas de dentes bem aguçados e em forma de cunha, tudo destroçava num apetite voraz. Durante sete anos percorreu as imensidões aquáticas devastando tudo à sua passagem. Cansado e saturado da solidão dos oceanos, voltou ao cativeiro por sua livre vontade. Não para o aquário da tortura e do sofrimento de outros tempos, mas sim, para uma pequena e bonita enseada de águas calmas e deixou-se outra vez encantar pelo canto da sua sereia. Mas, já não era o mesmo peixe de outrora, tinha saboreado durante muito tempo as presas que caçara e tinha gostado muito dessas requintadas iguarias, fossem elas lulas, douradas, ou focas. Por isso, tornou-se astuto e muito matreiro, quando lhe apetecia gastronomia mais requintada, saltava às escondidas os rochedos que davam acesso às águas livres e profundas. E transformado no predador de outros tempos, voltava a caçar a lula, a dourada ou a foca. Mas depois do repasto, voltava sempre à sua enseada de descanso, como se fosse um peixe inofensivo, fingindo até ter medo de se perder nas imensidões oceânicas. Pelo que para Jesus a Luísa não era mais do que uma dourada bem apetecível.

No escritório, todos os dias esperavam Jesus loucas criatividades sexuais. A Luísa provou ser muito quente e imaginativa. Assim, até a mais extravagante fantasia sexual de Jesus era prontamente satisfeita por ela. Jesus já não conseguia raciocinar com lógica coerente, uma vez que povoavam a sua mente as mais loucas aventuras carnais. Certo dia aconteceu o inevitável, a Teresa

entrou no seu gabinete para lhe apresentar um relatório de “Dívidas de Clientes em Mora” e nesse preciso momento a Luísa estava de joelhos escondida pelo tampo metálico da secretária de Jesus numa prática sexual por muitos censurável. Jesus ficou muito atrapalhado, mas não podia levantar-se, pelo que só pedia à Teresa para deixar a listagem em cima da sua secretária que oportunamente a analisaria. Mas, a Teresa queria mostrar a sua eficiência, e por isso multiplicava-se em detalhes e em explicações. Jesus no seu cadeirão retorcia-se e a Teresa ficou muito preocupada com ele, pelo que lhe perguntou se estava a sentir-se bem. Ele respondeu-lhe que sim! Que a má indisposição já passaria… Mas ele não parava de se retorcer e fazer caretas esquisitas. A Teresa saiu do gabinete de Jesus esbaforida para pedir ajuda. Quando com ela chegaram também o Carlos e a Conceição, viram com muita satisfação que entretanto a Luísa também já tinha chegado e que lhe desapertava a gravata e o colarinho da sua camisa para que este pudesse respirasse melhor. Com o “Relatório de Dividas de Clientes em Mora” abanaram-no e pediam-lhe para respirar fundo. A Teresa estava muito preocupada com a sua saúde, pelo que insistiu em que ele fosse ao “Posto de saúde”, pois estava muito vermelho e transpirava muito. Jesus justificou o seu vermelhão com uma pequena indisposição, mas ela insistiu tanto, que Jesus não teve outro remédio se não ir com aquele séquito ao “Posto de Saúde”. O enfermeiro de serviço que o observou, atribuiu àquela indisposição uma “baixa de tenção arterial”, e Jesus disse para si próprio: «já ouvi chamarem-lhe muitos nomes, agora “baixa de tensão arterial” é a primeira vez…».

Quando todos findavam o seu dia de trabalho e saíam para as suas casas, no gabinete de Jesus era a loucura e a depravação total. Na verdade a Luísa ficava sempre a queixar-se das quinas da secretária de Jesus, pois ficava com grandes vincos vermelhos no seu corpo. Muitas vezes a pressa era tal que os papeis que estavam em cima da secretária de Jesus voavam para o chão, para depois serem simplesmente apanhados e colocados sem qualquer critério em cima do tampo da secretária.

Num dia, quando Jesus estava a analisar a “Folha de Caixa”, reparou num movimento suspeito, pelo telefone imediatamente chamou a Teresa ao seu gabinete. Apontando-lhe para um item de “Saída de Dinheiros”, pediu-lhe

explicações, e ela muito à vontade e com um sorriso nos lábios, justificou aquela saída de dinheiro como sendo uma prática mensal do Sr. Nogueira. Todos os meses tinha que preparar uma série de envelopes com diversas quantias de dinheiro, que eram entregues a autoridades preeminentes e insuspeitas, para ajudarem a resolver "certos" problemas da empresa, que iam desde a simples multa de trânsito que era esquecida numa gaveta, a um processo judicial que ficava a ganhar teias de aranha numa qualquer prateleira, até à obtenção da aprovação de concursos de fornecimento dos produtos que a OLIA comercializava. Contou-lhe ainda, que o principio daquela empresa foi na base desse "expediente", pois naquela época a prática do monopólio instituída não permitia àquela empresa a produção de óleos alimentares e seus derivados, pelo que o Sr. Nogueira astutamente pediu licenças parcelares do processo produtivo do produto final, como a extracção e a refinação de óleos entre outras, e que juntas permitiram-lhe ter a necessária autorização para a produção do seu produto final. E… "Os bons anos da guerra do ultramar" permitiram-lhe até obter contratos exclusivos com a Manutenção Militar para o fornecimento destes produtos finais, que o enriqueceram para além do que ele alguma vez imaginara. O seu desempenho para o esforço de guerra foi tão importante que até o homenagearam com o grau de Comendador.

Num outro dia, voltou a chamar a Teresa ao seu gabinete, desta vez para lhe apontar numa lista de pessoal diversos nomes de funcionários. «Ah! Esse é o Jardineiro do Sr. Nogueira trabalha no "seu" condomínio! Ah! Esse é um servente faz a manutenção da piscina do Sr. Nogueira! E este é a Empregada Doméstica do Sr. Nogueira! E este é a sua Cozinheira! Este e mais este são trabalhadores indiferenciados do Condomínio do Sr. Nogueira!».

No outro dia estava de volta do imobilizado da empresa e viu que esta tinha registado na rubrica "Outras Construções" edifícios pelo que chamou a Teresa e perguntou-lhe pelos rendimentos gerados por aqueles Activos, e a Teresa respondeu-lhe que nenhum deles tinha rendimentos alocados, uma vez que se tratava do condomínio fechado onde o Sr. Nogueira vivia. Apontou para mais itens e esta disse-lhe: «Este e este são prédios que o Sr. Nogueira comprou para os "Empregados de Armazém"!». «Para os "Empregados de Armazém"?». «Sim! Saíram da prisão e não tinham onde ficar…». «Saíram da prisão?». «Ah!

O doutor não sabe que o Sr. Nogueira contracta cadastrados para lhe resolverem certos assuntos… Paga-lhes a casa, o carro e dá-lhes um ordenado mensal para estarem sempre ao seu dispor… Têm-no como um deus e obedecem-lhe cegamente sem questionarem a legitimidade do seu desejo…

Certo dia Jesus chamou a Teresa ao seu gabinete e disse-lhe que a "Liquidez" da empresa deixava comprometidos os pagamentos de fim do mês pelo que lhe exigiu uma maior eficiência nas cobranças: «Teresa precisamos de dinheiro… Por favor intensifique as cobranças…». E apontou para o relatório de "Dívidas de Clientes em Mora: «Estes clientes com mais de dois anos em mora não é aceitável! Exija-lhes o pagamento imediato da Dívida…».

E ela perguntou-lhe: Posso utilizar os "Empregados de Armazém" para cobrar as dívidas?». «Pode utilizar todos os meios que achar conveniente para receber estas dívidas…». Sete dias depois já estavam depositados no banco as quantias em mora. Jesus ficou estupefacto com o sucesso da cobrança, pelo que chamou a Teresa ao seu gabinete para a felicitar pela sua eficácia. Todavia a curiosidade minava-o, e por isso perguntou-lhe como tinha ela conseguido cobrar aquelas dívidas em mora, e a Teresa disse-lhe que utilizou o método que Jesus tinha autorizado. «Que eu autorizei?».

«Sim! Bastou uns "estaladões", duas pernas partidas, uns quantos cabelos rapados à escovinha, e a promessa dos "cobradores" regressarem para procederem à repetição das diligências de cobrança, e assim sucessivamente até ao completo pagamento da dívida! Os "Cobradores foram tão persuasivos que não precisaram de regressar, uma vez que todos os devedores encontraram disponibilidade financeira para pagarem as suas dividas!».

Num dia quando Jesus chegava no seu carro à empresa, o Sr. Nogueira estacionava junto dele o seu novo "Ferrari F360" vermelho "da empresa" claro pois ele nem tinha rendimento para pagar IRS, por receber a remuneração mínima nacional e estar insolvente, chamou-o e disse-lhe: «doutor estou com um prédio velho na Avenida da Liberdade em vista, penso que o adquirirei por um bom preço, pelo que gostaria que me fizesse um projecto de investimento para ele!».

«Certamente Sr. Nogueira…». De facto a aquisição daquele prédio não fora obtido por um bom preço, fora obtido por um extraordinário preço. Só muito mais tarde Jesus soube pela Luísa, que soube através da Céu, que o “ratazana” inicialmente fizera um contrato de promessa de compra e venda do Rés-do-Chão esquerdo. Enviou para lá os seus “Empregados de Armazém”, e estes começaram logo a dar pancadaria aos velhos inquilinos, principalmente aos mais renitentes em não escutavam as propostas dos advogados do “ratazana”. Uns após outros iam sendo convencidos pelos “Empregados de Armazém” a aceitar as propostas dos advogados. Então, os “Empregados de Armazém” começaram a deixar as janelas com vidros partidos para que a chuva e os pombos entrassem no interior dos andares, para que estes se degradassem rapidamente. Os inquilinos mais renitentes, cansados das tareias diárias e das condições degradantes do prédio, acabaram por sabiamente optar pelos lares, e os mais afortunados por viver na casa dos filhos. Por fim com o prédio devoluto o proprietário foi devidamente pressionado pelos “Empregados de Armazém” e este acabou por vender por uma ninharia o prédio ao “ratazana”. Sem dúvida que com aqueles dedicados “Empregados de Armazém” não havia nenhum problema que o “ratazana” não superasse rapidamente, nem negócio que não fizesse com uma alta retabilidade.

À medida que o tempo ia passando, o “ratazana” começou a exigir de Jesus cada vez mais Projectos de Investimentos, para com eles obter Subsídios Comunitários. Primeiro foi uma fábrica de iogurtes, depois foi uma de pasta de dentes e de sabonetes… E muitas outras fábricas se seguiram. Jesus continuava a assinar como responsável todos os Projectos de Investimentos. Pela facilidade com que o “ratazana” encarava o capital financeiro necessário aos mesmos, devia no cérebro de Jesus acender-se um “Alerta Vermelho”. Mas se houve algum alerta “vermelho”, Jesus não o viu, pois andava muito preocupado em desvendar o “mistério” que a Luísa teimava em esconder. As sessões afrodisíacas no seu gabinete eram cada vez mais imaginativas e arrojadas, pelo que não lhe deixavam espaço para pensar noutra coisa. Porém, um dia teve um rasgo de lucidez e reflectiu sobre os capitais necessários à realização dos Projectos de Investimento, uma vez que a soma dos valores dos Capitais Próprios eram incomportáveis, até para as maiores fortunas, sem

contar com o Endividamento a Terceiros necessário, pelo que começou a suspeitar que ele não passava de um “Testa de Ferro” do “ratazana” para este obter ilicitamente Fundos Comunitários, dado que aparentemente não tinha intenção de concretizar qualquer um deles. Assim Jesus viu-se preocupado e a questionar-se: «só há uma maneira de ganhar dinheiro sem se ter grandes esforços… Que é ser Corrupto, Narcotraficante, ou fraudulentamente obter Subsídios Comunitários!». Portanto Jesus já não se iludia, o “ratazana” tinha optado pela última situação, pelo que ficou com muito medo de poder vir a ser considerado culpado por aquele comportamento fraudulento e criminoso. Contudo, Jesus sabia que em situação análoga, qualquer um podia ser vitima em algum momento da sua vida, e isso não significava que fosse mais, ou menos inteligente, bastava encontrar um homem de “expediente” que se fazia passar por um velhinho indefeso que por todos se deixava enganar.

Jesus passou a querer investigar o passado daquela empresa, pelo que pediu à Luísa para o acompanhar aos arquivos da empresa, e veio a saber que já tinham ocorrido diversos incêndios nos silos dos cereais que se propagaram aos arquivos da empresa destruindo por completo toda a informação histórica desta.

Em reflexão, Jesus constatou que o “ratazana” era vezeiro em práticas ilícitas. Puramente servia-se das pessoas. Em boa verdade, ele era um especialista a trabalhar em cima da Psicologia, pois conhecia muito bem o comportamento humano e sabia como despertar o orgulho, a ganância e todos os defeitos humanos, e Jesus sabia-o muito bem pois com os repetidos elogios ao seu trabalho levou-o a não questionar as suas práticas censuráveis. Com as remunerações atraentes fez com que ficasse surdo aos avisos óbvios. E com a fraqueza da carne fez com que ficasse cego ao que o rodeava e ficasse com receio do que poderia suceder à sua vida familiar se se soubesse. Estava perdido… Nos dias seguintes à sua reflexão Jesus continuou a ter o mesmo comportamento, só que agora nas reuniões usava camuflado no bolso superior do casaco um pequeno gravador, e passou a usar um relógio de pulso com câmara oculta.

Entretanto Jesus secretamente passou a procurar nos jornais um novo trabalho. Mas, devido à sua idade e "curriculum a mais" segundo as justificações que lhe foram dadas para algumas recusas, deixaram Jesus cada vez mais dependente do "ratazana".

Num dia, pensativo e refastelado no seu cadeirão, Jesus alimentou pensamentos subversivos: «esta situação deve-se em grande parte, porque houve por parte dos políticos uma má orientação para a filosofia de vida deste povo… dado que a revolução promoveu a libertinagem em vez da liberdade, a especulação em vez da economia de mercado, e uma banca que nos suga o tutano e nos rouba às descaradas… Como é possível continuarmos a valorizar empresários emotivos, que não respeitam as regras, que queiram somente entrar em negócios especulativos, e que exercem uma gestão somente na base da reengenharia financeira, da corrente de gestão da escola francesa de "fountainebleau", os tais que não são vigaristas, são apenas vivaços! Que pais é este que estimula gestores incompetentes, cegos com os resultados, esquecendo-se da sobrevivência das empresas, esquecendo-se do seu papel social, como sabujos procuram somente remunerar o melhor possível os accionistas, sem visão económica investem no estrangeiro para terem dimensão empresarial... mas tudo não passa de um "flop", pois esta atitude não traz riqueza para Portugal, antes pelo contrário, dentro em breve poderá até trazer a factura da sua falência, pois provocam uma colossal dívida ao estrangeiro impossível de ser paga com a facturação das empresas, pelo que só têm como caminho a especulação bolsista... Até ao momento em que uma "bolha" destrua a confiança dos mercados, por conseguinte a banca caia como um "baralho de cartas", e o País fique com o risco de perda da sua autonomia e independência, o que conduzirá a que a sua população dolorosamente pague as incompetências e as vigarices dos políticos, gestores, empresários vivaços.

Um dia a Luísa entrou esbaforida no gabinete de Jesus e disse-lhe de rompão: que soube pela Céu que estavam no seu gabinete a ser filmados e escutados clandestinamente. Jesus ficou perplexo com a notícia, pelo que ela teve que ser mais explícita na notícia. Por fim Jesus compreendeu a dimensão do que ela acabava de lhe contar e pôs-se a vasculhar o seu gabinete de alto a baixo. Desatarraxou o auscultador do seu telefone e lá estava um pequeno micro

escondido no seu interior. Procurou detalhadamente outros sinais que pudessem esconder as câmaras e encontrou escondida dentro da carcaça do detector de fumo uma câmara de videovigilância de alta qualidade de imagem. Suspeitando que poderia haver outras câmaras escondidas voltou a revistar o seu gabinete e acabou por encontrar dentro da carcaça do sensor de movimento uma outra câmara CCTV profissional com uma alta resolução de imagem, especialmente desenhada para a observação pessoal. Procurou por mais câmaras escondidas e ficou a suspeitar da luzinha vermelha tremelicante do monitor que mostrava na hora as cotações de todo o Mundo dos bens transaccionáveis.

Foi a gota de água que fez transbordar o copo, Jesus revoltado com a situação em que fora colocado, mais a violação da sua privacidade, dirigiu-se ao gabinete da "ratazana" e de rompão confrontou-o com a sua descoberta e aos gritos apresentou ao "ratazana" a sua demissão verbal. Muito calmo e sorridente o "ratazana" pediu a Jesus para se sentar. Pelo intercomunicador chamou a cara de "Basset Bloodhound" e pouco tempo depois ela entrava no gabinete com um saco a chocalhar, com presumíveis cassetes de vídeo. «Sabe doutor apresentaram-me umas filmagens muito comprometedoras, e os meus bons costumes fizeram-me questionar se não deveria informar a sua Senhora… Claro que se decidir continuar a colaborar comigo, a minha consciência esquecerá estas imagens indecentes!». «O Sr. Nogueira não sabe que é crime a recolha de imagens sem autorização?». «Não fui eu… Elas é que fizeram essas imagens sem eu saber…». «Pois bem Sr. Nogueira acabou o jogo… Fique com as suas cassetes que eu fico com as minhas!». «Com as suas?». E Jesus tirou do bolso superior do seu casaco o mini gravador e colocou-o em cima da sua secretária onde pelo visor podia ver-se a fita a rodar. «Sim Sr. Nogueira… Gravei as nossas reuniões com este micro-gravador e com este relógio de pulso filmei tudo! Tenho disquete com ficheiros de documentos que o comprometem a passar grandes temporadas num "condomínio fechado"… A apanhar sabonetes se é que me entende! Ah! Não vale a pena enviar-me os seus "Empregados de Armazém" existem diversas cópias espalhadas por bons amigos, que não hesitariam em antecipar a sua viagem para esse "condomínio fechado"! Assim, como não quero ter mais

problemas, já bastam os que tenho… Utilize essa cassetes e eu utilizarei as minhas… Que tenha uma boa tarde Sr. Nogueira e que tudo corra a seu contento…».

Passado uns dias os “Empregados de Armazém” do “ratazana” raptaram a Céu à porta da sua casa, transportaram-na para um campo vizinho e deram-lhe um coercivo que a mandaram para os cuidados intensivos do Hospital. Às autoridades ela nunca revelou quem selvaticamente lhe bateu, fingiu ter tido uma amnésia momentânea, para se esquivar a explicações que pudessem comprometer a sua vida.

Pouco tempo depois deste incidente, os “Empregados de Armazém” do “ratazana” tiraram os parafusos das rodas do Ford “Fiesta” negro da Luisa, e voltaram a pôr os tampões no lugar. Como era habitual ela saiu para sua casa e dirigiu-se à IC. A Luísa sempre conduziu com velocidade, pois segundo ela, gostava da condução desportiva e sentir a adrenalina a percorrer as suas veias. A meio do percurso ouviu ruídos estranhos, de súbito o carro perdeu a direcção foi contra as barreiras e captou. Por milagre a Luísa saiu com alguns arranhões do desastre, mas ficou tão assustada que nunca mais apareceu na “OLIA”. Ficou trancada durante muito tempo na sua casa e não abria a porta a ninguém, com receio que fossem os “Empregados de Armazém” do “ratazana”.

Tendo Jesus conhecimento deste atentado, mandou um fax ao Sr. Nogueira explicando que o acordo que estabeleceram incluía a integridade física da Luísa, e qualquer qualquer incidente que eventualmente lhe sucedesse, significaria a imediata quebra do acordo, com a consequentes inevitabilidades.

Entretanto o tempo foi passando lentamente e nem as cassetes do “ratazana” foram usadas, nem as cassetes de Jesus foram usadas, desta história apenas ficou mais uma experiência de vida que o moldava a pouco e pouco num outro homem.

Capítulo VIII

Nove grossas gotas sonoras de um velho relógio de parede, algures no prédio onde Jesus habitava, fizeram-se ressoar através das paredes finas. O inseparável amigo de Jesus, o “Boby”, com estridentes latidos e muita alegria, demonstrou ter também ouvido as nove rítmicas e sonoras badaladas daquele relógio invisível. Fazendo justiça à sua inteligência, e também às inúmeras horas de treino. Em estouvada alegria avisou Jesus, que tinha chegado a hora do seu passeio matinal. Sempre alegre, contente e muito activo, ávido por distracção e de muita brincadeira, com uma alegria espontânea e estouvada, o ansioso “Boby” tolhia os movimentos de Jesus. Com a calda sempre a saracotear, indicava-lhe que por imperatividades caninas tinha que urgentemente ir à rua. Um Sol convidativo e radiante impelia-os também a sair. Por isso, Jesus foi buscar a robusta trela do “Boby”, e ordenou-lhe: «Senta!». E ele com o seu olhar terno sentou-se à espera que ele lhe encaixasse a trela na sua coleira vermelha, ainda do tempo em que era um cachorro. Naquele dia, o seu feliz e saltitante companheiro das horas vagas, estava completamente impossível de tanta alegria e de contentamento, por isso, Jesus apressou-se a sair de casa, com destino ao frondoso, florido e bem cuidado parque vizinho.

Quando chegou à rua reparou nos poucos carros estacionados nos espaços a esse fim destinado, sinal que os seus vizinhos mais afortunados, naquela época conturbada e de crise grave, ainda conseguiam manter o seu ganha-pão, por conseguinte ainda eram válidos para a sociedade de consumíveis e de descartáveis. Não eram cidadãos de segunda, ou de terceira como ele naquele seu ócio forçado se sentia. Jesus, já nem sabia a ordem da classe social a que pertencia, em virtude das suas tremendas dificuldades financeiras. Jesus enquanto passeava com o “Boby” pensava: «que estranhos, são os tempos de hoje! Quando os empresários deixam no desemprego profissionais altamente preparados, qualificados e experimentados, com um saber técnico e científico comprovado, muito acima da média, em favor de criançolas, quase ainda no estado de puberdade, sem qualquer experiência e saber profissional, mas a

transbordarem de arrogância e sobranceria, que a troco de um mísero ordenado, que mais parece uma esmola, enchem-se de orgulho tonto e sentem mesmo honra de serem escravos desta sociedade moderna! Assim, parece que as sociedades modernas caminham para uma selecção macabra e suicida de indivíduos cujo maior mérito é serem novos. Mas, mesmo estes têm uma vida curta e um reinado muito fugaz, uma vez que um dia também eles serão velhos.

Sem dúvida que o empresário contemporâneo é autista, ganancioso e grande na sua pequenez! Estes homens de vistas curtas e turvas, deveriam analisar o comportamento do empresário norte-americano, o qual, numa situação de crise económica, larga o seu pessoal pela borda fora. Mas, quando nota o mais pequeno sinal de recuperação económica, reintegra os seus trabalhadores de imediato nas suas unidades de produção! Os nossos empresários não fazem isso, antes pelo contrário, só admitem uma pessoa quando já precisam de dez, ou mais… Mas... Quando lhes cheira a crise, param logo o recrutamento e as admissões e despedem sem qualquer estratégia definida, ou seja, talvez com uma estratégia: quanto mais velhos e antigos forem os empregados na empresa, melhor, pois nos relatórios de gestão sempre se poderá escrever neles: “deu-se início ao plano estratégico, com a rescisão de pessoal dispensável, em sinal duma profunda reestruturação económica e uma profunda mudança estratégica da empresa”. È esta a mentalidade medíocre que nos atira para mediania e para a miséria! Mas, porque surge a miséria e por conseguinte o mendigo nas cidades? Será a preguiça como dizem aqueles que têm a felicidade de ter um bom emprego? Será a fuga do interior para as cidades, e devido ao excesso de mão-de-obra não conseguem uma colocação, nem tão pouco um emprego condigno, mesmo que seja um emprego desqualificado? Será o desemprego? Será a distribuição de rendimentos, que exclui do mercado de trabalho, aqueles que têm idade avançada? Será a extensão da crise financeira internacional… O que será?».

Na rua, Jesus soltou a corrente da grilheta que prendia o “Boby” à sua vontade, o que fez com que este ficasse radiante e se sentisse livre, para numa correria louca rapidamente percorrer o parque em toda a sua extensão e latitude, enquanto, que Jesus no meu passo pachorrento e descontraído, com mãos

atrás das costas, continuava mergulhado nas profundezas dos meus pensamentos, amorfo e atónito àquele ziguezaguear estouvado e alegre do seu "Boby". Jesus já não tinha dúvidas, e se alguma ainda lhe restasse, hoje esta estaria esclarecida e completamente esgotada, pensou Jesus. «Quando se restringe a contratação a prazo, com essa medida, está-se a proteger os trabalhadores e simultaneamente está-se a prejudicá-los! Enquanto não se flexibilizar a legislação do trabalho em Portugal, não vai haver criação de emprego como seria necessário e indispensável! Malditos políticos! Uma cambada de incompetente e corruptos que não hesitam em tiranicamente destruir este Portugal orgulhoso e soberano, que nem os seus maiores sabem respeitar!».

O "Boby", por vezes parava repentinamente junto a uma árvore, ou a um arbusto, na busca constante dos odores delimitadores e demarcantes do seu território. Jesus continuava mergulhado nos seus pensamentos de miséria e pobreza extrema, e recordou-se: «como conseguiu salvar a Bárbara em extremo e retirá-la das ruas… Quando a conheceu ela tinha a máscara de ser indigente há muito tempo. E, graças a ele conseguiu sair da pobreza extrema. E, por conseguinte de mendiga e vagabunda, passou a ser uma "Key Account Manager" bem sucedida. Ela era a prova viva que as circunstâncias do seu meio condicionam o destino do indivíduo». Já algum tempo que Jesus não a via, como também, por dificuldades financeiras já não já há muito tempo que também não a podia ajudar nas suas despesas. Sem dúvidas para Jesus, a questão da mendicidade, surge com a divisão da sociedade entre pobres e ricos, uma vez que com o aumento desse diferencial, os pobres vão à miséria e os ricos ficam cada vez mais ricos.

Ao fundo do jardim, sentado num dos seus bancos, lugar já seu costumeiro, de perna cruzada e jornal na mão estava o António, parecia estar muito concentrado na leitura do jornal. Pobre homem, pensou Jesus: «em outros tempos foi um mouro e um escravo de trabalho, hoje é um farrapo». O António já comentou a Jesus, não sei quantas vezes, a sua triste história, por isso ele sabia-a de cor: parece que entrou para uma firma de despachantes quando ainda era catraio, na idade ainda de usar calções. Subiu a pulso, ao que dizem, de reles empregado de escritório subiu ao escalão mais alto da sua profissão.

Contou a Jesus um cem número de vezes, que chegava a trabalhar Sábados e Domingos, e ainda se lembrava muito bem de ter saído de uma festa de Carnaval a meio, porque vinha camarão de Moçambique. Andava sempre a correr de um lado para o outro, nunca tinha tempo para ele, nem para a sua família, nem para os seus amigos. Chegava a casa tarde e ainda ia estudar as pautas aduaneiras pela noite a dentro, porque nesses tempos saiam novas normas quase todos os dias. Mal tinha tempo para o convívio familiar e para si próprio. Além disso, lia muito, e não perdia um jogo do Benfica. Aliás ainda hoje, com alguma jocosidade o António diz com frequência que: “quem não é do Benfica não é bom chefe de família”. Não se pode dizer que ao António lhe faltava iniciativa. Mas, nada lhe valeu, ficou sem trabalho há poucos anos por força da abertura das fronteiras da Comunidade Europeia. Agora, passa os dias fechado em casa, a embrutecer à frente da televisão, ou naquele jardim a criar raízes, principalmente quando a mulher o chateia na sua perpétua choramingueira de infortúnio e má sorte. «Olá! António, A ver os anúncios?» Cumprimentou-o Jesus! Este tirou o chapéu da cabeça e respondeu-lhe: «Bom dia Senhor Doutor! Não… Já não vale a pena... Passei uma série de meses a responder a anúncios e a bater à porta de gente conhecida! É pá…. Vou ver o que se pode fazer... Quando eles dizem “vou ver” está tudo lixado...».

O António, tem o antigo 5º ano do liceu, fala umas coisas de inglês e arranha outras de francês, sabe escrever à máquina e de informática só ouviu falar alguns parcos conceitos, ainda é daqueles que pensa que o computador lhe pode morder, por isso se afasta cada vez mais desse monstro devorador de liberdades. De resto, o que aprendeu na profissão de pouco ou nada lhe serve agora. «Está a ver Senhor Doutor, um gajo leva a vida inteira naquilo, e chega ao fim não sabe fazer mais nada! Mais nada... A patroa chateia, chateia... É uma loucura viver assim. Ao menos, aqui mergulho nos meus pensamentos e nas minhas fantasias. Até um dia... Até um dia...». A conversa era sempre a mesma, Jesus já conhecia esta ladainha choramingas, por isso geralmente interrompia-a abruptamente. «António! até mais logo! Tenho que ir... O cão hoje está impossível! Tenho que ter cuidado… Não vá ele fazer alguma das suas traquinice!». «Vá com Deus Doutor... eu estou a fazer tempo para o almoço...e este Sol doentio dá cá uma moleza a um gajo…».

Na extremidade do parque, numa linguagem de cheiros e odores de difícil descodificação, o "Boby" farejava em atenta interpretação os enigmas que lhe surgiam em cada correria. Parado, atónico perante esta onda de pensamentos que contrastavam com a explosão de felicidade e euforia do "Boby", Jesus não reparou num vizinho já de idade respeitável, que se aproximava sorrateiramente dele, de sorriso talhado em muitos anos vividos com a "marca da canga" e servilismo plebeu, de chapéu na mão como os indigentes, cumprimentou-o com a mesura e a reverência já desbotada pelos novos tempos. «Tenha um bom dia… Sr. Doutor! Como é que vai isso? A passear o seu cãozinho...» Com displicência, tanto pela surpresa, como pela apatia que invadia o seu espírito, Jesus respondeu-lhe: de forma nostálgica e desinteressada. «Vai-se indo, vai-se indo...». «Um Sol Primaveril… Bom tempo este... Já nos fazia muita falta…». «Sim é verdade, meu caro vizinho, mas... As barragens ainda estão vazias, e a desertificação do Alentejo é gradual e inevitável! Nunca mais constroem a barragem do Alqueva! Parecem ser as Obras de Santa Engrácia!». «Grande miséria que para lá vai, já viu aquilo?». «É sempre uma tristeza ver os campos desertos, alfaias abandonadas e animais moribundos...». «Como o "Boby" hoje está contente! Os animais são como as pessoas… Gostam do Sol e dos grandes espaços.». «E da liberdade também...»

Um dos assuntos de conversa preferidos do dono de um cão é sempre o seu próprio cão. Ele está sempre pronto a exaltar as suas virtudes e qualidades. A conversa encaminhava-se portanto para ser longa. O "Boby" entretanto, empinou-se a Jesus procurando a sua atenção e carícias, ao que o afagou numa distraída festa, correspondendo assim aos seus anseios. Satisfeito, o "Boby" voltou a correr livremente por entre as flores, saltando de canteiro em canteiro. De repente viu um zangão acrobata e começou logo a persegui-lo. Apesar da amena cavaqueira, Jesus não deixou de estar com o olhar atento às suas traquinices e à sua sensibilidade às fragrâncias das flores, como se fosse uma abelha incansável no seu trabalho quotidiano, saltitando de uma flor para a uma outra flor, varrendo ao mesmo tempo os canteiros com as suas enormes orelhas lobulares. Jesus não gostava de o ver a sujar as suas compridas e peludas orelhas, que lhe deram tanto trabalho a escovar e a pentear, por forma

ao seu pêlo ficar sedoso e com ausência de caracóis, ou dos odiosos nós que o desfiguravam. Por isso chamou-o e ele, espertalhão e inteligente como era, sabia muito bem qual era a razão do seu chamamento, e por isso, não lhe obedeceu, fingiu que estava distraído a cheirar um arbusto, depois continuou a correr alegremente pelo parque.

No seu giro foi ter com quatro cavalheiros já idosos e reformados de longa data, que naquele banco de jardim, passavam todas as tardes a baralhar e a dar cartas com outros tantos a observarem, a aconselharem e a comentarem em voz alta a eficiência de cada jogada. Outros aproveitavam para com o afago do Sol, desfiarem o rosário das suas recordações, das suas vidas, das suas dificuldades e das suas doenças. O "Boby" empinou-se a um destes senhores que estavam de pé e recolheu deste uma festa na cabeça, satisfeito continuou a correr livremente pelo jardim. O tempo foi-se esvaindo na ampulheta imaginária do seu inconsciente. O "Boby" entretanto, espojado no chão, cansado e com língua tremelicando um palmo fora da sua boca, descansava com ar de gozo maléfico e zombeteiro. «Então... até logo! Pelos vistos, ainda antes do almoço, tenho que ir dar banho ao "Boby"! Ai os cães... parecem crianças que nunca crescem…». «Vá lá, vá lá... Ele bem vai precisar!». «Fiiiuuuuuu ! Anda cá meu malandro!!». O "Boby" olhou para ele com os seus olhos multicolores, que reflectiam o seu espírito e a paisagem que o envolvia, numa expressão inteligente e meiga. Decidido, esperto, vivo e muito alegre, correu loucamente para Jesus. «Senta! "Boby", meu grande maroto, o trabalho que tu me vais dar… Ainda ontem te dei banho!». Aquele olhar de ternura comoveu-o. E sentiu uma grande necessidade de compartilhar aquela visível e dedicada amizade. Por isso Jesus procurou um pedaço de um ramo caído no chão, e encontrou um destroço dos últimos ventos de Inverno, de tamanho adequado para a brincadeira habitual. Apanhou-o, e mostrou-o ao seu amigo e companheiro daquele ócio forçado. O "Boby" ao ver o pau, moveu incessantemente a sua curta cauda, e ficou numa posição tensa e de alerta máxima, à espera que Jesus o atirasse para bem longe. «"Boby"! Apanha…». O pau fez várias piruetas no ar, numa trajectória de bumerangue. E, o "Boby" com um salto vigoroso apanhou-o ainda no ar com os seus caninos pontiagudos e muito fortes. Contente com a sua façanha, correu na direcção de

Jesus com o troféu bem preso na sua boca, à espera, que ele o atirasse uma vez mais. O que o fez de bom grado, mais umas três ou quatro vezes.

Entretanto, o “Boby” aproximou-se do Carlitos, que encostado ao candeeiro de iluminação pública, com a perna esquerda a fazer um quatro, barba rala por desfazer, cabelo comprido e aparentemente sujo, de ténis e calças de ganga que há muito tempo não viam água nem sabão. Com os seus olhos azuis, meio sonâmbulos e estranhamente fixos no farejar irrequieto do “Boby”. A sua cauda sempre em movimento parecia um limpa-para-brisas de um carro, tal era a intensidade do sinal com que ele denunciava, ter reconhecido um seu velho companheiro de brincadeira de outros tempos. Dizem as más-línguas, que hoje não tem uma vida aceitável nem muito recomendável. Fala-se pelos cantos e à boca pequena: que consome drogas. Na verdade o “crack” é uma invenção do diabo. O efeito acaba em segundos, mas a compulsão a quem o toma obriga-o a vender a roupa do corpo e persiste pelo resto da sua vida. Nas garras da dependência, o Carlitos contraiu dívidas impossíveis de pagar. Pelo que recorreu ao tráfico de drogas e outros vícios mais ousados.

Jesus conheceu-o quando ele ainda vestia calções e alegremente corria naquele parque com uma gancheta atrás de um arco que chispava quando batia numa pedra mais saliente. Andava por essa altura na escola primária. Era o terror dos mais pequenos e fonte inspiradora dos seus iguais. Jesus lembrava-se como se fosse naquele momento... Como ele com um abafador de dimensões apreciáveis, num ritual que só os rapazes daquela idade o sabem fazer, ficava com os berlindes dos outros infortunados rapazes que com ele se cruzavam, para depois aos próprios os vender e assim ficar com algum dinheiro. Era muito expedito e astuto a arranjar dinheiro. Tinha muita lábia, parecia ter um futuro assegurado em Política, Direito ou em Marketing. No liceu, chumbou consecutivamente três ou mais anos por faltas. Andava com o vício das máquinas de jogos e passava as tardes a jogar. Queria ser o melhor, cada vez melhor na arte de destruir os alvos electrónicos. Segundo a sua mãe, quando chegava a casa ainda tinha o “megadrive”. Ficou pelo 8º ano. Agora já não liga aos jogos, há imenso tempo que não pega no “megadrive” e está a pagar caro os vícios e as manias que tinha quando era mais novo.

O “Boby”, alçou a perna na direcção de um largo e majestoso tronco de uma frondosa acácia para excretar líquidos delimitadores do seu território para os demais. Jesus continuava no turbilhão dos seus pensamentos. Coitados... do António e do Carlitos, aqui a apodrecerem como excrementos desta sociedade podre, que os marginaliza e os despreza. Não têm qualquer hipótese, e tanto mais quando neste momento, as universidades estão a descarregar batalhões de licenciados para o mercado de trabalho. Há até mesmo informações que, recém-formados em Economia, Gestão e Engenharia, que há quatro anos discutiam salários de 250 ou 300 contos, se contentam agora com ofertas de uns míseros 500 euros, e até menos. Os de Direito, Arquitectura e Ciências Sociais ficam satisfeitos com o que aparecer. Há até licenciados a trabalhar nas caixas dos supermercados. E muita gente anda com medo do que lhes poderá vir a acontecer. Coitados... do António e do Carlitos e de todos os Antónios e de todos os Carlitos que foram e continuam a ser apanhados e marginalizados pela teia invisível que a sociedade tece sem qualquer pudor ou alguma piedade.

«Pronto por hoje já chega. Senta! Deixa-me pôr-te a trela para irmos para casa!». O “Boby” levanta carinhosamente a sua sedosa cabeça, lambeu-lhe a mão e ofereceu-lhe o seu pescoço. A trela foi-lhe recolocada, e descontraidamente fizeram a caminhada rumo à sua casa, interrompidos de momento a momento, para cumprimentar os seus conhecidos e alguns amigos.

Ainda lhes deu tempo para Jesus parar no quiosque, atraído pela grande difusão de revistas e jornais. Os grandes títulos são lidos por ele com avidez. O seu olhar, perdeu-se nas revistas “hardcore”, as quais mereceram dele uma especial e cuidada atenção. «Bom dia senhor Doutor! Vem buscar o seu Jornal?». O comerciante deste quiosque, era uma pessoa simpática e ainda jovem, de agradável conversa. Explorava aquele negócio há pouco tempo, mas de forma firme e com um marketing muito seguro e criativo. Antigo empregado de escritório, do qual se consta, que aplicou neste negócio todas as suas economias e também a indemnização que recebeu pela rescisão “amigável” do contrato de trabalho, que tinha para com uma empresa do sector

metalomecânico. Mais uma vítima da economia de sucesso, que os nossos governantes incansavelmente tanto nos apregoam. Ele disse a Jesus por diversas vezes, que a empresa onde trabalhava já encerrou as suas portas por falência, aliás, não foram raras as vezes que ele apregoou, com um ar e gestos de inteligência, que tinha feito um bom negócio, e que os patetas dos seus colegas, que lá ficaram e que muito o criticaram pela decisão que tomou, não viram "chavo". «Bom dia! Venho sim…». «Ora aqui o tem, mal os jornais chegaram, guardei logo um para si...». «Não era preciso dar-se a esse trabalho!». «Os bons clientes merecem a minha melhor atenção e consideração…». «Obrigado! Outra colecção nova?». «Sim… Eles agora mandam tudo ao mesmo tempo! Eu acho mal, pois quem está a fazer uma colecção, não começa outra...». «Pois é, tanto mais, que os tempos estão muito difíceis e já há neste País muita fome encoberta…». «Oh! Se há! O Sr. Doutor não teve conhecimento do que aconteceu ontem àquele rapaz, aquele... Que mora naquele prédio ali em frente?». «Não! Passou-se alguma coisa?». «Não se fala hoje de outra coisa! Ontem à noite suicidou-se...Com um tiro de pistola nos miolos! "Pum" acabou-se tudo...». «Não me diga? Coitado! E a mulher e o filho?». «Não sei! Não está ninguém em casa! As persianas da janelas continuam fechadas...». «Estava desempregado? Passava mal?». «Se passava! Havia muita fome encapotada naquela casa. Não sabia que estavam os dois desempregados? A empresa onde trabalhavam foi à falência. Não tinham já o que comer! Uma miséria… Uma miséria! A vergonha e o desespero...Deu nisto! Hoje todos o lamentam… Mas ontem, ninguém o ajudou… Até dele se afastavam com medo que lhes pedisse alguma coisa emprestada!». «Para onde vai este País… Meu Deus? A culpa é destes políticos míopes e autistas…». «Ao que parece, a empresa onde trabalhavam fechou, porque não conseguiu concorrer com os espanhóis! Já o meu avô dizia, que de Espanha, nem bons ventos nem bom casamento! E o velho lá tinha a sua razão...». O discurso tomava a fórmula de eleição para o preâmbulo de muitos destes saberes, que roçam a estrutura das crenças ou dos temores. Mas... reflectem quase sempre uma verdade empírica. «Não se admite! Vamos a um supermercado e só vimos produtos espanhóis nas prateleiras. Qualquer dia até nos põem a falar espanhol e a dançar o passo doble!». «Os empresários portugueses vêem-se muito pouco, em Espanha, e estes ainda

não criaram as estruturas comerciais e muito menos estruturas industriais para alargarem os seus negócios no país vizinho!». «Ainda não deram conta das potencialidades do mercado espanhol. Aquilo é que é um Pais… Temos uma mentalidade tacanha! É o que é!». «É evidente, que em termos económicos e até por dimensão geográfica dos dois países, há um desequilíbrio desfavorável a Portugal. Os Portugueses podem e devem corrigir esta anomalia, com mais imaginação e agressividade objectiva...». «Os caminhos fazem-se caminhando...não é Sr. Doutor?». «É verdade! No mercado espanhol não são conhecidas marcas portuguesas, apesar de alguns dos nossos industriais fabricarem produtos com marca espanhola!». «Tem razão Sr. Doutor. Parece que estamos sempre de cócoras... Em vassalagem permanente. Ai! Homens de Aljubarrota quanta falta hoje nos fazem...». «Bem... são quase horas do almoço e ainda tenho de dar banho ao cão. Até amanhã e a continuação de um bom dia!». «Até amanhã Sr. Doutor e um bom apetite para o seu almoço. Adeus “Boby”!».

O “Boby” mostrava sinais de muita impaciência, queria rapidamente chegar a casa e por isso puxava, puxava. Na esquina da rua, já em segurança, Jesus desatrelou-lhe a trela que o levava a reboque. Solto, correu rápido para a porta de casa. Como Jesus demorava a chegar, pôs o focinho fora da ombreira da porta, com um olhar exclamativo e de indagação pela demora, mirou-o como que dissesse: «despacha-te molengas que tenho pressa...». Jesus abriu a porta e quase foi por ele atropelado. Correu para a sua tina com água e bebeu sofregamente, chafurdando e pingando tudo à sua volta.

Capítulo IX

Vivemos numa sociedade onde o consumo faz parte das nossas vidas. Pois este é a mola que impulsiona todo o sistema económico, que sustenta o capitalismo em que vivemos. E Mafalda sofria de “consumismo excessivo”, o lado negro do consumo, o consumo vicioso, que a colocava numa grande dependência psicológica, pois comprava bens sem ter uma necessidade absoluta de os comprar.

Assim, sempre que a Mafalda entrava nesse palácios do consumo, era como uma criança a entrar numa loja de brinquedos, os seus olhos brilhavam de grande contentamento e mostrava uma grande excitação no seu comportamento e no seu falar. Jesus se queria ver a Mafalda feliz, era levá-la a um Hipermercado, e deixá-la livremente percorrer os corredores entre gôndolas, a empurrar um carrinho de compras, e deixá-la pôr dentro deste, uma coisa aqui, mais uma outra coisa acolá, e ela seria a mulher mais feliz do Mundo.

Num dia em que a Mafalda lhe fez muitas perguntas sobre as suas constantes deslocações para responder a anúncios, e a nula taxa de sucesso, Jesus resolveu levá-la às compras num desses palácios de consumo para a desviar de lhe fazer perguntas impertinentes.

A Mafalda estava hilariante, levou horas a percorrer todas as galerias formadas pelas gôndolas recheadas de artigos apelativos. Tudo lhe fazia falta. Mesmo quando já não cabia mais nada no carrinho-de-compras, os seus braços pareciam tentáculos de um polvo, para que as suas mãos alcançassem as prateleiras das gôndolas na tentativa de agarrar os últimos artigos. Algumas horas depois, com o carrinho-de-compras a abarrotar de compras, dirigiram-se para a caixa nº. 3, por lhes parecer ser a caixa com uma fila mais pequena.

Na fila da caixa n.º 3, Jesus desesperava e Mafalda mandava-o ter calma, à sua frente um casal de velhotes com dificuldades motoras arrastavam-se desengonçados, Quando chegaram à caixa é que foi o desespero para Jesus.

Pois não se lembravam do código do “Multibanco”, que aos 69 anos tem tendência a escapar da memória de qualquer um. Fizeram algumas tentativas e nada. Experimentaram meia dúzia de cartões e o resultado foi sempre o mesmo, esqueceram-se mesmo do código do “Multibanco”. Jesus bocejava e fazia gestos de impaciência. Por fim lá encontraram um cartão em que ainda tinham na memória o código. Depois é que foi um caso muito sério para arrumarem as compras no carrinho-de-compras, teve que a menina da caixa sair para os ajudar a arrumar os cartões “Multibanco na carteira e as compras no carrinho.

Por fim, Mafalda e Jesus chegaram à extremidade do tapete rolante. Mafalda começou logo a despejar para o tapete rolante por ordem as compras que estavam no carrinho, pois só ela é que sabia arrumar como devia de ser. Jesus ainda se atreveu a colocar uma garrafa de licor no tapete rolante, mas foi logo repreendido pela Mafalda, que o voltou a colocar no carrinho-de-compras à espera de vez, por considerar que ele não sabia arrumar as compras.

Até que enfim, chegou a vez deles. «Bom dia!» Desejou-lhes a menina da caixa número 3, num tom fanhoso pela constipação. Vestia uma farda vermelha sobre uma camisa branca, com uma gravata também ela vermelha. Tinha o cabelo apertado atrás porque achava que isso lhe dava um ar mais digno.

As compras tinham começado a rolar em cima do tapete rolante. E a menina da caixa com muita agilidade pela prática de muitos anos, passava os códigos de barras no visor óptico, pois sabia que o cliente seguinte seria impiedoso com o seu “timing” de registo das compras.

Do lado de cá da caixa as compras acumulavam-se, uma vez que Mafalda não era tão rápida quanto a menina da caixa. Por fim Mafalda viu-se muito atrapalhada, pelo que deu autorização a Jesus para colocar as compras no tapete rolante do lado de lá da caixa. Mas segundo a ordem estabelecida por ela. No visor da registadora os euros assustadoramente cresciam.

Subitamente o telemóvel de Jesus tocou, pelo visor ele viu que era a Luísa e atendeu-a de imediato: «Sempre a chatearem-te!». Disse a Mafalda enquanto continuava a arrumar as compras no carrinho-de-compras. «Nem ao fim-de-

semana te dão descanso!» Mas, Jesus com tantos problemas na sua cabeça não a ouvia. Assim, num sussurro protestava para dentro do auscultador, enquanto a cor da sua face se sumia do rosto. Porém à medida que de soslaio via os euros a crescer no visor da máquina registadora, ele ia-se sumindo dentro do seu fato preto já coçado.

Com um ar indiferente a menina da caixa anunciou um disparate em euros, que só poderia estar errada, pelo que tiveram que conferir todos os itens registados. Mas, estava tudo certo. Como Jesus ainda estava ao telemóvel, Mafalda pediu-lhe: «Jesus passa ai o teu cartão "Multibanco"... Mas ele não a ouvia, estava absorto a responder ao telefonema que recebera. «Jesus... Não me ouves? Dá-me cá o teu cartão "Multibanco"!».

Ele com o Telemóvel preso entre o seu ouvido direito e o ombro, com algum malabarismo à mistura, tirou a sua carteira do casaco, e de dentro retirou o cartão e entregou-o à Mafalda. E ela entregou-o à menina de rabo-de-cavalo, que mecanicamente o passou pelo terminal, e assoando-se disse numa voz fanhosa: «este cartão não dá… Se tiver outro… E depois virando-se para os clientes seguintes informou-os com bondade: «Está cancelado! Falta de pagamento ou coisa parecida…».

Jesus pareceu acordar para dentro de um pesadelo. Desligou o telemóvel ao mesmo tempo que fez um ar muito aflito. Puxou a Mafalda para junto de si e segredou-lhe qualquer coisa ao seu ouvido. Ela ia ficando com um ar: ora chocado, ora furibunda.

«Mas como...? Não pode ser! Experimenta lá outro cartão!».

Ele sacou da carteira e retirou um cartão dourado lindo como o tablier do BMW... Ai, o BMW que se vai.... Pensou Jesus. A rapariga tirou-lho da mão com a presteza de muita prática e para a sua humilhação passou-o pela ranhura do terminal. E disse em voz alta a frase fatídica: «cartão cancelado!».

E virando-se para os clientes seguintes, disse-lhes «tenham paciência temos aqui um problema com cartões de "Multibanco!"!».

Então Jesus disse para Mafalda: «temos que devolver tudo… Acabou-se o dinheiro!». E Mafalda aos gritos disse-lhe: «que estejas sem trabalho eu percebo… Mas, porque já não podes usar o cartão de crédito… Porquê?».

Jesus não queria acreditar na falta de compreensão da Mafalda, nem no que lhe estava a acontecer, sentiu-se no meio de um pântano cheio de bichos peçonhentos à sua volta, a mirarem-no como se fosse um insecto gordo. Aquilo que até aí lhe parecia que só aconteceria aos outros, estava a acontecer a ele. Então, disse à Mafalda num último alento: «tu és tudo para mim… Lembras-te como começámos? Sem nada… E a gente ria... O que a gente se ria... Voltámos ao início… Sem nada… Vamos começar tudo de novo!».

Por um breve momento, a Mafalda olhou para ele incrédula e em silêncio, depois explodiu com palavras agressivas e injuriosas, que se juntaram a um coro de protestos e reclamações, que ia da furibunda Mafalda à chateada empregada pela fila que se alongava na caixa nº. 3, muito para lá da linha das primeiras gôndolas.

«Oh! Jesus... como é que tu foste capaz de me fazer isto!» disse a Mafalda quase em lágrimas.

Numa última tentativa, a Mafalda num repente perguntou à menina da caixa nº 3, muito esperançada na resposta: «e diga-me uma coisa, menina... para se entrar no vosso Sistema de Prestações é preciso o quê?».

«Tem que apresentar um recibo da Remuneração do último mês; um documento que confirme a residência; e o Bilhete de Identidade…».

Jesus virou-se para a menina da caixa nº 3, e disse-lhe: «esqueça! Não temos aqui outro meio de pagamento pelo que deixamos o carrinho com as compras!». A menina chamou a sua Super-visora para anular a compra, ao mesmo tempo que os seguranças do Hipermercado se aproximaram de Jesus e o rodearam, talvez com receio que Jesus fugisse com o carrinho-de-compras sem pagar.

Na fila ouviu-se um grande burburinho de reprovação e muita censura. Jesus saiu envergonhado e caminhou sem olhar para trás. Mafalda seguia-o com todos os impropérios que o classificavam de um falhado e de um inútil.

Capítulo X

Como era habitual, Jesus às primeiras horas da manhã levou o "Boby" a passear. Só que desta vez, o seu passo era um pouco mais acelerado e mais decidido, evidenciando que tinha um destino muito preciso. Como um malfeitor procurou o refúgio das árvores do parque, para se camuflar de vistas indiscretas. Olhou para todos os lados, e certificou-se que não estava a ser seguido nem era possível ser visto por alguém. Sentindo-se protegido pelos arbustos floridos, retirou da bolsa presa ao cinto, o seu telemóvel conhecido por "o tijolo", e numa acção que sabia ser censurável, marcou o número do telefone da Luísa. Pelo que debaixo de um choupo de ramos retorcidos e amputados, pareceu-lhe que estes com dedos acusatórios apontavam-lhe o Céu infinito para o recordar das possíveis condenações que viria a sofrer com tal atitude. Com este claro aviso da anciã daquele jardim, Jesus suspendeu a marcação do número de telefone da Luísa e voltou a arrumar o "tijolo" na sua bolsa.

Hesitante e pensativo, desfolhou um malmequer muito viçoso, que crescia no canteiro que dava abrigo àquela velha árvore que o censurava. Jesus procurava no malmequer, premeditações que contrariassem, ou não, a censura daquela árvore velha e nodosa. O espírito do malévolo, que está em todo o lado, conhecendo a sua hesitação e receios, encarnou-se de forma trapaceira naquelas pétalas brancas e acetinadas, e influenciou aquela premeditação simples de bem-me-quer, mal-me-quer, e motivou Jesus a decidir pelo não às santidades e ao bom-senso. Com o cale da flor completamente nu na sua mão esquerda, e a última pétala do malmequer na sua mão direita, o malévolo começou por o torturar, dizendo-lhe: «Vês como até essa flor me dá razão…Não sejas parvo, o mais grave não é o que o bom-senso te faz, mas o que te impede de fazer! Tu... uma pessoa tão inteligente… Não sabes que aquilo que hoje está bem e cumpre as regras, corre o risco de amanhã se tornar numa total insensatez? Vai! Vai… Subjugado pelo domínio do bom-senso para tua casa ler livros chatos e aturar uma mulher piegas, snob e ainda

por cima com o vicio das compras! Quanto podias telefonar à tua Luísa e falar com ela, e quiçá... Mais tarde entreteres-te a desvendar o seu "mistério" e estudar a sua anatomia… Claro que em sistema "Braille", sem dramas e sem pecados, somente num prazer sem fronteiras e sem limites! Pois Burro… O amor é indissociável do prazer! Não se pode amar duradouramente e intensamente sem retirar prazer daquilo que amamos!». Jesus escutava-o, atordoado, e sem saber o que fazer. Então, na sua cabeça apareceu uma voz subtil que o aconselhava a ir para a sua casa, mas o seu coração estava cheio de sortilégios, e por isso apelava-lhe para escutar aqueles conselhos carnais, que continuou por algum tempo a perturbar a mente de Jesus:

«Ó meu mentecapto! Tu achas que se todos agíssemos com o bom-senso o mundo estava como está? Não, não estava pois não?».

Uma ligeira brisa sacudiu os ramos marcados pela última invernia, e naquele seu característico sussurrar de ventos soltos, uma voz angélica no seu cérebro se fez ouvir, melodiosa e muito triste: «Jesus! Não oiças a voz da tua loucura! Vai para a tua casa e estima a tua companheira de tantos anos, de tantas angústias e de tantas incertezas! Lembra-te que ninguém é perfeito… Lembra-te dos momentos de grande felicidade que já viveste ao seu lado! Ela não merece as tuas infidelidades! Esteve e estará sempre a teu lado, como um anjo da guarda está! Ela velará por ti nos teus piores e bons momentos da Vida!».

O mafarrico, irritado pelo inoportuno conselho, continuou insistentemente o seu fluente e tentador discurso: «Não oiças esse caquéctico e débil mental! Tu podes ter todas as mulheres deste mundo, se me ouvires! Mente-lhes, e elas gostarão mais de ti; atraiçoa-as, e elas adorar-te-ão ainda mais; castiga-as, e elas rastejarão a teus pés! Não tenhas piedade delas, usa-as a teu belo prazer! Pensa somente que elas para te dominarem lançam sortilégios e malefícios! Não confies no seu ar angélico, pois este não é mais do que a mascara da falsidade! Vinga-te dessas víboras! Olha que elas são muito espertas e manhosas! E se lhes deres ouvidos estás completamente perdido! Elas só têm um fim... Dominar as tuas fraquezas e para isso usam todos os truques que dispõem e olha que são muitos! Não te esqueças: elas são lobas insaciáveis, capazes de inventar as ratoeiras mais incríveis... para prenderem a tua vontade

à sua, ao mesmo tempo, que fazem aquele ar despeitado e ofendido, quase sempre inocente e muito frágil. Mas não te iludas, são todas iguais… Querem todas o mesmo…».

«Jesus! Essas lobas... são as criaturas mais dedicadas e meigas à sua célula familiar que existem! Lembra-te, que são elas que sem hesitação vão há caça, quando o seu companheiro está impossibilitado de o fazer por algum agravo da vida. Elas saem do seu covil e vão caçar para sustentar as suas crias e o seu companheiro enfermo! Fazem sacrifício até aos limites das suas capacidades… Portanto, escuta a voz da tua consciência e a do teu bom-senso! Jesus, não o ouças, ele será a tua perdição! Não te percas meu filho… Pois olha! Essas doces criaturas foram por Mim criadas: no começo dos tempos, quando Eu estava reunido em Assembleia com todos os meus anjos, pedi-lhes para me apresentarem um projecto que desse sentido às Minhas obras, pois sentia que lhes faltava alguma coisa! Pedi-lhes que me fizessem uma maqueta de uma criatura que estaria longe do Céu, que vivesse com os pés no chão, mas que trouxesse algo de muito especial, algo de divino ao Mundo! Os meus anjos obedeceram à Minha vontade e, fizeram o primeiro rascunho de um ser dotado de força física, raciocínio lógico, rápido e com muita coragem para enfrentar os grandes desafios da vida! Quando me apresentaram aquela maqueta de barro, fiquei com a convicção de que ainda não era exactamente aquilo que Eu queria! É certo que valorizei a importância da sua força física, do seu raciocínio e da sua coragem! Mas essa criatura deveria ir mais além e por isso, voltei a lembrar aos meus anjos a questão da divindade que lhes recomendara! Sei que perante tão grande dificuldade, eles estudaram o assunto por todo aquele dia, e ao cair da tarde e com a chegada do início da noite, ainda não tinham solucionado o difícil problema! Com o aparecimento da Lua a iluminar a Terra e os Oceanos, os meus anjos de imediato nela se inspiraram e por isso decidiram: que este novo ser teria a beleza da Lua e os mistérios da noite, e ao contrário do boneco de barro anterior, teria na sensibilidade e no sexto sentido toda a sua força! Teria ainda o controle e o domínio das situações, pois viveria o amor conforme as razões do seu coração! Seria forte e suportaria as dores da vida! Mas quando os sentimentos chegassem aos seus olhos, em forma de lágrimas, lembraria ao mundo a sua fragilidade e a sua doçura! Lembro-me que

um dos Meus anjos colocou a condição da divindade como recomendara, então, em consenso, eles idealizaram que o novo ser não teria asas como eles, mas teria a capacidade de trazer a Vida para a vida, o que seria sinal da sua divindade! Os anjos quando me apresentaram esta maqueta, percebi logo, que finalmente a Minha obra estava completa e baptizei este ser de Mulher! Portanto Jesus! Não ofendas a minha criação divina! Vai para casa…».

«Ah! Ah! Ah! E o anjo que esse Velho senil criou, à primeira oportunidade desobedeceu-lhe e comeu o fruto que lhe estava proibido! E, ainda por cima convenceu astutamente Adão a fazer o mesmo! Vê o parvo… Foi levado pela atitude da sua mulher e pelo grande medo que tinha de perdê-la. Aliás, esse medo levou-o também a comer o fruto proibido e a esquecer-se do plano Divino, que para eles fora destinado! O parvo ao agir assim deixou que o erro de Eva, sua mulher, lhe tirasse a responsabilidade de guiar o relacionamento de ambos! Pelo que o comportamento de Adão e Eva mostra-nos que se afastaram desse Velho tonto!».

«Não ouças a voz do mal meu filho! Ambos possuíam o intelecto, a emoção e a vontade de agirem. Tinham a capacidade de serem capazes de pensar, de sentir e de escolher o seu caminho! Eu concedi a ambos a tarefa de governarem sobre a criação feita!».

«Ah! Ah! Não te esqueças que esse Velho tonto ditou para eles: "o teu desejo será para o teu marido, e ele te governará"! Por conseguinte foi esse Velho tonto e não eu que estabeleci, a guerra dos sexos no Éden! Foi ele e não eu que deu azo a que nascesse o movimento pela liderança feminina e o machismo opressor masculino! Idiota, não vês que as mulheres têm sempre a tendência pecaminosa de usurparem a autoridade masculina e os homens têm a tendência de colocar as mulheres sob os seus pés! Assim foi e assim será! Com a minha ajuda e intervenção directa, muitos homens e inúmeras mães prepararam as suas filhas para se tornarem objectos de desejo. A indústria de consumo teve a sapiência de engolir a felicidade feminina e tornou-a dependente de vaidades, pelo que a auto-estima de inúmeras mulheres será afectada se não possuírem os luxos e bens supérfluos, que são considerados necessários pela indústria de consumo! Ah! Ah! A sua última atitude de rebelião

contra a ordem desse Mentecapto foi a de demonstrarem os piores traços do macho: brutalidade, crueldade, sede de poder e uma arrogância e superioridade que são característica do macho! Tu achas, meu impotente, meu débil mental, que o Vasco da Gama tinha conhecido os mares nunca dantes navegados se tivesse tido bom-senso? E Einstein... foi sensato quando desenvolveu estudos para a construção da bomba da Verdade? E Galileu... foi com bom-senso que imaginou a Terra às voltas como uma bola de futebol? E os outros génios que tiveram a sensatez de me escutarem, como Hitler, Nero, Caligula, Átila, Genghis Kan e tantos outros fieis seguidores do meu saber do mundo! Idiota! Não hesites mais… Apenas basta premires uns quantos botões para o teu desejo se concretizar. Aquilo que para ti neste momento não passa de uma mera ilusão e pasto da tua imaginação, com a minha ajuda pode ser uma realidade muito concreta e definida! Olha que a Vida é só uma! Não a desperdice tonto! Não é quando chegares a velho que terás o proveito destes invejáveis manjares… Ou pensas que é? Ah! Ah!».

Por fim, Jesus rendido à voz mefistofélica, que insistentemente no seu cérebro lhe pedia para telefonar à Luísa, Jesus num último olhar para ambos os lados, como quem esconde alguma coisa, marcou no seu telemóvel os números que lhe estavam a ser censurados tanto pela sua mente como pela anciã daquele jardim. Pouco tempo depois, Jesus no auscultador ouvia a voz que tanto ansiava. «Luísa que bom … ouvir a tua voz… Que saudade das nossas brincadeiras…».

Jesus ficou satisfeito por saber que o Sr. Nogueira não voltou mais a atentar contra a sua vida, e acabou por marcar um encontro com a Luísa. Á Mafalda justificou como de costume com uma resposta a um anúncio, a justificação sempre oportuna e adequada para justificar perante a Mafalda os seus “raids” diurnos. Devido à satisfação de fantasias e criatividades sexuais, Jesus estava de cabeça completamente perdida, não conseguia raciocinar, nem conseguia ver mais nada do que a fonte do seu prazer, pelo que em determinado dia, numa dessas “resposta a anúncios” disse-lhe: «Tu és para mim um sonho por realizar! Não sei viver sem ti… Pois tu és o oxigénio que me é indispensável à vida! Apenas sei que passo os dias e as noites a reviver o brilho dos teus olhos, e o encanto do teu corpo! Penso somente em ti o dia todo! O meu

universo, és tu, musa do meu coração, alimento idílico do meu cérebro! Confesso-te, na maior humildade profana... No mais fundo do meu coração, que jamais outra mulher me influenciou e me perturbou tanto o meu sossego, como tu, encanto da minha vista!».

«Hum... Jesus! Como sabes ser irresistivelmente sedutor a uma mulher carente de afecto! Por falar em mulher… E a tua mulher? Jesus! Como é que ela se apresenta diante dos teus olhos? Serei eu melhor do que a tua mulherzinha? Ela sabe também fazer as coisas que te enlouquecem, tão bem, como eu te as faço?».

«Não tens comparação! Minha querida… Meu bem! Tu és muito superior! Tu és muito melhor! Oh! Minha querida! Meu amor meu encanto! Como podes tu perguntar pela minha mulher? Como podes tu comparar-te com aquela medusa fria e sensaborona! Seria como que me pedisses para comparar "Górgona", que na mitologia tinha serpentes em vez de cabelos e transformava em pedra todos aqueles que para ela olhassem, com a "Afrodite", a mais bela e encantadora deusa, que encarnava o amor como divindade do Olimpo. A Mafalda, tal como "Górgona", também tem o condão de me transformar em pedra, tal é a frieza que ela me provoca com o seu olhar sempre gélido e glacial. Tu... Não! Antes pelo contrário... Tu és quente como "Vulcano" e formosa como "Vénus"! Não há pois qualquer hipótese de comparação! A rudeza não é comparável com o sublime!».

«Então, Jesus! Não entendo! Porque vives ainda com ela? Se para ti tem tantos defeitos e poucas virtudes…».

«Sabes Luísa... São já muitos anos de convívio e de partilha. Talvez, seja já para mim um hábito e uma rotina sem qualquer valor sentimental, ou de especial interesse para a minha sensibilidade romântica. Não sei… Tudo me é muito confuso! A casa, o restante património, os nossos compromissos e responsabilidades assumidas… Mas a paixão há muito que se foi... Agora tu! Minha doçura muito querida, meu anjo sem asas...Prometo-te que dela me separo mal consiga arranjar trabalho!. Oh! Meu sonho inacabado, meu encanto, minha ternura vem cá! Sabes, que eu não sei viver sem ti…».

«Jesus! O que farias tu se soubesses que também ela tinha uma outra pessoa?».

«O quê? Outra pessoa? Não sei... Nunca pensei nisso. Mas porque razão! Porque motivo! Porque haveria ela de procurar outra companhia?».

«Jesus! Eu sei, de fonte fidedigna e infalível, que existe uma outra pessoa na vida da tua pirosa mulherzinha!».

«Como podes tu saber isso? Não é possível! Mafalda sempre me foi muito fiel… Até punha as mãos no fogo por ela!».

«Não ponhas que te queimas! Se tens dúvidas, toma! Abre este envelope e podes ver umas bonitas e sugestivas fotografias da tua mulher com a outra pessoa e, tens aí a prova do que te acabei de dizer!».

«Luísa! Que disparate vem a ser este? Eu não gosto dessas brincadeiras de gosto muito duvidoso e insano!».

«Abre! Vá… Abre! E verás se sou insensata!».

«Mas que loucura a tua! Dá-me cá o envelope! Como se fez tarde! O tempo passa sem dar-mos por isso… Onde está a minha gravata e o meu casaco? Tenho que me ir já embora! Amanhã eu telefono-te. Adeus! Adeus Luísa!».

No caminho para casa, Jesus interrogava-se: E se é verdade o que a Luísa me disse? Traidora! Descarada! Mentirosa! Infiel! Falsa como Judas! É o que ela é! Não! Não é possível… Á noite quando chego a casa com os odores da Luísa ainda impregnados em todo o meu corpo, a Mafalda está sempre em casa… Terei de enfrenta-la! Eu sei, que irei suportar uma cena muito desagradável, mas ela terá que me contar tudo, “tintim” por “tintim”! Se a falsa me traiu, é o divórcio imediato... Não quero ser cornudo… Boi manso! Mas, e esta dor que sinto, arrastar-se-á durante dias e meses até ao divórcio, e mesmo depois deste, provavelmente durante anos… Como posso eu viver durante todo esse tempo com a recordação de uma traição! Com uma miserável infidelidade! Isto é de endoidecer! Meu Deus… Não há direito, eu que tanto confiei nela, que a

parapariquei, que ao longo dos anos lhe dei tanta ternura e tanto carinho… Eu, que lhe dediquei todo o meu tempo, dediquei-lhe toda a minha vida… Não! É absurdo! Mafalda não poderia me ter enganado tão miseravelmente! Mas como o poderia ela ter feito sem eu me aperceber? Ela, que eu a julgava pouco inteligente... Não me pode ter enganado… Eu teria dado por isso! Aliás era preciso ser muito inteligente e astuta para tal! Seria demasiado miserável e infame se o fizesse... Seria mesmo demasiado fingida e hipócrita, pois sempre que chego a casa ela recebe-me com um rasgado sorriso e com um doce e encantador “olá! Meu amor”! E de manhã, quando saia de casa dizia-me sempre “adeus meu querido, até logo e porta-te bem”. “Porta-te bem” ? O que quereria ela dizer com o “porta-te bem”? Será que ela desconfiava de alguma coisa… Não! É uma forma carinhosa formula de despedida, pois ela na generalidade das vezes sorria, quando empregava essa sua característica forma de se despedir de mim… Como poderia ela dizer semelhantes coisas, se eu não fosse o seu amor. O seu único amor…».

«Vou rasgar este envelope! Vou destruí-lo em mil pedacinhos! Não… Vou mas é queimá-lo! Isto é sem dúvida uma armadilha, ou uma artimanha da outra maluca para me apanhar... Sempre foi perversa e desequilibrada no nosso relacionamento! Ela gosta de criar conflitos com toda a gente, em prol de uma suposta independência, ou em nome de uma liberdade muito duvidosa! Pois se ela até problemas arranjou com os seus pais! Por isso é que vive sozinha e na solidão! E eu com muita pena dela… Provavelmente nem gosta de mim! Na certa, tem algum trauma de infância! Sente-se realizada destruindo casamentos! Na verdade… Ela apenas quer competir com a minha mulher! Com a minha adorada Mafaldinha... É repulsivo tal atitude, deviam internar estas perigosas malucas! Como sou parvo, em ter dado ouvidos aquela estouvada. Vou é destruir este malfadado envelope! Afasto-me definitivamente daquela maluca e começo uma vida nova...».

«E se ao entrar em casa a apanho-a com a boca na botija! Ai! Meu Deus! Na “botija” não! Que ideia tão estúpida a minha… Eu punha as mãos no fogo por ela! Mafalda nunca me enganou… Jamais o faria…».

Mas como é que a outra tonta foi arranjar uma prova? De certo que contratou um Detective Privado! Intrometida, maldosa e depravada… Não acredito que a tenha arranjado! Na certa é um baixo truque dela! E se mais alguém sabe… Que vergonha? E se todos o sabem, eu passarei a ser para eles o palhaço da festa! Não se costuma dizer que o corno é o último a saber… Querem lá ver que têm pena de mim, por isso nada me dizem quando passo! E se dizem entre dentes: lá vai o coitado do chibo… O marido da desavergonhada que mora para os lados do jardim! E quando viajei e estive fora a organizar aquela empresa no Porto, o que andou ela a fazer enquanto eu estive ausente… Agora me lembro, que à noite raramente me atendia o telefone, alegando que lhe doía a cabeça e se tinha deitado mais cedo! Será que ela saia de casa à noite? Quem estaria com ela quando eu lhe telefonava?».

«E se a confronto com uma traição e ela me confessa que é verdade... E me diz: "não te suporto mais!", ou: "és um egoísta horroroso!", ou: "já não significas nada para mim", ou: "não me imagino nem mais um minuto a viver a teu lado", ou: "sinto-me melhor ao pé do "Boby" do que ao pé de ti", ou até mesmo: "gosto mais do "Boby" do que de ti"! E se me diz: "oh! Ainda bem que já sabes a verdade, tiraste-me um grande peso de cima de mim!", ou: "há muito tempo que me queria ver livre de ti, da tua expressão imbecil, da tua avareza e do teu insuportável egoísmo", ou: "encontrei uma pessoa sensacional que me completa e que me satisfaz a todos os níveis", ou: "encontrei uma pessoa atenciosa e divertida com quem tenho muito prazer e a minha existência passou a ser deliciosa e muito agradável!" Não! Não! E não… Mafaldinha… meu amor! Saíres assim da minha vida, nunca... Antes a morte!».

«Estou a enlouquecer, vou para casa e a Mafaldinha dir-me-á: "olá meu amor"! Preparará o jantar… Depois assistiremos à telenovela que ela tanto gosta... Não! Ela vai desconfiar que se passa alguma coisa… Eu nunca gostei de ver telenovelas, quanto mais com a Mafaldinha a meu lado! Não faz mal, nunca é tarde demais para começar a gostar desses programas socialmente relevantes! Depois da telenovela, o sono nos invadirá e iremos dormir muito juntos… Deixo a louca… E tudo decorrerá normalmente como até aqui!».

«E se como um anjinho estou aqui à espera que o tempo passe … Como um ingénuo, e ela está com o outro… Quem será ele? A Quem oferecerá a Mafaldinha aquele olhar e aquele sorriso cândido que é só meu! Em que corpo ousará a Mafaldinha tocar, que não seja o meu… Grande depravada! Grande traidora! Grande infiel! Como se atreveu ela a oferecer a outro o seu sorriso tão maravilhoso e sedutor, que era só meu… Que palavras de amor trocarão? Dir-lhe-á que ele é melhor do que eu? Tenho a certeza que sim… E se ela lhe diz: "Como podes tu comparar-te ao meu marido? Se na cama és muito melhor que ele"! Que horror... Meu Deus! Decididamente vou abrir este maldito envelope, e tirar todas as dúvidas a limpo. Não! Não... vou! Vou antes tirar primeiro uma moeda ao ar… Se cair cara para cima, ela engana-me descaradamente... Se cair coroa para cima, ela nunca me traiu! Cara? Esta não valeu, fez ricochete, bateu na esquina e rolou… Coroa! Ah! Ah! Eu sabia… Como pude duvidar da fidelidade da Mafaldinha. Este envelope vai é direitinho para o lixo e eu vou direitinho para casa loucamente beijá-la…».

Nove grossas gotas sonoras do velho relógio de parede ressoaram e fizeram tremer as paredes do prédio. «Porque me continuo a enervar com este soturno e compassado badalar metálico? Porque será que ela não chega? Já são nove horas, mas porque tremo eu? Na certa que é do maldito relógio, eu nunca gostei desta vibração mecânica, carcoma da vida, presságio fugaz da nossa existência, que teima em permanecer no meu inconsciente e que ainda hoje me atormenta e de noite ainda me alaga de suores húmidos e frios que me despertam! Maldito relógio…».

Sempre que aquele relógio de parede vibrava Jesus recordava-se sempre de quando ainda era de tenra idade, na casa da sua avó materna, existir um daqueles velhos relógios de parede, muito bonito nas suas artísticas e elegantes talhas em mogno, num profundo contraste com todo o rústico mobiliário existente na casa de chão térreo, pobre e de interior sombrio. Na frente da casa, apenas uma estreita porta que dava acesso a um comprido e interminável corredor, que comunicava com os quartos sempre perdidos em trevas, paradeiro de medos e assombrações, berço de histórias de arrepiar, que ainda hoje, tornava a coragem de Jesus envergonhada. Uma estreita janela, pertencente à sala nobre da casa, completava o seu frontispício de

paredes sempre caiadas e orladas de azul. Naquela sala, à janela, muito tempo da sua meninice Jesus ali passou, sentado num mocho a deliciar-se com banhos de luz, que trespassavam os vitrais axadrezados da pequena e humilde janela, decorada com cortinas de renda feita à mão da sua avó, de uma brancura imaculada. Sempre curioso à vida que no exterior pachorrentamente corria num largo enorme na maior parte do ano sempre poeirento. Como uma sentinela atenta, vigiava constantemente o movimento que se fazia nesse largo, que dava pelo nome de Rossio, onde uma vez por ano e no primeiro Domingo de Setembro, se engalanava, para receber o grande acontecimento da Vila que era a feira anual e nos restantes dias do ano, ali assentavam arraiais, ciganos e tendeiros, com costumes estranhos e exóticos. Ao fundo, as imponentes e majestosas torres brancas da igreja matriz, sobranceira à estrada que dava para o cemitério, cujas silhuetas dos topos dos ciprestes de um azul cinzento, deixava antever que o espaço reservado para o descanso eterno estava perto. Nas suas costas, o dono e o senhor do tempo, cuja presença tiranicamente se fazia lembrar, através de um "tic-tac" compassado e ressonante, interrompido de tempos a tempos, por gotas de som ensurdecedor e estridente. Estas badaladas vigorosas e estremecidas, quase sempre correspondiam ao longe a uma procissão de vultos escuros, séquito de alguém, que nos deixou e partiu para o Oriente. Pelo que para Jesus as badaladas do relógio de parede estavam associadas à morte. «Tenho que me ver livre deste relógio que me enerva até há raiz dos cabelos…».

«Raios, o telefone também a tocar… Hoje não tenho sossego! Ah! É na certa a Mafaldinha para me dizer que está atrasada das suas intermináveis compras. Jesus foi à pressa atender o telefone, e não viu o "Boby" que estava enrolado na carpete a dormir e por conseguinte desequilibrou-se e derrubou uma estatueta que ficou em muitos pedacinhos. «Raio do cão sempre no meio da casa… Estou? Tu estás doida Luísa, desde quando é que te sentes no direito de ligar para minha casa? Não! não abri envelope nenhum, foi direitinho para o lixo... Não te interessa! Isso é da minha conta! Agora não posso falar... estou muito ocupado! Que maçada! Já te disse que não posso estar ao telefone, talvez daqui uns dias te telefone! Adeus… Porque será que esta parva não me larga! Esta depravada… Esta louca, não entende que sou casado e homem de

bons princípios… Mafaldinha… onde estás tu! Minha querida! Meu amor! Meu anjo...Como posso eu viver sem a tua ternura? Sem os teus mimos, sem os teus carinhos, sem os teus cozinhados, sem a tua atenção e sem o teu apoio? Como me podes tu abandonar? Se eu preciso tanto de ti… Quem tomará conta de mim, Mafaldinha? Como poderei eu continuar nesta casa vazia, sentindo a tua presença na tua definitiva ausência? Eu não posso desabafar com mulheres que não me interessam e pensando bem nunca me interessaram… Quem cuidará de mim quando eu for velho, fraco e doente? O que fiz eu… Para que de repente te tornasses tão sádica e cruel? Como podes destruir o nosso casamento por um capricho, por uma aventura sem consequências, quando sempre fomos felizes…».

Um mês depois, Jesus percebeu que o seu grande erro foi ter deixado a sua vida de lado, para se dedicar quase exclusivamente ao trabalho e a viver apenas como casal, deixando os seus amigos e ocupações. Agora que tinha terminado a relação com a Mafalda, que estava somente com o "Boby" naquela imensa casa vazia, percebeu como era importante redescobrir do que gostava de fazer, pelo que deveria investir todo o seu tempo nessa procura. Na solidão verificou também que nem sabia onde estava a sua roupa, quanto mais tratar dela; não sabia fazer as compras diárias, quanto mais cozinhar. A única coisa que sabia fazer muito bem era tratar do "Boby", o qual manifestava uma grande tristeza no olhar, que para o confortar um pouco mais, até para que ele sentisse que era muito desejado e querido, Jesus deixava-o dormir na cama ao seu lado.

Com a separação, Jesus aprendeu uma grande lição, uma vez que aprendeu que a sua felicidade não devia estar depositada numa única pessoa, à semelhança de que "todos os ovos não deveriam estar no mesmo cesto", e sim naquilo que ele era, no seu próprio "Eu" e na sua interacção com os outros. Verificou que já não tinha amigos, os amigos de outrora estavam todos eles dependestes de vontades alheias, nem tinha ninguém com quem desabafar a sua angústia, para além dos seus vizinhos, para os quais tinha somente conversas de circunstância e pouco mais. Quanto à Luísa, Jesus também nunca mais se encontrou com ela, e só de pensar que foi ela a causadora da sua separação, a sua memória causava-lhe até repúdio.

Assim, porque Jesus esteve sempre dependente das vontades da Mafalda, acabou por nunca ter sido verdadeiramente independente na tomada de decisões pessoais, pelo que constantemente lhe vinha à cabeça uma estranha sensação de culpa: «eu falhei!». Era a frase que mais o atormentava. O pensamento de auto-flagelação era constante: «falhei na construção e manutenção da família, e falhei em amar e ser amado!». E estas auto-acusações não lhe saíam da sua cabeça.

Sem dúvida que para Mafalda o fim da relação não deveria estar a ser tão difícil de ultrapassar, uma vez que ela provavelmente tinha uma vontade muito maior de se reencontrar. É certo que o casamento a tinha afastado de certas essências fundamentais à sua felicidade. Mas ela sabia muito bem qual o caminho que deveria percorrer para ter de volta a sua independência e a sua realização pessoal. Aquele instinto de sobrevivência que a Mafalda mostrava ter dava-lhe uma força interior para se tornar feliz por si só, o que não acontecia com Jesus que temia mais do que ela com a solidão e com as incertezas dos afectos no futuro. Na verdade, enquanto que a Mafalda partiu ao encontro de si própria e de refazer a sua vida, Jesus aguardava a próxima mulher que lhe iria proporcionar a construção da sua identidade perdida.

É certo que Jesus tinha uma grande vontade de se reencontrar. O casamento tinha-o afastado dos amigos, dos seus interesses e dos seus gostos pessoais. Ele sabia que isso tinha sido um erro. Todavia, ele não conseguia encontrar o caminho para ter a sua vida de volta. Pelo que não seria muito fácil para ele "dar a volta por cima", e nisso a Mafalda tinha sido muito mais forte do que ele. Pois o seu instinto de sobrevivência estava-lhe ancestralmente incutido na sua mente, razão porque ela tinha uma força interior inquestionável para se tornar feliz por si só, o que pelo contrário, Jesus revelava ter uma grande carência. E em boa verdade, havia uma razão para isso, pois Jesus conhecia muito mais mulheres sós, e felizes, do que homens na mesma situação, pelo que ele com alguma razão temia pelo seu futuro.

Os meses foram passando e não era fácil para Jesus viver na solidão, pois sempre estivera dependente dos desejos e das vontades da Mafalda, assim todas as dificuldades e todas necessidades porque passava, a sua memória

estava sempre presente, pelo que não o deixava encontrar o caminho para a sua independência. Durante muito tempo ele tinha atribuído à Mafalda a responsabilidade de o fazer feliz, que não conseguia encontrar o caminho certo para o ser. Por experiência, Jesus passou a saber que fazer coisas diferentes juntos, "manter o fogo"…. São coisas que fazem bem, mas não seguram um relacionamento….É preciso bem mais do que isso…

O período após a separação foi para ele muito complicado, uma vez que era constantemente perturbado com recordações, e para que estas não o sufocassem encontrou refúgio num pequeno café na esquina do seu prédio. Aí os vapores do álcool ajudaram-no a esquecer a sua desgraça. Neste calvário, o que aprendeu Jesus com a experiência por que passou? De todas apenas uma restou, que uma traição lhe tinha causado um grande prejuízo, pois numa linguagem economicista Jesus passou muitos anos a investir numa mulher, em atenções e em carinho, para estupidamente perder com uma estupidez todo o investimento que fora feito ao longo de anos a fio. A ausência da Mafalda na sua vida estava a ser para ele muito dolorosa. Na verdade, o amor carrega em si a ambivalência e as contradições. Ele pode ser de facto fiel e libertino. E pode ser ciumento e possessivo, tanto no casal formal como no amor clandestino. Mas, tanto um como no outro é exigido sobretudo a fidelidade de ambos, e nisso Jesus tinha falhado. E porque as vidas dos Homens estão balizadas por princípios e por regras de prazer e dor, Jesus martirizava-se com as recordações de tempos felizes ao lado da Mafalda. Pelo que para a esquecer a maior parte do tempo passava-o embriagado, e por conseguinte desse seu constante estado de insanidade, conduziu-o a perder o trabalho, bem como as oportunidades de conseguir um outro. Perdeu também os poucos amigos que ainda lhe restavam, e até o respeito por si próprio. A própria electricidade da sua casa estava cortada por falta de pagamento já há alguns meses. Jesus estava muito consciente que tinha que sair daquele inferno. Tinha que dar outro rumo à sua vida. Porém, não queria novamente voltar a fazer a difícil viagem por que tinha passado. Desta vez queria cometer erros diferentes. E este pensamento levavam-no a caminhos excitantes, pois ele precisava de começar a namorar, uma vez que ficar apaixonado correspondia ao desejo de ver o mundo com outros olhos, com outras cores. Todavia,

mesmo olhando para a frente, Jesus não conseguia ver a luz no fim do túnel! Não era fácil encontrar a luz, para contemplar a sua miríade de opções. Ele sabia que quando começasse a namorar depois da separação, embarcaria na roda emocionante da vida conhecida como "uma segunda chance”. Mas, quem quereria um velho alcoólico sem praticamente nada de seu.

Apesar de ter pouco de seu, Jesus sentia-se livre, na expectativa e na ansiedade de um futuro feliz e risonho. Porém não esperava nada de ninguém, e como não tinha expectativas formalizadas, qualquer facto que ocorresse, superava sempre as suas expectativas, pelo que os dias passaram a ser para Jesus cada vez mais agradáveis ao lado do “Boby”.

Capítulo XI

Um homem na casa dos cinquenta anos, barbas e cabelos grisalhos, de olhar sereno, e de expressão messiânica, estava confortavelmente sentado sobre uns cartões na escadaria da estação do "metro", que dava para o Jardim das "assombrações", ao seu lado, dormia com o focinho em cima da sua perna um *cão "*Cocker Spaniel", e à sua frente repousava no chão um chapéu de feltro com duas notas de cinco euros no seu interior.

Um homem apressadamente desceu as escadas daquela estação de "metro", e sem olhar para o seu rosto, atirou uma moeda branca para o centro do seu chapéu, e Jesus abriu os olhos e retribuiu-lhe em forma de agradecimento: «Obrigado! Que Deus lhe dê em dobro!». Depois de um apelo destes, a quem não dá uma vontade enorme de contribuir.... Quem não quer receber em dobro aquilo que gasta? Pelo que a expressão de agradecimento que Jesus utilizava, era uma excelente e uma rentável fórmula de reconhecimento, possível de ser aplicável em todas as circunstâncias, pois o seu valor dependia somente da interpretação de quem a recebia.

Jesus, adaptou os seus conhecimentos empresariais na sua nova actividade, mostrando que em todas as ocupações, o conhecimento era determinante para o sucesso, ora vejamos:

- Todos os dias, quer estivesse a fazer Sol ou Chuva, Jesus sentava-se sempre naquelas escadas da estação do "metro" (Estratégia - Concentração alvo);
- Jesus habitualmente vestia para o desempenho da sua actividade, um casaco muito largo e puído, umas calças curtas e apertadas, e calçava sem meias uns chanatos. Porém. nos dias chuvosos acrescia a esta indumentária um grande saco de plástico preto, que fazia de chapéu-de-chuva (Estratégia - Para fortalecer ainda mais a sua posição de mendigo);

- Jesus falava muito pouco, ao contrário dos outros seus “colegas” de actividade e de ocupação (Estratégia – Diferenciação);
- Invariavelmente, Jesus tinha no seu chapéu entre duas a três notas de cinco euros, o que correspondia a um cartaz promocional muito eficiente (Estratégia – Orientação para o alto volume de contribuição);
- Por estar todos os dias à mesma hora naquelas escadas da estação do “metro”, lentamente, os passageiros que por ali diariamente passavam começaram a familiarizarem-se com ele, pelo que passaram a ser mais generosos e caritativos nas suas doações (Estratégia – Procura de fidelização de pequenos segmentos do mercado, e procura de uma alta taxa de repetição das doações);
- Apresentava-se sempre com um aspecto conformado e messiânico (Estratégia - Aproveitar a psicologia dos beneméritos);
- De tempos a tempos, Jesus olhava para o seu chapéu, e mentalmente contava o dinheiro que nele estava depositado, e sempre que a quantia fosse superior a trinta euros, olhava para todos os lados e no caso de ninguém o estar a observar, escondia rapidamente nas suas roupas o excedente (Estratégia - Muito conhecimento do mercado alvo, e do comportamento do benemérito);
- Pelo que no seu chapéu voltavam a estar somente as duas ou três notas de cinco euros (Estratégia - Sensibilidade ao preço baixo de penetração);
- Jesus não ia atrás das pessoas com pedinchices e outros incómodos, limitava-se a estar sempre sentado naquelas escadas, em aparente estado de meditação (Estratégia – Procura de especificidades e captação de nicho de mercado);
- Por outro lado, não procurava estender a mão à caridade junto das Igrejas, Feiras, Mercados ou até mesmo junto das Bilheteiras daquela estação, uma vez que eram locais muito concorridos por outros colegas de actividade (Estratégia - Procura de canais diferenciados);

- E, não estava só, uma vez que o “Boby” passou a ajudá-lo na sua actividade ao estender a pata a quem passava (Estratégia – Criatividade e inovação).

Assim, com a aplicação destas modernas técnicas de “Marketing”, a actividade de Jesus passou financeiramente a ser muito vantajosa para ele, uma vez que levava todos os dias para casa uma média de cem euros, e quando o “Boby” passou a dar a sua pata direita a quem por eles se aproximasse, passou a levar para casa uma média diária de cento e trinta euros, livre de impostos e sem responsabilidades, ou exigências de empresários sem escrúpulos. Pelo que a imagem do mendigo ser o símbolo da exclusão social, nada tinha a ver com a realidade de Jesus. Pelo que para ele já era tempo de substituí-la pela do rapaz licenciado em Sociologia, História, ou por aquele que frequentou um desses cursos das “Novas Oportunidades” que ninguém confia e contrata.

Naquele seu habitual estado quieto e muito meditativo, com o corpo completamente abandonado, Jesus deixava apenas fluir o que lhe ia na alma. E desse modo, o seu rosto emanava agradecimento por receber os raios de Sol que o aqueciam; por receber a chuva que caía do Céu, e que fazia renascer nos campos os alimentos; pelas árvores que purificavam o oxigénio, pelas flores que embelezavam a Natureza… Na verdade, naquele seu estado meditativo, o rosto de Jesus reflectia serenidade e um grande bem-estar consigo próprio. São muito poucas as pessoas que aceitam a passagem do tempo no seu rosto e no seu corpo, esse mapa de rugas que pode ser mais belo do que a pele de uma jovem, e que têm apenas como significado, que a Vida passou por elas e venceram muitas etapas. Mas que importa o aspecto físico de Jesus, se ele se sentia feliz por ter uma casa para morar; por ter roupa para vestir e sapatos para calçar, como também se sentia muito feliz por ter a seu lado o seu velho e fiel amigo “Boby”, que há tanto tempo o compreendia tão bem.

Todavia, mesmo assim, aos poucos a chama da Vida começava a abandoná-lo. Aquele que em outros tempos, fora capaz de salvar mundos, e de garantir a tantos outros o direito de serem livres e de acreditarem que a força de seus pensamentos eram capazes de revolucionar o mundo, sentia-se agora traído e

abandonado por todos. Os seus antigos amigos já não o conheciam, pois sem uma posição de prestígio social, ninguém conhece ninguém, e nessa situação, somente com dinheiro no bolso pode-se ser quem nós quisermos ser. Portanto, Jesus tinha que ter a capacidade de seguir em frente e abandonar o passado, afinal, na sua actual situação, apegar-se a memórias era um luxo ao qual não se podia dar.

Num certo dia, à hora habitual, Jesus e o “Boby” saíram da sua casa, entraram no velho BMW, e fizeram a viagem até próximo do local onde exerciam a sua actividade profissional. Jesus estacionou o carro no parque de estacionamento, que àquela hora estava sempre vazio, e no interior do carro, mudou de roupa, tirou a corrente do “Boby” e substituiu-a por uma corda mal amanhada, olhou como um delinquente para todos os lados, e como não viu ninguém nas proximidades, sorrateiramente saiu do carro com o “Boby”. Com um passo arrastado e penoso, dirigiram-se os dois para o local onde exerciam a sua actividade profissional.

Poucas horas depois, subia as escadas do “metro” uma Senhora elegante, com um “tailleur clássico”, em tons de terra e vegetais, cujo “blazer” combinava na perfeição com uma blusa creme, calçava sapatos de salto alto castanhos, e usava uma mala a tiracolo a condizer. Mecanicamente o “Boby” estendeu-lhe a pata. Nessa altura Jesus tinha os olhos fechados, com o rosto bem iluminado pela luz que vinha de cima, pois era com agrado e muita delícia, que ele estava a saborear os primeiros raios do Sol. Assim, com os olhos fechados e de rosto tranquilo, parecia estar a meditar em coisas divinas, em coisas transcendentais. Quando inesperadamente ouviu: «Jesus! É mesmo você?». E com olhos esbugalhados ele olhou para a Senhora que estava à sua frente, levantou-se, e respondeu-lhe de rompante: «Bárbara! À quanto tempo…».

«O que lhe aconteceu Jesus? Para estar aqui…».

«Foi a Vida… E as circunstâncias também… Levei muito tempo para reconhecer, tanto a maldade das pessoas, como a malvadez e crueldade deste sistema capitalista em que vivemos... Pois o peixe maior para satisfazer os

seus desejos e ambição, é capaz de passar por cima dos desejos dos peixes mais pequenos, e esmagar os seus sonhos mais humildes, em prol do seu próprio bem! Não tive suficiente sabedoria para viver neste aquário! E as piranhas apanharam-me…».

«Venha daí … Tenho o meu carro aqui próximo! Vamos falar em minha casa…».

«Mas, como posso eu acompanhá-la se provavelmente a vou envergonhar?».

«Recorda-se que também eu já estive nesta estação numa situação muito semelhante? E nessa altura não sentiu vergonha de mim…Pois não? Portanto, não diga mais uma palavra sobre vergonha... Como se chama o cão?».

«"Boby"!».

Astuto e inteligente como ele era, apercebeu-se logo que estavam a falar dele, por isso sentou-se a abanar o rabo, olhou para ela com olhos muito meigos, de orelhas caídas e de pata estendida na sua direcção. Tanto insistiu que ela acabou por lhe segurar na pata direita, ao mesmo tempo que pronunciava: «Boby! És um cão muito meiguinho… Também tenho uma cadelinha parecida contigo… Sabias?».

Apesar de Jesus ter insistido muito para a não acompanhar, não foi possível declinar o convite de Bárbara. Ela sabia ser persistente e mui convincente. Pelo que antes de entrar no seu "Audi R8 Coupé" passou pelo seu velho "BMW" e trocou o seu vestuário de trabalho, pelo seu vestuário de "passeio", ajeitou com as mãos o cabelo e a barba, substituiu a corda que o "Boby" tinha presa à coleira pela sua corrente e depois entraram no carro da Bárbara, que rapidamente se dirigiu para a auto-estrada de Cascais, e num ápice chegaram a um fabuloso condomínio fechado, Localizado perto de Cascais, e não muito longe da praia. Aliás, porque a sua localização não era muito longe da praia, geralmente ao entardecer, Bárbara ia a pé passear no areal, para respirar o ar

puro do mar, e deixar a pele e os pulmões impregnarem-se do iodo e das vitaminas que se desprendem do oceano, para desse modo recuperar as suas forças, e ganhar energias para novas batalhas. Ao crepúsculo, normalmente caminhava na rebentação das ondas para sentir a areia fugir-lhe debaixo dos seus pés, o que se traduzia num excelente exercício para o corpo e para a alma.

A Empregada interna de Bárbara abriu-lhes a porta da entrada principal, a "Lady" veio a correr muito alegre para cumprimentar a sua dona, de repente viu o "Boby", e ficou em alerta rosnando baixinho. Mafalda com uma festa sossegou-a: «Então "Lady"! É o "Boby"! Não te faz mal… Ele é muito mansinho…». Desconfiada, a "Lady" veio cumprimentar o Boby. Farejou o seu focinho e de seguida o seu órgão genital, ao qual ele lhe facilitou abrindo as pernas, para de seguida retribuir-lhe igual cumprimento.

Depois, Jesus foi convidado a entrar no estúdio, e nesse trajecto deu para aperceber-se que era uma casa muito grande e requintadamente decorada. Sentou-se pouco à vontade no sofá. E Bárbara sentou-se de forma descontraída no sofá em frente do dele.

«Toma alguma coisa? Um café?».

«Não muito obrigado… Não bebo Café!».

«E um chá?».

«Também não! Muito obrigado… Não me está a apetecer beber nada! Estava a pensar… Deixei de a ver quando era "Key Account Manager" na "Ellert-Portugal"! E isso já foi há alguns anos… Vejo que desde então teve muito sucesso na Vida! Como o conseguiu?».

«Com a ajuda de Deus, com a minha capacidade e com a minha determinação! É verdade! Como o tempo passa depressa…A última vez que nos encontrámos eu era responsável, na "Ellert – Portugal", pelo portfolio de uma marca de azeite, e tinha nessa empresa uma carreira promissora pela frente! Em dois anos fui promovida três vezes!».

«Quem diria… E esteve nessa empresa muito tempo?».

«Até ao dia em que o telefone da minha secretária tocou… Atendi-o, e do outro lado da linha estava um "caça-cabeças", que me queria fazer uma proposta… Estava muito longe de pensar que alguém estava interessado no meu perfil profissional! Todavia, depois de ter ouvido a proposta, a minha sensibilidade não deixou que aquela oportunidade me escapasse…».

«E demitiu-se…».

«Sim… Aceitei o desafio da "Narbo" para relançar marcas de chocolates, que estavam em queda já há alguns anos! Ao aceitar aquele desafio, entrei para o clube das mulheres mais destemidas, capazes de assumirem riscos e grandes responsabilidades!».

«Qual foi o segredo para o seu sucesso num mundo profissional tão competitivo?».

«Fui casada com o Dr. Carlos Dias que me ensinou tudo sobre números e negócios… Juntamente com a minha dedicação e o auto-sacrifício, uma vez que a sorte profissionalmente não existe! Conquista-se com trabalho e muita persistência! Mas para sermos vencedoras neste mundo que diz: competitivo, ainda há muito mais exigências para o conseguirmos. Pois temos que ter muita versatilidade e polivalência; capacidade de trabalhar em equipa; e uma grande curiosidade por tudo quanto é novo!».

«O que é feito do Dr. Carlos Dias?».

«Deus chamou-o para a sua companhia… Num ataque fulminante… Bom homem…».

«E como ultrapassou os eventuais obstáculos? Certamente, que houve muitos… Recordo-me que não tinha experiência profissional! Aliás, foi essa carência que me obrigou a exercer toda a influência que naquele tempo dispunha...».

«O meu passado habilitou-me a desenvencilhar-me sozinha de todas as situações… Tive que aprender com quem mais sabia! O Dr. Carlos Dias, Gerente da "Ellert" ensinou-me muito, e foi com ele que aprendi a lidar com os números, com os artigos, com os negócios e acima de tudo, foi com ele que

aprendi a tratar os homens como parceiros e com muito respeito, pois eles eram os Fornecedores e eram os Clientes! Confesso que nem sempre me foi fácil, uma vez que nem sempre eles se sentiam à vontade com uma mulher independente!».

«E alguns queriam o seu lugar…».

«O que até é compreensível, afinal de contas foram criados nos moldes da cultura patriarcal, pela qual o homem devia ter sempre a última palavra…».

«Todavia apesar das vicissitudes conseguiu triunfar…».

«Lentamente consegui que eles me aceitassem pela minha competência e pelo meu mérito profissional!».

«Então o que aconteceu depois…».

«Aconteceu que não ambicionava ficar para sempre na mesma empresa! Queria testar as minhas capacidades em outros desafios, em outros objectivos, em outras oportunidades!».

«E saiu…».

«Apenas queria ficar em cada uma das empresas o tempo suficiente para mostrar trabalho e impor a marca da minha passagem! Por isso sai da "Ellert" pouco tempo depois, e fui contratada por uma empresa que fabricava móveis e equipamento hospitalar… Como gestora de um produto hospitalar! Os resultados foram tão bons, que dois anos depois já era gestora de uma área de negócio!».

«A partir daí ganhou o gosto e já não parou mais…».

«Sim…Por essa altura já era uma mulher experiente e com muito conhecimento do mercado…».

«Nessa altura já tinha muita experiência profissional de "Merchandising" e "Marketing"…».

«E como a experiência ajuda-nos a transformar as nossas decisões em objectivos concretizados…».

«Estava pronta para desfazer a concorrência…».

«Com uma eficiência quase maligna! Tinha uma vontade enorme de vencer, de conquistar o Mundo! De gritar bem alto que tinha saído das ruas de Lisboa e vencido…».

«Palavras de combate…».

«Como sabe, quando se trata de negócios, não se pode ser apenas treinador de uma equipa! É preciso ser também jogador dessa mesma equipa! Ou seja: temos que trabalhar com a equipa, correr e transpirar com a equipa, sofrer com a equipa! E eu fiz tudo isso, com a equipa venci…».

«Mas, foi um grande risco saltitar de empresa em empresa, quando os dramas de quem perdeu o trabalho, que acreditava ser "para toda a vida" grassam neste País por todo o lado! Quando a sombra do desemprego é uma ameaça real que paira por cima de muitas famílias… Foi preciso muita coragem e uma dose de grande loucura».

«Sim! Concordo que foi um risco! Mas foi um risco calculado! Tinha uma imagem de qualidade no mercado assegurada e uma carreira profissional promissora… Confiava no meu curriculum! Certo que em muitas empresas senti que regredia… Por isso rapidamente saia delas».

«Então! O que ganhou por mudar de empresa em empresa?».

«Primeiro, ganhei a satisfação de me ter realizado profissionalmente… Para além de ter adquirido a minha própria autonomia! Depois ganhei prestígio e curriculum! Por exemplo, nesta última empresa vim a assumir um lugar na administração, pelo que alarguei as minhas responsabilidades, competências e oportunidades!».

«"Administração", parabéns!».

«Obrigado… Como estava a dizer… Nesta última empresa acrescentei valor à empresa, criei equipas de trabalho, lancei produtos, estabeleci planos de acção...».

«E qual foi o resultado?».

«Antecipei um ano o “break-even” esperado, e tripliquei a quota de mercado da empresa! Contudo, à medida que profissionalmente triunfava, sentia cada vez mais necessidade de ter formação académica adequada…».

«Defacto se os nossos conhecimentos não estiverem actualizados, seremos ultrapassados! Seremos puramente cilindrados…E a competição neste mercado é muito grande…».

Por outro lado, o conhecimento é o antídoto contra o poder pelo poder! Sempre acreditei que o poder só se exerce quando este advém do mérito e do exemplo… Quero ser obedecida pelos meus subordinados, por admiração, não por hierarquia! Pois no meu conceito, um chefe é para os seus subordinados apenas um colega mais experimentado, sempre pronto a ajudar quem dele precisa de ajuda! E este princípio, é uma forma de abrir horizontes vastos pois proporciona muitos êxitos…».

«Então matriculou-se num curso…».

«Sim… Depois de ter concluído o 12º ano à noite, matriculei-me na faculdade! Sabe que nos dias de hoje os empregos não são para toda a vida…».

«Nem tão pouco a nossa profissão é para toda a vida…».

«Temos que nos adaptar à evolução dos tempos modernos! O Tempo em que se aprendia um oficio que seria para toda a vida, já lá vai… Portanto, o melhor investimento que pudemos fazer, é investirmos em nós próprias. Assim para além de vários cursos na área das Finanças, tirei uma especialização em Marketing e um mestrado em Gestão!».

«Fantástico…».

«Nunca tive medo das sombras… Nem nos tempos que percorria as ruas imundas de Lisboa o tive... É certo que ambiciono poder e dinheiro, talvez porque em tempos não o tive... Mas, ambiciono também realização profissional e independência… E essa independência e realização profissional consegui obter depois de ter criado a minha própria empresa! Portanto, posso afirmar que foi através do meu sucesso profissional e empresarial, que comprei esta casa e tudo quanto tenho…».

«Já falei muito de mim… E o Jesus como chegou a este estado de degradação… Onde está a sua mulher? Chamava-se Mafalda! Não se Chamava?».

«Sim chamava-se Mafalda… O meu casamento foi um sonho lindo e suave enquanto durou... E tornou-se um pesadelo depois de me ser exigida a separação!».

«Todo o casamento chega a um período crítico, a um ponto de inflexão, a partir do qual crescerá rumo a uma realização mais plena e definitiva, ou irá de mal a pior…».

«A Mafaldinha desde menina sonhava com o casamento. Sonhava a entrar na igreja toda decorada com flores, tapetes vermelhos, e cânticos, vestida de branco, com uma grinalda na cabeça, e um comprido véu a varrer o chão, com buquê entre as suas mãos, e ser entregue pelo pai a um lindo príncipe encantado, que sairia da igreja em galope no seu garboso cavalo branco… Mas será o casamento apenas isto?».

«Uma festa…».

«Sim uma festa… Será que o significado do casamento se encerra na cerimónia e na boda? E em nada mais… Será que esta imagem retirada dos contos de fadas se aplica á realidade? Não sei… Apenas sei que a Mafaldinha vivia neste sonho, que era constantemente alimentado pela sua leitura favorita, as revistas ditas "cor-de-rosa"…».

«Bárbara! Fui casado durante vinte e cinco anos! E durante o tempo em que fomos casados, ela e eu fomos cem por cento felizes, pelo menos eu fui muito feliz, pois estava convicto que ela era a mulher ideal para mim…».

«Ainda não a esqueceu…».

«É muito difícil…».

«Parecia ser tão discreta, adorável e amá-lo muito!».

«Sim… Era o que eu pensava, por isso nesse tempo vivia num mundo idílico… Pois nesse meu mundo tudo era perfeito, pois havia sempre Sol… É certo que

de vez em quando havia uma chuva… Mas era só para variar e dar consistência ao casamento! Nesse meu mundo, tudo funciona com precisão!».

«Nata é perfeito…».

«Sim… Só me apercebi no momento em que perdi o controlo da situação e o inevitável aconteceu… Por volta dos meus 45 anos de idade, conheci uma jovem secretária, de 26 anos de idade, que foi deslocada para a minha Direcção, hoje estou convicto que foi por ter um corpo de Afrodite e desse modo, lançar-me sortilégios para me fazer cair em tentação...».

«Uma armadilha!».

«Assim parece… O meu Patrão daquela altura pretendia ter alguns "podres" meus, para me poder manobrar conforme os seus caprichos e interesses! Aliás o que fazia com toda a gente!».

«No início a nossa relação de trabalho foi séria e muito objectiva, até ao dia em que ela me convidou para jantar fora, e nesse jantar descalçou o seu pé direito, e por baixo da mesa subiu-o pelas minhas calças a cima. A partir desse momento, ela abriu a "caixa de Pandora" e soltou os meus desenfreados desejos carnais, antes totalmente voltados para a Mafaldinha! Fiquei cego de desejo…».

«E, nos seus arremedos de amor, ficou sem discernimento…».

«Tudo aconteceu no atropelo da perfeição, das normas e do sossego espiritual!

«Porque não resistiu…».

«Confesso-lhe que esse foi sempre um dos meus maiores defeitos… Pois já o meu pai e o meu tio, os elementos masculinos em que eu me espelhava quando era criança, vangloriavam-se de terem tido um sem número de amantes... O meu pai chegou mesmo a vangloriar-se de ter seduzido diversas artistas bem conhecidas… Eu, pelo contrário, tive poucas namoradas».

«Portanto não resistiu à sedução da secretária…».

«Devido a diversas carências afectivas por que passava na altura, e à necessidade que tinha de me reafirmar como conquistador, fraquejei e deixei-me seduzir por essa linda mulher!».

«Quanto tempo durou essa relação?».

«Foi uma relação sôfrega e muito atribulada, que durou aproximadamente seis meses, que mais me pareceram ter sido seis anos...».

«E como conseguia que a Mafalda nada descobrisse…».

«Mentia à Mafaldinha, dizendo-lhe que estava a conferir Balanços que não balanceavam e todas as mais incríveis desculpas só para poder estar com a Luísa, pois este era o seu nome... O interessante é que sempre que estava com a Luísa, só pensava na minha Mafaldinha… Pelo que logo que o sexo terminava, voltava a correr para casa, com saudades e muitos remorsos do que tinha feito!».

«Mesmo assim, aquele romance era mais forte do que a sua vontade…».

«A Luísa era muito endiabrada na realização de todas as fantasias afrodisíacas… A Luísa era mesmo uma mulher muito endiabrada! E eu era um grande mariola!».

«Reconhece culpa…».

«Talvez… A Luísa estava completamente louca por mim… E por isso deixou muitas pistas para a Mafaldinha descodificar…».

«Pretendia que a Mafalda pusesse um fim ao casamento…».

«Assim parece… A Mafaldinha astutamente fazia-me perguntas sobre marcas de batom no pescoço e fragrâncias adocicadas impregnadas na minha roupa... Um dia a Mafaldinha até encontrou por baixo do banco do “pendura” uma pulseira de bijutaria, que foi uma carga de trabalhos para justificar a sua presença…».

«E não desconfiou que a Mafalda já sabia de tudo?».

«Não… Eu mentia-lhe sempre…».

«A mentira é como o vicio, basta mentir a primeira vez e já não se sai dessa teia!».

«É verdade… Acabei aos poucos por deixar a Luísa, pois a Mafaldinha andava muito desconfiada com as minhas ausências e demoras! A Luísa ficou muito indignada com a minha decisão, pelo que telefonou à Mafaldinha a contar tudo…».

«Meu Deus…».

«Disse-lhe até uma grande mentira, pois chegou a dizer-lhe que estava grávida… E num dia quando eu ainda estava deitado ao lado da Mafaldinha, o telefone do quarto tocou e por este estar na mesa-de-cabeceira da Mafaldinha, ela atendeu-o, pela voz que se fez ouvir através do auscultador, apercebi-me logo que era a Luísa...».

«Estou a ver… E ficou branco como a cal…».

«Encolhi-me na cama e cobri-me com as mantas, como se me quisesse esconder de vergonha que sentia…».

«E a Mafalda… Como reagiu?».

«A Mafaldinha com determinação, só lhe respondia: "isso é um problema somente de vós os dois!" Lembro-me claramente a expressão da Mafaldinha a olhar para os meus olhos como que a dizer-me: "como foste capaz de me mentir e trair, eu que confiei em ti cegamente, nunca mais poderei acreditar em ti"! Depois de ter desligado o telefone não parou de chorar…».

«Como reagiu?».

«Fiquei sem saber o que fazer, pelo que coloquei toda a culpa na armadilha em que tinha caído, mas a Mafaldinha já não acreditava em mim…».

«E a partir daí, ela nunca mais foi a mesma…».

«Não…Passou a vestir-se de maneira provocante, a usar maquilhagem carregada e arranjou um emprego! Eu, submisso, acabei por ser um escravo

das suas vontades, tentando sempre agradá-la, de forma a compensá-la dos meus desvarios, mas ela passou a tratar-me com desdém…».

«E ela sempre lhe foi fiel?».

«Não sei… Foi preciso terem passado alguns anos, para eu perceber algumas mentirinhas dela, do tipo: diz que vai ali, mas foi acolá; que fora ao cabeleireiro mas aparentemente o cabelo estava na mesma, que tinha ido às compras mas faltava o pão em casa etc.».

«Então o ambiente em casa deteriorou-se muito…».

«E por essa razão encontrei refugio num pequeno café localizado à esquina do meu prédio. E por consequência, cheguei diversas vezes a casa um pouco alegre, e a Mafaldinha dizia-me coisas horríveis, o que e levou a estar cada vez mais fora de casa…».

«Depreendo que houve muitas discussões entre vós…».

«Houve, e nessas discussões, passou sempre a citar e a exigir-me a separação, que tinha direitos e blá, blá, blá…».

«Ferirem-se mutuamente é o caminho para uma relação impossível…».

«E tanto mais que numa dessas discussões, referiu que a vizinhança me apelidava de um termo ofensivo…».

«E quis saber que termo era esse…».

«Sim…E ela disse-me que bastava perguntar a qualquer vizinho do prédio…».

«Estou a ver…Ficou muito nervoso…».

«Por isso quis forçá-la a dizer-me qual era o calão que estava a ser apelidado pela vizinhança! Como reacção, ela abriu a porta da rua e saiu correndo, pelas escadas abaixo… numa grande algazarra…».

«E os vizinhos começaram a abrir as portas dos seus apartamentos…».

«Sim… E para a acalmar, sai de casa à sua procura! De súbito via sair do vão da escada e começou logo a acusar-me de bêbado, e que estava a tentar matá-la com uma faca! Fiquei pasmado com a sua criatividade, procurei defender-me das contradições e acabei por lhe tapar a boca com as mãos para não pronunciar mais disparates…».

«E os seus vizinhos?».

«Foi terrível… Agarraram-me e separaram-nos… Alguém chamou a polícia, os vizinhos contaram-lhes que a tentei sufocar, pelo que acabei por ser detido por esta… Presente a julgamento e após várias apelações da defesa, foi mantida a condenação de pena de prisão efectiva de três anos, segundo o auto por "tentativa de um crime de homicídio na forma tentada"…».

«Jesus esteve na prisão?».

«Foi uma grande injustiça! Eu nunca faria mal à Mafaldinha…».

«E como passou o tempo na prisão?».

«Como presidiário fui muito bem tratado, e por todos fui respeitado! Na prisão, acabei por ensinar a muitos presos o mais elementar saber dos números, das letras e da oratória… Aliás, estive preso com alguns políticos, que me perguntaram: "com essa lábia toda porque é que te transformas num político? Lembro-me de lhes ter respondido: "tenho as minhas limitações morais"! Assim, com este passado cinzento, acabei por perder os amigos, e em particular a idoneidade indispensável para exercer a minha profissão… Foi terrível! Fiquei sem alternativas … E nós comemos todos os dias!».

«Aquilo que nos acontece em dado momento tem uma razão de ser, mesmo que não saibamos qual é… Mas o universo sabe!».

«Eu sei… Hoje já nem sei se tenho um saudável apetite pela Vida, ou pelo menos se tenho a morna memória de um apetite para esta!».

«Cada um de nós nasceu com um talento especial e é esse mesmo talento que é a razão da nossa existência neste mundo! O seu talento é gerir os recursos das empresas para as optimizar!».

«Certo! Mas… O que é pior para mim, é que eu ainda a amo muito, sempre a amei, mas pelo que me fez sofrer, tenho a certeza que a reciprocidade já não é verdadeira!».

«Deixemos de lado as coisas que nos deixam muito tristes, seja-mos positivos e práticos! Nada neste Mundo acontece por acaso! Não é sem razão que palavras como “Ah! Se eu soubesse”, “Ah! Se tivesse feito”, “Ah! se tivesse ouvido”, são o prefácio de muitos pensamentos não concretizados… Por isso seja-mos positivos e acreditemos no futuro. Hoje uma empresa não consegue sobreviver com uma liderança fraca, dependente de colaboradores medíocres e estéreis, porém submissos e cumpridores de horários. Por isso estou neste momento a pensar… o Jesus é que me poderia ajudar a organizar a minha empresa… De forma a garantir eficiências que garantam a sua continuidade!».

Jesus com humildade agradeceu a confiança que Bárbara depositou nele. E recordou o dia que a conheceu e em que circunstâncias. E mentalmente dirigiu-se a Deus «Percebi a lição! Mas porque foi necessário sofrer tanto…». Assim, mentalmente agradeceu a Deus a oportunidade que lhe deu, ao proporcionar-lhe renascer, e assim poder mudar tudo o que o fizera infeliz… Na verdade Deus por intermédio de Bárbara, tinha-lhe proporcionado um momento mágico em que um "Sim", ou um “Não", podiam mudar toda a sua existência. E Jesus escolheu o “Sim”, uma vez que sempre acreditou que uma atitude positiva frente à Vida, permitir-lhe-ia superar todos os obstáculos e escolhos que lhe surgissem no caminho para uma Vida mais rica, feliz e plena.

No tapete branco felpudo do estúdio, o “Boby” dormia profundamente com o focinho em cima do dorso da “Lady” e parecia estar a sonhar com premeditações de dias muito felizes.